

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 28 de Agosto de 1997 • Preço: 180\$00 (IVA incluído) • N.º 1239 • Director: Carlos Brito

Estradas pela vida

Quando a circulação automóvel causa uma média de 6 mortos por dia, a culpa morre solteira. Toda a gente aponta o dedo, ninguém se penitencia.



■ João Amaral

Pág. 23

Governo PS na Função Pública

Das promessas ao descontentamento

■ Paulo Trindade

Pág. 25

TRABALHADORES

CGTP

faz 5 exigências para o combate aos acidentes no trabalho

Pág. 7

Carvalhas no comício da Costa da Caparica

CONFIANÇA NUM GRANDE PROJECTO

«Nós vamos para as eleições autárquicas com uma grande confiança porque temos um grande projecto, obra feita e candidatos que conhecem a realidade e que vão para as autarquias não para se servirem delas para trampolim político, ou benefícios próprios, mas para resolverem os problemas das populações e com as populações.»

Pág. 5

Comunicado da Comissão Política

- O PCP contra os atentados à proporcionalidade na lei eleitoral
- A regionalização e a falta de escrúpulos do líder do PSD

Pág. 22

INTERNACIONAL

Colômbia

O movimento guerrilheiro em luta há 30 anos pela igualdade e pela justiça

Págs. 10 e 11.



Para a semana há festa!

5, 6 e 7 de Setembro na Atalaia





Comício na Costa da Caparica, com Carlos Carvalhas

RESUMO

20
Quarta-feira

A Confederação da Indústria avisa que os aumentos salariais para 1998 devem ser menores do que os deste ano ■ O Governo francês apresenta um projecto que prevê a criação de 350 mil postos de trabalho para os jovens no sector público ■ Na Palestina, inicia-se uma «reunião de unidade nacional» ■ A aviação israelita realiza três ataques ao Líbano, fazendo quatro feridos ■ Na República Serpska, tropas da Sfor neutralizam polícias golpistas adeptos de Radovan Karadzic.

21
Quinta-feira

A propósito da sinistralidade, a CGTP-IN acusa os empresários de preferirem pagar as reparações irrisórias em vigor do que investir na prevenção dos acidentes de trabalho ■ Os trabalhadores do Chiado ameaçam fazer uma greve de fome se não virem os seus problemas resolvidos ■ O Parlamento turco aprova uma lei de amnistia parcial que permite a libertação de seis dos 89 jornalistas detidos no país ■ Um grande incêndio, possivelmente de origem criminosa, destrói parte da reserva ecológica do Poço das Antas, no Brasil ■ O tufão «Winnie» provoca 241 mortos na China.

22
Sexta-feira

O Ministério do Equipamento divulga uma nova portaria que aumenta o período de repouso e o serviço dos pilotos em todos os limites excepto o anual ■ O jornal *Jakarta Post* afirma que Suharto vai recusar o pedido de Nelson Mandela de libertar Xanana Gusmão ■ Diversas organizações, nomeadamente o PS francês, criticam João Paulo II por homenagear Lejeune, destacado militante contra o aborto ■ A ONU condena o bloqueio de Israel aos territórios palestinos ocupados e o congelamento de fundos devidos aos palestinos ■ Enquanto os combates continuam nas ruas, o Governo e a oposição queniana continuam sem se entender ■ A Tanzânia, a RD do Congo e o ACNUR assinam um acordo para o repatriamento de 74 mil refugiados congolezes em território tanzaniano ■ Os cosmonautas da Mir consertam os cabos desligados na estação orbital, restabelecendo a electricidade.

23
Sábado

Carlos Carvalhas participa num comício-festa da CDU, na

Costa da Caparica ■ Uma tempestade abate-se sobre a cidade de Beja ■ Konis Santana, chefe da guerrilha timorense, admite ponderar a hipótese de o território vir a ser um Estado associado à Indonésia ■ O presidente colombiano admite dialogar com membros da guerrilha ■ A situação militar continua a degradar-se no sul de Angola.

24
Domingo

As principais organizações de defesa dos emigrantes em França criticam o Governo francês por não cumprir as promessas eleitorais em relação à legalização de estrangeiros ■ Yasser Arafat apela à comunidade internacional para que pressione Israel para que levante o bloqueio imposto a Belém ■ Ocorrem combates entre os exércitos indiano e paquistanês na fronteira de Caxemira ■ O ex-presidente queniano Kenneth Kaunda promete continuar a lutar até que o actual governo abandone o poder ■ O pianista de jazz Tete Montoliú morre em Barcelona.

25
Segunda-feira

Os exames de condução passam a ser mais exigentes e mais demorados ■ Milhares de brasileiros manifestam-se na Baía contra a prostituição infantil ■ Egon Krenz, dirigente da ex-RDA durante três meses, é considerado culpado pela morte de três pessoas que tentaram fugir para o Ocidente e condenado a seis anos e meio de prisão ■ Helmut Kohl afirma que não haverá qualquer remodelação no seu governo ■ O Japão pede o fim do bloqueio israelita aos territórios palestinos.

26
Terça-feira

Nelson Mandela recebe o enviado pessoal do secretário-geral da ONU para a questão de Timor-Leste ■ Inquérito sócio-económico revela que bolsos de estudo chegam apenas a metade dos estudantes que têm rendimento familiar abaixo dos 100 contos ■ Frederik de Klerk abandona a chefia do Partido Nacional sul-africano ■ Novo balanço de massacres na Argélia indica que mais de 117 pessoas foram mortas entre domingo e segunda-feira ■ Um total de 50 por cento dos pedidos de reapreciação dos exames do secundário resultou no aumento das classificações.

EDITORIAL

Muita parra

O discurso com que o primeiro-ministro, António Guterres, retomou, ainda em mangas de camisa e no Algarve, a actividade política e partidária, não pode ter deixado de provocar na grande maioria dos portugueses um sentimento de frustração e de protesto.

A orquestração que as televisões e demais comunicação social organizaram para promover a decantada «rentree», fazendo o contraponto entre a prestação do primeiro responsável do Governo e do PS com os discursos dos líderes do PP e do PSD, não deve ter atenuado este sentimento, muito pelo contrário.

O Secretário Geral do PCP, Carlos Carvalhas, bem preveniu na noite de sábado: «Nos comícios que hoje se realizam e nos próximos dias não vão faltar os desafios, as críticas mútuas, os ultimatos e as declarações de grande oposição verbal... Far-se-ão muito zangados... Mas nas questões essenciais não há zangas nem disfarces.»

Não faltaram, também, jogadas de antecipação e diversão, factos políticos para entreter os «media», tiradas demagógicas, linhas de ataque ao regime. Faltaram sim respostas aos mais agudos problemas que afligem os portugueses. Tudo no estilo de muita parra e pouca uva.

A imprensa registou em relação ao discurso de Guterres a especial frieza com que foi recebido por aqueles que o presenciaram «ao vivo», apesar de na sua grande maioria serem apoiantes do PS.

O optimismo primo-ministerial quando faz o balanço da actividade governativa é tão excessivo que nem mesmo os mais ferrenhos correlegionários de base se reconhecem nele.

Depois das inquietantes notícias que têm vindo a público a propósito da elaboração do Orçamento para 1998, onde avulta o anunciado referencial de 2,6 por cento para os aumentos de salários que provocou a reacção indignada das organizações representativas dos trabalhadores, era de esperar que o primeiro-ministro se detivesse nesta matéria e esclarecesse com que é que efectivamente se pode contar. Não o fazendo confirmou implicitamente as piores expectativas em relação à posição do Governo. O mesmo acontecendo com as alarmantes notícias sobre os cortes no investimento público e os demais «sacrifícios» que o Governo impõe ao país em nome da corrida para a moeda única.

Falando no Algarve é significativo que Guterres tenha ignorado a crise das pescas e das conservas, não tenha tido uma palavra para o afundamento da horto-fruticultura em face da concorrência espanhola e que tenha passado ao lado do desemprego, com a referência optimista de que «está a diminuir», numa região onde com a passagem do Verão ele vai aumentar severamente.

É muito importante registar, também, que a política económica e social do Governo, não mereceu qualquer reparo a Marcelo Rebelo de Sousa como se viu no seu longo discurso do passado domingo. Para quem ainda tenha dúvidas aqui está mais uma demonstração da grande consonância dos dois partidos - PS e PSD - aliás já amplamente demonstrada no vergonhoso acordo de revisão da Constituição, no escandaloso processo das privatizações e nas mais flagrantes mutilações da soberania nacional consentidas no quadro da integração europeia.

Estão ambos interessados, por isso mesmo, em que as ásperas questões da luta de classes - os salários, a precarização, os horários de trabalho, as 40 horas, o emprego, os direitos dos trabalhadores e as escandaleiras dos régios favores prestados pelo Governo ao grande capital - sejam o mais possível silenciadas e não se tornem, em caso nenhum, matérias da primeira linha da actualidade política.

Foi, por tudo isto, muito oportuna a tomada de posição da Comissão Política do PCP, apresentada por Luís Sá, na conferência de imprensa da passada terça-feira, ao prevenir em nome do Partido que «por mais que o PS e o PSD o tentem, não conseguirão arredar da agenda e da cena política as lutas e os problemas dos que trabalham, dos que menos têm, dos que sofrem, dos que precisam de solidariedade, protecção e auxílio». Um mês de Setembro carregado de problemas, que vão desde os protestos contra a votação final global da revisão da Constituição ao firme combate à política de rendimentos e preços que o Governo e o patronato pretendem impor na contratação colectiva, vai demonstrar que os comunistas têm razão.

Não faltaram, também, jogadas de antecipação e diversão, factos políticos para entreter os «media», tiradas demagógicas, linhas de ataque ao regime. Faltaram sim respostas aos mais agudos problemas que afligem os portugueses. Tudo no estilo de muita parra e pouca uva.

O PCP reagiu, assim, com grande firmeza e clareza, na referida conferência de imprensa, à tentativa do PS para fixar o debate político em torno da alteração da lei eleitoral para a Assembleia da República, com a criação de círculos uninominais, pretendendo fazer esquecer os fracassos da sua governação e os vergonhosos acordos com a direita, nomeadamente, na revisão da Constituição. Reagiu, da mesma forma, às tentativas dos partidos da direita - PSD e PP - para fixarem o debate político em torno da regionalização fazendo esquecer os seus acordos e entendimentos com o Governo PS em praticamente todas as matérias essenciais.

Ao mesmo tempo, os comunistas desmascararam e refutaram as teses do PS em relação à criação dos círculos uninominais nas eleições para a Assembleia da República e as da direita em relação à regionalização e esclareceram as suas próprias posições nestas duas importantes matérias.

Em relação às alterações da lei eleitoral para a Assembleia da República, salientaram em síntese: «O PCP reafirma que dará um enérgico combate a todos os projectos de lei eleitoral que, de forma directa ou indirecta, atentem contra a proporcionalidade quer a nível global quer a nível de cada círculo e ofendam a representação pluralista e equitativa das diversas forças políticas no Parlamento, beneficiando umas e discriminando e prejudicando outras.»

Em relação à regionalização, depois de porem a nu as atitudes antidemocráticas e o chorrilho de deturpações e falsidades em que se comprazem os líderes do PSD e do PP, os comunistas esclareceram: «Para o PCP a regionalização não é uma nova burocracia, mas sim a possibilidade de democratizar a administração periférica e combater a burocracia existente, dando ao povo a liberdade de escolher titulares de cargos públicos que actualmente são nomeados.»

Entretanto, no amplo debate político que já está a travar-se pelo país inteiro em torno das eleições para as autarquias locais, os comunistas intervêm «com uma grande confiança», como salientou Carlos Carvalhas, na Costa da Caparica, «porque temos um grande projecto, obra feita e candidatos que conhecem a realidade e que vão para as autarquias (...) para resolverem os problemas das populações e com as populações».

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Socio Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Socio Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7^a-A, 1100 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matricula: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7^a-A,
— 1100 Lisboa.
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota — Linbó — 2710 Sintra
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lx 227 — 4470 Maia
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7^a-A 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7^a-A 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Imprensa
Heska Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal n.º 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EXTRA-EUROPA
50 números: 8 100\$00; 25 números: 4 200\$00	50 números: 46 100\$00
EUROPA	GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE e MACAU
50 números: 28 600\$00	50 números: 33 850\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____
Morada _____ Telef. _____
Código Postal _____
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

ACTUAL

Novidade requeitada

Afinal a «grande novidade» que o primeiro-ministro tinha reservado para o comício de Faro, do passado sábado, era a sua requeitada «reforma eleitoral», de que anda a falar há mais de três anos.

O mais curioso é que a generalidade da comunicação social tratou o assunto como se de novidade se tratasse.

Ora o líder do PS lançou o tema, pela primeira vez, em 1994, num discurso do 25 de Abril, na Assembleia da República. Retomou-o dias depois numa conferência de imprensa, a 18 de Maio desse mesmo ano, onde chegou a apresentar como prontas «as bases» de uma lei eleitoral para a Assembleia da República, onde metade dos deputados passariam a ser eleitos em círculos uninominais.

Já então, Guterres, ainda na oposição, anunciava para esbater as resistências à sua proposta que não queria em caso nenhum prejudicar o princípio de representação proporcional.

Saliente-se, no entanto, que nunca até hoje, e apesar dos múltiplos desafios que lhe têm sido lançado pelo PCP, Guterres ou o seu partido foram capazes de apresentar qual-

quer esboço de articulado que mostre a possibilidade de conciliar os círculos uninominais com o anunciado respeito pela representação proporcional.

No passado sábado, o primeiro-ministro voltou a desdobrar-se em garantias e condições para adoçar a pílula dos círculos uninominais. Promete mais ou menos a quadratura do círculo, mas depois, quando efectivamente se, tratar de fazer a lei, há-de vir dizer que a dura realidade política não se compadece com as suas generosas intenções, nem com artificiosas soluções.

Sejam quais forem os disfarces, a «reforma eleitoral» de Guterres, tal como outras que a direita defendeu, tem em vista facilitar as maiorias de governo, absolutas ou próximas disso, através da adulteração da transformação de votos em mandatos de forma a favorecer o partido ou os partidos com maior votação em detrimento dos demais.

Foi, por isso, um espectáculo ouvir o hino que o primeiro ministro entoou aos deputados («em número significativo») eleitos nos círculos uninominais: os que aproximariam os eleitores das instituições, os que seriam

conhecidos das populações e que realmente as representariam», etc.

E os outros? Qual seria o seu papel?

Se uma tal lei viesse a vingar criando deputados de 1ª, 2ª e não sei se de 3ª categoria, não é difícil imaginar um novo estilo de debates na Assembleia da República.

Um «deputado uninominal», por exemplo no debate do orçamento, rebateria um colega «deputado proporcional» dizendo-lhe «eu é que me aproximo dos eleitores, é em mim que eles se revêm, a minha opinião é que vale, não a sua que os eleitores não conhecem, que foi metido nas listas pelo partido e que é um mero representante do aparelho».

É claro que o «deputado proporcional» poderia responder-lhe «o colega é um produto rural, folclórico, um cacique fabricado pelo partido para enganar o eleitorado e mais de metade da sua circunscrição não votou em si. Não se iluda!»

Acham que isto é que vai aproximar os eleitos dos eleitores ou distanciar-los ainda mais?

■ Carlos Brito

Medicamentos - I

A sensaboria da chamada *rentrée* política não esconde o óbvio: o esforço dos responsáveis do PS para descentrarem a atenção dos principais problemas do país e a colaboração que obtêm nesse plano por parte dos partidos da direita pela dificuldade que estes têm de formularem diferenças substantivas em relação ao fundamental da acção governativa.

Não faltam, porém, questões actuais que bem justificariam os holofotes da comunicação social e a atenção e o debate públicos.

É o caso da política do medicamento que o Governo tem vindo a concretizar e que configura um autêntico escândalo nacional.

Deixa-se de lado a referência a decisões como a do aumento de 8% do preço dos medicamentos até mil escudos ocorrida há meses, apesar dos seus pesados efeitos sociais, para concentrar a atenção numa questão muito mais grossa: o acordo celebrado pelo Governo com a APIFARMA, associação onde prevalecem os interesses dos potentados multinacionais da indústria farmacêutica que já dominam cerca de 90% do mercado nacional. Acordo cujo carácter ruinoso foi assinalado pelo PCP na altura da sua subscrição e que os dados mais recentes vêm confirmar inteiramente.

Sublinhem-se dois aspectos. Primeiro: que os gastos totais em medicamentos tem crescido significativamente no nosso país nos últimos anos e que esse facto está em grande parte relacionado com o empolamento dos preços dos novos produtos lançados pelas multinacionais — estatísticas internacionais evidenciam que os preços médios de comercialização desses produtos têm vindo a

situar-se em Portugal muito acima de países como a França, a Bélgica e até a Suécia... E, segundo: que no referido acordo celebrado pelo Governo com a APIFARMA, em troca de uma generosa tabela de aumentos dos medicamentos a praticar em 1998 e em 1999 e de outras benesses para as multinacionais, o Governo «obteve» uma contribuição das empresas farmacêuticas caso a despesa com a comparticipação de medicamentos crescesse em 1997 acima dos 4% e até 11%, acompanhada pela «enigmática» cláusula de que não seria recebida qualquer contribuição da indústria farmacêutica relativamente a valores de crescimento de despesa superiores a 11% ...

Será assim surpreendente que, depois de terem assinado esse acordo com o Governo, as multinacionais farmacêuticas tenham feito disparar a facturação de medicamentos, no presente ano, muito acima dos 11%? Como se pode ver pela facturação líquida de Junho de 1997, que é superior em 18.5% em relação à de Junho do ano passado. E como se pode observar, também, quando se compara a facturação do primeiro semestre de 1997 (mais de 78 milhões de contos) com a do primeiro semestre de 1996 (68 milhões de contos), o que representa um acréscimo de 15.1%.

Não é bom para as multinacionais farmacêuticas haver em Portugal um Governo assim?

■ Edgar Correia

ANGOLA
no Conselho de Segurança

A medida que o tempo passa vamo-nos apercebendo da verdadeira hipocrisia com que o Conselho de Segurança das Nações Unidas analisa o conflito angolano que opõe o governo legítimo de Angola à UNITA pelo facto desta organização político-militar não respeitar os resultados eleitorais.

Toda a gente compreendeu que a UNITA é a responsável pelo conflito.

A administração Clinton bem o sabe. Mas, não só não quer deixar cair o velho aliado, como também sabe que a permanência da instabilidade em Angola impede o país de recuperar economicamente e é susceptível de proporcionar pressões directas e indirectas. Só assim se explica o adiamento no passado dia 15 de sanções a aplicar à UNITA pelo facto de desrespeitar a letra e o espírito dos Acordos de Lusaca. O quadro negocial que levou à realização de eleições em Angola foi patrocinado pelas Nações Unidas que supervisionaram todo o processo. As Nações Unidas voltaram a envolver-se nas complexas negociações que levaram aos Acordos de Lusaca. Nos termos daqueles acordos a UNITA recebeu inúmeros postos, dos mais elevados, quer na administração central, quer regional. Para um partido que perdeu as eleições receber centenas e centenas de postos políticos é obra. Mas assim se passaram as coisas e para tentar salvaguardar a paz e impedir que a guerra continue a devastar o país e para apaziguar a ira bélica de Jonas Savimbi. Só que a voracidade do Senhor da Guerra não tem limites. E, por isso, desaparecem cerca de vinte e cinco mil militares da UNITA. Onde estarão? A segurança de Savimbi é maior que alguns exércitos. As províncias que a UNITA tinha sob controle militar mantêm-se, impedindo que o Estado angolano estenda a sua administração a todo o país. É admissível que o governo de um país não possa estender a sua administração a várias províncias desse mesmo país? A rádio Vorgan continua a emitir no seu estilo belicista e a dar instruções para as tropas da UNITA.

Evidentemente que não há processo de paz que resista a tais vicissitudes, pois estas atitudes da UNITA só podem significar que continua a apostar na guerra para fazer valer as suas opções.

A própria mediação e a Troika dos países observadores do processo de paz em nota difundida em Luanda em 14 de Agosto.... «deploram, uma vez mais, o carácter tardio e inaceitável das reacções da UNITA.» E mais adiante afirma..... «Quanto aos efectivos militares, estes continuam muito incompletos e quanto ao armamento, os dados são irrisórios.....»

Não pode haver, pois, dúvidas que é a UNITA que não cumpre e não se adapta a um quadro democrático, plural e na sociedade angolana.

O povo angolano optou por eleições livres. Deu a vitória ao MPLA. É provável que haja quem não goste. É um direito. Mas há que respeitar as opções dos angolanos. Não se pode pôr no mesmo prato da balança o MPLA e a UNITA, como faz Miguel Sousa Tavares no Público de 08.08.97, pois isso é eliminar a base aceite por todos (UNITA, MPLA e comunidade internacional) para resolver o conflito. Os angolanos em eleições optaram pelo MPLA, e os escândalos de fala MST não invalidam aquela base, e diga-se que escândalos também os há noutros países. Dizer que MPLA e UNITA são igualmente responsáveis é contribuir para que o causador da guerra continue a sua acção.

Comparar o processo angolano à ocupação de Timor Leste pela Indonésia só em período de férias e sob altíssimas temperaturas.... Que se realizem eleições livres na Indonésia, abrindo as portas dos cárceres, permitindo a legalização dos partidos políticos, e reconhecendo ao povo maubere o direito à autodeterminação.

O conflito em Angola existe porque se trata de um país riquíssimo. E suscita a cobiça. Só que a direcção do país deve pertencer a quem venceu as eleições. É tão só isto. E por «isto» Savimbi que as perdeu quer continuar a meter a mão às riquezas do país. Com o apoio dos velhos amigos, como por exemplo Jesse Helms, Presidente da Comissão do Senado norte-americano de relações exteriores que tenta impedir que o Conselho de Segurança decreta sanções à UNITA. E com o apoio de outros, até de ilustres portugueses, que continuam a considerar (só em Angola) que quem perde eleições tem os mesmos direitos de quem a ganha.

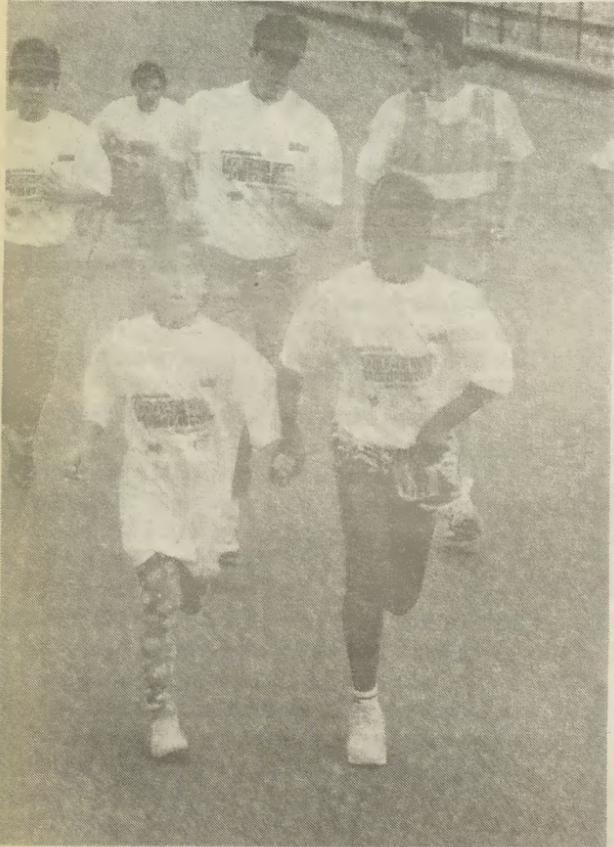
Basta de hipocrisia. Ataque-se o mal pela raiz. Force-se a UNITA a respeitar os Acordos que assinou. Para Angola poder respirar finalmente.

■ Domingos Lopes



Foto: Jorge Caria

SEMANA



Contra o racismo

Cerca de três mil jovens de todo o país participam, nos dias 5, 6 e 7 de Setembro, na Praia do Pedrógão, Leiria, no Acampamento Nacional Contra o Racismo, iniciativa inscrita no programa de actividades do Ano Europeu Contra o Racismo.

Durante os três dias, os jovens presentes no acampamento vão participar em seminários sobre temas ligados à "discriminação", em desportos radicais, feiras, ateliers de arte e numa garrafeira em plena praia.

Concertos musicais serão uma constante no parque de campismo do Pedrógão durante a realização do acampamento, com a organização a garantir a presença permanente de uma equipa de 200 pessoas, constituída por assistentes de produção, técnicos especializados, segurança, médico, membros da Cruz Vermelha e assessores de imprensa.

Em Janeiro, em Haia, foi apresentada uma Declaração que, entre outros pontos, aponta para o "redobrar de esforços para combater o racismo, a xenofobia e o anti-semitismo, onde quer que se manifestem".

A Declaração lança um apelo "a todas as instituições europeias, às autoridades públicas, às organizações privadas e aos cidadãos, aos níveis local, nacional e europeu, para que contribuam no dia a dia, na escola, no local de trabalho e nos meios de comunicação social, para a luta contra o racismo, a xenofobia e o anti-semitismo".

A lição de Pinochet

Pinochet, o antigo ditador chileno, hoje ainda comandante-chefe do Exército, deu a



semana passada a sua última lição a centenas de alunos da Academia Militar de Santia-

go. Uma lição em que defendeu o golpe fascista, argumentando que "nos tempos de Salvador Allende a subversão comunista ameaçava levar o país para a ruína", perante o silêncio do ministro da Defesa, democrata-cristã.

A sua dissertação foi acompanhada com imagens de um vídeo que começava com as tropas do III Reich a entrar em Paris.

A terminar a sessão, a assistência entoou o hino nacional, incluindo a estrofe acrescentada nos tempos da ditadura, e posteriormente retirada.

Protestos na agricultura

A decisão do governo de limitar as indemnizações pela perda de colheitas aos agricultores que aderiram ao sistema de seguros e contribuíram para o fundo de calamidades, criados no ano passado, gerou um generalizado coro de protestos.

Mais de 85% dos agricultores ficam de fora. Percentagem por demais significativa para ser possível ignorar e que naturalmente traduz problemas concretos.

Em véspera desta tomada de posição por parte do governo, a Confederação Nacional da Agricultura (CNA) alertava já para o facto.

"A descapitalização do sector, as más experiências de anos anteriores e os preços dos seguros têm impedido adesão significativa dos agricultores aos seguros agrícolas", refere a CNA em comunicado de



1992 e 1996; o desaparecimento de 138.814 explorações agrícolas entre 1989 e 1995; a quebra de 12% no rendimento agrícola e de 39% nos preços dos produtos agrícolas.

Tudo isto - denuncia o documento da CNA - "num país em que 78% das explorações têm dimensão económica inferior a 1.900 contos/ano/família e 90% das ajudas provenientes da reforma de 92 vão parar ao bolso de apenas 10% dos agricultores (grandes agricultores e proprietários absentistas)".

Hoechst em causa

O Partido Ecológico "Os Verdes" manifestou o seu veemente repúdio pelo acordo firmado entre a empresa alemã Hoechst e a holding indonésia Multikarsa Investments, que considera demonstrar um grave desrespeito pela causa timorense, para além de ter como consequência o controle de uma empresa localizada em Portugal pela holding indonésia.

Em requerimento dirigido ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, "Os Verdes" questionam sobre as medidas a ser tomadas no sentido de inviabilizar o referido acordo e marcar "uma posição política firme de repúdio e condenação".

A Federação dos Sindicatos da Química (FEQUIFA) reclamou igualmente do Governo português que tome as medidas necessárias para inviabilizar "a concretização de um negócio manchado pelo sangue de milhares de timorenses".

A FEQUIFA considera que a multinacional alemã Hoechst dispõe de meios que lhe permitem nego-

ciar com outros parceiros que não os indonésios de modo a garantir os postos de trabalho na Hoechst Fibras de Portalegre.

A FEQUIFA classifica de "capitalismo selvagem" o negócio anunciado entre a Hoechst e a empresa indonésia Sinivasan, de que é proprietário um amigo da família Suharto e diz que os sacrifícios

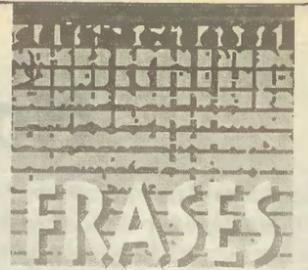
suportados pelo povo de Timor-Leste "tornam intolerável qualquer negócio como este".

Também a Associação dos Médios e Pequenos Empresários Portugueses (AMPEP) criticou o "comportamento passivo" do governo, que relaciona com a introdução de alterações no regulamento comunitário que

imprensa em que igualmente se avança com uma detalhada crítica aos efeitos "fortemente penalizadores" da Reforma da PAC/2, considerando-se a nova proposta de Reforma ainda mais penalizadora.

A CNA indica alguns números que reflectem a degradação da situação na agricultura.

É o caso do crescimento do deficit de produtos agrícolas em 52,5%, entre



"Foi a combinação destes dois factores - candidatos rejeitados e professores mal pagos - que criou, deliberada e conscientemente, um «mercado» para as chamadas universidades privadas. E é preciso dizer que, nestas condições, elas dificilmente poderiam oferecer um serviço de boa qualidade."

(Manuel Villaverde Cabral, "Diário de Notícias", 25.08.97)

"As «privadas» só podem ganhar dinheiro a vender diplomas universitários porque vivem, em boa parte, à custa do sector público, o que também não é novidade na sociedade portuguesa, onde boa parte da chamada iniciativa privada, vive, na realidade, encostada ao Estado."

(Idem, Ibidem)

"Isto de falsificar a história só depende do ponto de vista. O candidato do PSD no Porto não acredita no holocausto, o de Sintra investigou e descobriu que Salazar era pró-aliado e muito respeitado destes. Será que vai aparecer algum candidato a uma câmara equidistante a duvidar que tenha havido guerra entre 39 e 45?"

Miguel Sousa Tavares, "Público", 22.08.97

"A estabilidade do PS é o poder absoluto e do capital e a essa dizemos não."

(Carlos Carvalhas, "Diário de Notícias", 25.08.97)

"(O PS, em relação às universidades) adoptou o modelo inverso ao que defendia antes das eleições legislativas."

(António Silva, "Diário de Notícias", 2.08.97)

"O eng. Guterres promete mas não faz. O eng. Guterres é um homem de muitas palavras mas não tem uma só palavra."

(Marcelo Rebelo de Sousa, "Diário de Notícias", 25.08.97)

"Penso que cada nação merece o seu próprio presidente. Quando formos mais espertos, o nosso governo será mais esperto."

(Nikita Mikhailov, "Diário de Notícias", 25.08.97)

IGAT compromete Saleiro

A inspecção ordinária ao Município de Almodôvar, realizada pela Inspeção Geral da Administração do Território (IGAT) em Agosto de 1995 e relativa ao actual mandato e ao anterior, detectou "a prática constante e reiterada de ilegalidades graves" na Câmara, além de irregularidades e deficiências diversas.

António Saleiro, neste momento Governador Civil de Beja, era então presidente da Câmara.

Um processo que se arrasta há dois anos e de que a divulgação dos resultados foi recusada pela actual presidente da Câmara por evidentes motivos políticos.

Em 18 de Maio, num comício em Baleizão de homenagem a Catarina Eufémia, Carlos Carvalhas denunciara "inspecções, inquéritos e sindicâncias feitos por medida" em municípios de maioria CDU, desafiando o governo a divulgar os resultados das inspecções a "Almodôvar ou Tarouca, só para dar alguns exemplos".

Um desafio que teve resposta diversa. Às reais tentativas de ocultação de todo este processo, meteu ombros o "Diário do Alentejo" que agora divulga nas suas páginas os significativos resultados da inspecção da IGAT.





Carlos Carvalho na Costa da Caparica

São cada vez mais os que não acreditam neste Governo

São cada vez mais os que não acreditam neste Governo. Nem a chuva que caiu sem cessar, nem a falta de luz que se fez sentir durante algum tempo fizeram arredar pé às muitas centenas de pessoas que no sábado passado se deslocaram à Praça da República, na Costa da Caparica, para assistir ao comício que a CDU aí realizou e ouvir, entre outros intervenientes, o Secretário-geral do PCP, Carlos Carvalho. Depois do jovem Bruno Dias, da Comissão Política da JCP e candidato à Assembleia Municipal de Almada, ter proferido uma breve intervenção, foi a vez de Firmino Mendes, cabeça de lista à Junta de Freguesia da Costa da Caparica, abordar os projectos que a CDU tem para a freguesia e divulgar os compromissos que enquanto cabeça de lista da Coligação está disposto a assumir perante o eleitorado. Maria Emília de Sousa, candidata à Presidência da Câmara Municipal de Almada, numa intervenção bastante circunstanciada, falou da imensa obra da CDU no município e dos projectos que têm animado o Executivo a que há vários anos preside, mostrando-se confiante na recondução da CDU à frente dos destinos do concelho nos próximos anos.

Carlos Carvalho (de cuja intervenção transcrevemos a seguir alguns extractos) denunciou a quase total identidade entre PS e PSD nos «principais eixos da política nacional», identidade que tem levado ao «desencanto», à «frustração» e ao «protesto». A revisão da Constituição e a Regionalização foram outros temas analisados por Carlos Carvalho que, também nestas matérias, não poupou críticas a socialistas e a sociais-democratas, defendendo que só o PCP e a CDU cumprem o que prometem.

«Este nosso comício na Costa da Caparica realiza-se a duas semanas da Festa do Avante a grande festa de juventude, a maior festa político partidária e a maior festa político

cultural do nosso país onde formalmente e de facto relançamos a nossa actividade política geral após férias. Mas esta nossa iniciativa permite-nos sublinhar alguns aspectos da situação política, numa altura em que são cada vez mais os portugueses que se sentem frustrados, desencantados e até mesmo em oposição em relação à política do Governo e que reclamam uma nova política. A estes nós dizemos: se querem uma nova política reforcem o PCP e a CDU, a força que cumpre o que promete! A força que defende os valores da esquerda! De facto nós poderíamos daqui da Costa da Caparica sugerir aqueles que realizam um comício na doca de Faro que indiquem com verdade aos

seus militantes, vá lá, cinco ou seis grandes diferenças nos principais eixos da política nacional, em relação à política cavaquista, em relação ao PSD. Só cinco ou seis grandes diferenças. Aqui fica a sugestão. Na verdade não há diferenças essenciais no que respeita à política económica, nem à política de concentração da riqueza e de privilégio à alta finança, nem em relação à política de Maastricht e europeia, nem em relação ao envelhecimento e à desertificação do interior do país, nem em relação ao combate à droga, à toxicoddependência e à insegurança. Nem à vergonhosa utilização do aparelho do Estado para fins partidários e para a campanha eleitoral do Partido do Governo. É um des-

caramento. Daí o desencanto, a frustração e o protesto. Por isso um militante socialista há poucos dias em carta aberta a um dirigente afirmava que «a paciência tem limites». Dizia ele que a política do Governo tem ferido princípios básicos da política de esquerda e lembrava a votação do PS na lei do aborto e a revisão constitucional outro «autêntico aborto», segundo as suas próprias palavras, criticando ainda essa «maneira de estar na política sem espinha dorsal, que não é carne nem peixe»

«Nos comícios que hoje se realizam e nos próximos dias não vão faltar os desafios, as críticas mútuas, os ultimatoss e





as declarações de grande oposição verbal nomeadamente entre o PS e PSD e o PP. Farsão muito zangados. Mas no dia três de Setembro lá estarão em coro e em uníssono a votar a revisão da Constituição da República Portuguesa! Nas questões essenciais não há zangas nem disfarces. No dia três lá estarão, conforme combinado, PS e PSD a votar favoravelmente o vergonhoso e indecoroso acordo. É a votação de uma revisão que satisfaz as principais exigências da direita a que deu voz o general Soares Carneiro, uma revisão para a manipulação de leis eleitorais e que deixa a regionalização a partir da sua promulgação, nas mãos do PSD e do PP. Esta é que é a realidade. Só com desdém é que o PS pode afirmar que a regionalização não pode continuar à espera do PSD. O engenheiro Guterres sabe muito bem que após a promulgação da Revisão da Constituição da República, todo o andamento da regionalização fica nas mãos do PSD e do PP. Até às autárquicas o PS vai continuar a acenar com a regionalização para efeitos eleitoralistas, designadamente no Algarve e no Porto mas sabe que com a negociata da Revisão feita com o PSD, a regionalização está seriamente comprometida. É assim na regionalização, como é na política económica, como é na educação e na saúde, como é também na política de benesses aos grandes e muito grandes.

«E a política do dueto PS/PSD sempre com a prestimosa bengalinha do PP, que ao longo dos anos tem permitido o acumular de fortunas num pólo e no outro a extensão das dificuldades, da pobreza e da falta de emprego, nomeadamente da juventude e das mulheres. Com a continuada política neo-liberal e de retórica social, Portugal é o campeão na Europa dos índices de pobreza, da acentuação das desigualdades, dos baixos salários, das baixas reformas, da precarização do trabalho. Nisto vamos à frente. São mais recordes que os conquistados recentemente pelas nossas atletas em Atenas... Mas para o Governo o que conta é o «poder», é ter o apoio da alta finança, é o estar sentado à mesa do Orçamento. A estabilidade não é o poder absoluto. A estabilidade passa pela resposta aos problemas do desempre-



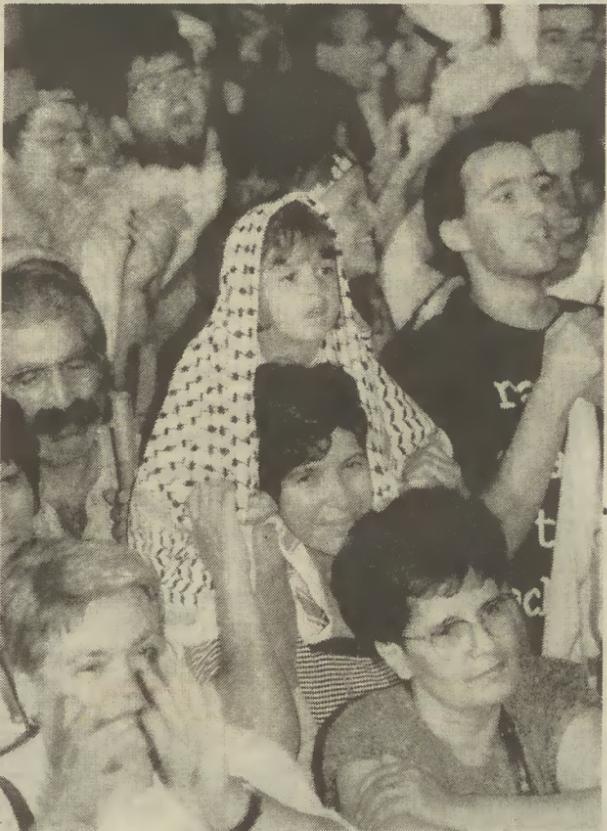
A abrir e encerrar o comício, actuaram Luisa Basto, Nuno Gomes dos Santos e Mané.

go, nas saídas profissionais para a juventude, na rapidez da justiça, na melhor distribuição do rendimento nacional, no alívio da situação aflitiva em que vive a maioria dos nossos

reformados e deficientes. A estabilidade não passa pelas negociatas na saúde, no ensino, na habitação social, no aperto do cinto dos trabalhadores da função pública ou numa políti-

ca de liquidação do nosso aparelho produtivo. Os grandes grupos económicos já estão na grelha de partida para a corrida aos chorudos lucros com a saúde de todos nós.

«Nós vamos para as eleições autárquicas com uma grande confiança porque temos um grande projecto, obra feita e candidatos que conhecem a realidade e que vão para as autarquias não para se servirem delas para trampolim político, ou benefícios próprios, mas para resolverem os problemas das populações e com as populações. Nós não procuramos os nossos candidatos no mercado dos «vira casacas», dos «troca tintas», ou dos oportunistas nem no mercado do estrelato político-mediático. Candidatos que tanto poderiam ser à Câmara de Almada, como à de Gondomar ou de Vila Nova de Gaia, à Figueira da Foz como a Sintra ou Cascais, ao Porto ou a Freixo de Espada à Cinta. Candidatos que conhecem os concelhos ou por avião ou pela singeleza dum bilhete postal turístico.



Privatização da Quimigal Uma autêntica «oferta»

«Governo PS oferece Quimigal ao capital privado». Assim intitulada a Comissão Concelhia do Barreiro do PCP a denúncia que faz sobre o processo de privatização desta empresa e a sua «venda» ao Grupo Mello por 8,141 milhões de contos em detrimento de um outro grupo - Rentipar/Quadros - que, na mesma ocasião, por ela ofereceu 8,569 milhões de contos.

Está entrega da Quimigal ao Grupo Mello por menos 428 mil contos «indicia favores e compromissos do PS» a um grupo económico que já havia recebido do Governo PS «benesses» superiores a 60 milhões de contos, quando do «plano de reestruturação do sector de reparação naval para a Lisnave».

Em Junho os trabalhadores haviam-se pronunciado contra a privatização da Quimigal mas essas opiniões, segundo os comunistas, não contam para o Governo. Ao contrário, o PCP tem sempre assumido uma posição clara, quer quanto ao desmembramento da Quimigal enquanto empresa nacionalizada, quer quanto à destruição de unidades de produção e de postos de trabalho.

A privatização da Quimigal insere-se numa estratégia de entrega aos grandes grupos económicos nacionais e estrangeiros dos principais sectores da economia nacional, considera o PCP. Uma estratégia que aponta «para a reconstituição dos grandes grupos económicos» de antes do 25 de Abril e tem tido como suporte uma campanha ideológica apoiada em «poderosos meios propagandísticos» que pretendem fazer crer que só o que é privado é bom.

Trata-se de uma política que «tem de ser alterada e derrotada pela acção dos trabalhadores e da população e pela evolução objectiva da sociedade», afirma ainda a concelhia do PCP, para quem a privatização da Quimigal significa «destruição de mais postos de trabalho e a tentativa de retirar aos trabalhadores direitos, liberdades e garantias».

Muitos dos que confiaram no PS vão sofrer as nefastas consequências desta privatização, alerta o PCP que, face a esta autêntica «oferta» aos Mellos e ao «esbulho ao património e bens públicos» que ela traduz, exorta os trabalhadores a lutarem em defesa dos seus direitos e interesses.

Montemor-o-Novo Um exemplo a seguir

Montemor-o-Novo é um concelho alentejano de forte influência social e política do PCP, onde todas as iniciativas partidárias são levadas à prática com grande empenho. Designadamente nas diversas campanhas de fundos lançadas pelo Partido, a organização concelhia sempre se bateu pelo cumprimento das suas metas. Assim, apesar de se tratar de um concelho onde há crise na agricultura, onde não há indústria e onde pesa uma camada grande de reformados, a Campanha dos 200 mil contos está num bom ritmo. Prova disso é, por exemplo, o facto de em meados de Agosto a meta do concelho (1.000 contos) estar próxima dos 50 por cento. Para tanto contribuiu fortemente um militante que, destacando-se na venda de cupões, só à sua conta vendeu já 200 cupões de 500 e 1000 escudos, num total de 130 contos. E continua a vender! Revelando um esforço tão meritório quanto positivo, esse camarada (reformado) refere encontrar nas pessoas - grande parte fora do Partido - uma boa vontade em ajudar o Partido. Garante que apenas é preciso falar com elas e explicar. Também um conjunto de militantes e eleitos de autarquias, comprometeu-se a oferecer à campanha uma elevada quantia, sendo que um deles já ofereceu 200 contos e outro 30. A par destas iniciativas, decorre uma rifa de um borrego oferecido à Campanha. A organização concelhia tem ainda outras iniciativas em curso para cumprir e ultrapassar a sua meta, de entre as quais se destaca a realização de uma festa, em Escoural, no mês de Setembro, promovida pela Coordenadora e juventude CDU. Calendarizados estão também alguns porta-afortes para o período de pré-campanha e campanha eleitoral.

CAMARADAS FALECIDOS

Manuel José Peta

Faleceu no passado dia 18 de Agosto, com 70 anos de idade, o camarada Manuel José Peta, operário metalúrgico. Militante do Partido desde 1974, participava desde 1940 nas lutas e movimentações antifascistas e na distribuição do «Avante!». Ajudou à construção do Centro de Trabalho do PCP de Prior Velho, freguesia onde estava organizado.

Joaquim Antunes da Cruz

Vítima de doença prolongada, faleceu no passado dia 11 de Agosto o camarada Joaquim Antunes da Cruz. Membro da célula da Tranquilidade Seguros, participou em várias Comissões de Trabalhadores, nomeadamente aquando das nacionalizações, e posteriores fusões no Sector Segurador.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

TRABALHADORES

Os patrões não cumprem, o Governo não actua e os acidentes de trabalho aumentam

CGTP exige em cinco pontos firme combate à sinistralidade

Despesas com segurança abaixo dos 20 contos por ano

Em quase duas mil empresas com mais de cem trabalhadores, só 300 declararam ter gasto vinte contos ou mais, durante o ano de 1994, em despesas destinadas à prevenção dos riscos profissionais e à promoção da segurança dos locais de trabalho.

Os números oficiais (publicado pelo Ministério do Emprego, a partir dos balanços sociais das empresas) são apontados pela CGTP como a demonstração de que prevenção e segurança «são factores que não entram nas preocupações dos nossos empresários, que em geral consideram tais despesas como supérfluas».

Fica aqui o quadro completo.

Nível de despesa	Empresas		Trabalhadores	
	Número	%	Número	%
Ignorado	679	34,0	140 934	19,0
Até 5 contos	471	23,6	198 064	26,7
De 5 a <10 contos	292	14,6	116 155	15,6
De 10 a <20 contos	255	12,8	106 759	14,4
20 contos ou mais	301	15,1	183 343	24,7
Total	1998		742 255	

Nove anos depois do incêndio Chiado suscita greve de fome

«Se o Governo continuar surdo às reclamações dos trabalhadores, o CESL promete continuar a apoiá-los no desencadear de um plano de formas de luta» e «a primeira pode passar por uma greve de fome, na própria zona do Chiado», afirma o sindicato que mais se tem batido para que sejam respeitados os direitos dos empregados dos

estabelecimentos atingidos pelo incêndio de 25 de Agosto de 1988.

Num comunicado à imprensa, o Sindicato do Comércio, Escritórios e Serviços de Lisboa afirma que, contrariando promessas e expectativas, «este Governo, tal como o anterior, mantém uma grave injustiça social em relação aos trabalhadores da

zona incendiada do Chiado», que «continuam a ser as grandes vítimas do incêndio».

Enquanto «as entidades patronais beneficiaram de ajudas do Estado e da Comunidade Europeia», «mais de duas centenas de trabalhadores vivem sem qualquer subsídio, depois de terem contribuído durante dezenas de anos para a Segurança

Social», denuncia o CESL/CGTP. Os trabalhadores que se reformaram estão «seriamente prejudicados» na definição dos valores das pensões e «às várias centenas de trabalhadores são-lhes devidas as indemnizações pelo tempo de antiguidade, tendo em conta que as entidades patronais não fizeram caducar os contratos individuais de trabalho», acrescenta.

Na nota são enumeradas as principais acções desenvolvidas no último ano pelos trabalhadores e são recordadas as promessas feitas pelo Ministério da Solidariedade e Segurança Social e pelo Gabinete do Primeiro-Ministro, salientando o CESL que o Governo «teve tempo, mais que suficiente, para encontrar uma solução adequada e razoável».

A par das lutas que os trabalhadores poderão desencadear a breve prazo, o sindicato revela que vai pedir ao presidente da AR que leve a plenário, no início da próxima legislatura, uma petição sobre o problema, entregue no Parlamento com mais de 4 mil assinaturas.

com particular incidência na construção civil e obras públicas».

3. «O combate firme à precariedade laboral, fonte de agravamento dos riscos laborais normais».

4. «O cumprimento, por parte do patronato e do Governo, das matérias acordadas e da legislação existente».

5. «A revisão urgente do regime das infracções laborais em matéria de segurança no trabalho e do regime de reparação dos acidentes de trabalho e doenças profissionais, em termos adequados à dignidade da pessoa humana e do homem enquanto trabalhador».

Lacuna

A «não criminalização dos acidentes de trabalho» é apontada pela CGTP como «a maior lacuna do nosso ordenamento jurídico, em matéria de sinistralidade laboral», o que leva a central a comentar que, «ao que tudo indica, o homem no trabalho não tem a mesma dignidade que o homem em qualquer outra situação da vida, pois, regra geral, atentar contra a vida humana é crime previsto e punido nos termos da legislação penal, ao passo que atentar contra a vida do trabalhador no seu local de trabalho e enquanto trabalha, apesar de constituir quase sempre, se não um comportamento doloso, pelo menos um comportamento negligente, do empregador que não cumpre nem faz cumprir as normas de segurança, não é crime, não consta da legislação penal, dando apenas lugar a uma mera indemnização civil», «sempre miserável e irrisória».

Maria do Carmo Tavares chamou a atenção para dados do Eurostat, que apontam Portugal como o país da UE com mais elevado índice de frequência de acidentes de trabalho, voltando a sublinhar que «as estatísticas nacionais não reflectem, de modo nenhum, a realidade da sinistralidade laboral», facto que se reflecte nas discrepâncias entre os números dos ministérios do Emprego e da Justiça.

O INE e o Ministério do Emprego registaram, em 1995, 204041 acidentes, dos quais 232 foram mortais. Relativamente às acções findas nos tribunais, relativas a acidentes de trabalho, no mesmo ano, o Ministério da Justiça registou 652 mortes. Relativamente a 1996, o Emprego declarou oficialmente terem ocorrido 216115 acidentes de trabalho, dos quais foram mortais 261. Não são conhecidos ainda os números da Justiça.

Pressões na Eurofer

Foram instaurados mais processos disciplinares no mês de Julho do que nos últimos dez anos - denunciou o Sindicato dos Metalúrgicos do Norte, numa nota sobre a situação na Eurofer, em que alerta para a possibilidade de também esta empresa vir a cair nas mãos de estrangeiros.

Para antontem estava marcada uma visita à fábrica da Maia de representantes do grupo americano a quem os Mellos querem vender «a todo o custo» aquela unidade, que apresenta um passivo de 12 milhões de contos. O sindicato acrescenta que o Columbus já tem fundições na Alemanha e na Polónia.

A Eurofer tem cerca de 650 trabalhadores. Desde 1990 sofre um processo de fusão e reestruturação, marcado pelo encerramento da Unifer e transferência de parte dos trabalhadores para a Eurofer. «Deste processo e dos seus objectivos ainda não se viu qualquer resultado positivo, e já vão 6 anos, mesmo depois de cerca de 800 trabalhadores terem rescindido o seu contrato» - refere a nota de imprensa.

«A falta de capacidade demonstrada pela administração tem impellido esta para a tomada de atitudes menos correctas e até mesmo ilegais em relação aos seus trabalhadores», acusa o sindicato, apontando situações de desocupação de pessoal mas com recurso, ao mesmo tempo, a mão-de-obra alugada, a trabalho extraordinário e a empreiteiros, a par de «prepotência» e «pressão psicológica» para levar trabalhadores a abrir mão do posto de trabalho.

Vitória no Gás

Até dia 15 de Setembro deve estar concluída a negociação da reestruturação salarial e do aumento do subsídio de turnos, ou os trabalhadores do Grupo Gás de Portugal (GDL, Driftal e Carbolis) voltarão a entrar em greve dia 1 de Outubro.

A decisão foi tomada dia 21, em plenário realizado na fábrica de Cabo Ruiivo - revelaram a Fequifa e o SIESI. As organizações sindicais da CGTP adiantam que «os trabalhadores consideram que já foi obtida uma importante vitória, pois obrigaram a administração a dar algumas respostas, designadamente a atribuição de um prémio de 50 mil escudos, que vai ser implementado já em Setembro, e o compromisso de negociar a reestruturação da tabela salarial e o aumento do subsídio de turnos no início do próximo ano».

A administração alega que este prazo, que poderá levar a nova greve, é justificado pelo acordo subscrito há dois meses com as estruturas da UGT.



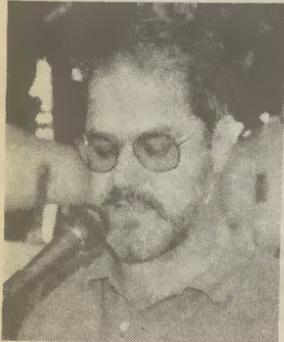
Os trabalhadores são ainda hoje as grandes vítimas do incêndio (foto de arquivo)



Candidatos CDU

Prosegue, em diferentes pontos do país, a apresentação de candidatos CDU e a divulgação dos principais objectivos da coligação, tendo em conta a diversidade de realidades e problemas ao nível local.

ALVITO



Lopes Guerreiro

Lopes Guerreiro, actual presidente da Câmara de Alvito, apresentou a sua recandidatura na Praça Pública, pedindo mais um mandato para continuar a obra feita nestes últimos quatro anos.

Na apresentação pública da sua candidatura - que contou com a presença do secretário geral do PCP - Lopes Guerreiro valorizou a obra entretanto realizada pela CDU, quer em termos de infra-estruturas e equipamentos, quer na promoção, animação e formação culturais, uma "vivência mais participada, crítica e democrática das populações", e ainda na defesa dos mais carenciados, no combate ao desemprego, por uma vida digna.

O candidato CDU desafiou os que "entendem que estamos a trabalhar bem" a "renovar ou afirmar a sua confiança na CDU".

ALJUSTREL



António Godinho

Cerca de 400 pessoas partici-

param na apresentação pública dos candidatos à presidência da Câmara e da Assembleia Municipal de Aljustrel, nas listas da CDU. Uma cerimónia em que esteve presente Álvaro Cunhal.

António José Soares Godinho, economista, de 53 anos, actual presidente da Câmara, candidatou-se a um terceiro mandato no cargo, tendo antes exercido o cargo de vereador em dois mandatos.

Luís Bartolomeu Afonso Palma, professor aposentado, de 60 anos, encabeça a lista para a presidência da Assembleia Municipal, cargo que já desempenhou nos mandatos que decorreram entre 1980 e 1990.

António José Godinho centrou a sua intervenção na situação criada com a interrupção da laboração das minas, há já quatro anos, e que provocou a perda de centenas de postos de trabalho.

FERREIRA DO ALENTEJO

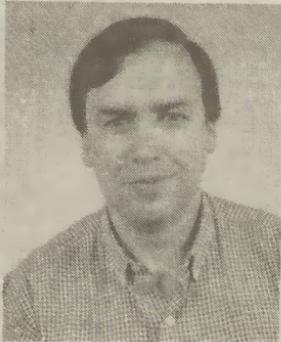


António Raposo

António Alexandre Raposo, presidente da Assembleia Municipal de Aljustrel e da Assembleia Distrital de Beja, ex-director do "Diário do Alentejo", membro da Comissão Concelhia de Aljustrel e da DORBE do PCP, é o candidato à presidência da Câmara Municipal de Aljustrel. Uma câmara conquistada pelo PS nas últimas eleições.

Na apresentação da sua candidatura, presidida por Carlos Carvalhas, António Alexandre Raposo sublinhou a sua opção contra qualquer forma de isolamento, afirmando: "Não nos isolaremos das grandes iniciativas em curso que procuram o melhor caminho para o desenvolvimento global da região". Comprometeu-se ainda a "agir de acordo com as capacidades financeiras e as competências e atribuições que a Lei concede aos municípios e às freguesias".

ARMAMAR



António Lareiro

"Eleger para o Executivo Camarário, ampliar o número de eleitos na Assembleia Municipal, manter a maioria na Assembleia de Freguesia de Armamar, obter a maioria em outras Assembleias de Freguesia, aumentar o número de eleitos nas restantes Assembleias de Freguesia do Concelho", são os principais objectivos dos candidatos da CDU do Concelho de Armamar.

Uma batalha em que estão empenhados, como primeiros candidatos, António Manuel Lareiro dos Santos, para Câmara Municipal e Mário Ferreira Carneiro Cireneu, para a Assembleia Municipal.

António Lareiro, 42 anos, ajudante técnico de farmácia, é membro da Organização Regional de Viseu e coordenador da Comissão Concelhia de Armamar do PCP e membro da Junta de Freguesia de Armamar desde 1986.

Mário Cireneu, 42 anos, funcionário público, é membro da Comissão Concelhia de Armamar do PCP e membro da

Assembleia Municipal de Armamar desde 1994.

GÓIS

José Daniel Simões Barata, de 40 anos, funcionário público, natural de Góis, é o candidato à Câmara Municipal de Góis.

Fátima de Jesus Lopes, 43 anos, enfermeira, natural de Góis, é a candidata da CDU à Assembleia Municipal.

Os candidatos CDU assumem, como objectivo fundamental, contribuir para a resolução de alguns problemas particularmente sentidos no Concelho - a desertificação e o desemprego; o abastecimento de água, sua qualidade e saneamento básico; a poluição do rio; uma recolha de lixo mais eficaz; o prolongamento da linha de caminho de ferro até Góis, como factor da maior importância para o desenvolvimento do Concelho.

VAGOS

Evangelista José Maranhão é o cabeça de lista da Coligação à Assembleia Municipal de Vagos.

Com 42 anos de idade, funcionário público, é membro da Comissão Inter-Concelhia de Ílhavo e Vagos do PCP e da Coordenadora Concelhia da CDU.

O candidato foi dirigente do Sindicato da Função Pública da Zona Centro e pertenceu à Direcção da União dos Sindicatos de Aveiro/CGTP-IN.

Rectificação

Na notícia publicada na edição anterior sobre a apresentação do candidato da CDU à Câmara Municipal de Cinfães, referimos, por lapso, que Armando Monteiro Nogueira é membro do Comité Central do PCP, órgão a que pertenceu, mas do qual não faz parte actualmente.

Temas musicais para a Campanha Apresentação pública

A primeira apresentação pública dos novos temas musicais que, para além da "Carvalhesa", vão animar a campanha da CDU para as eleições autárquicas, vai decorrer na próxima terça-feira, às 16.30 horas, no terraço do Aparthotel Orion Eden (antigo Cinema Eden), na Praça dos Restauradores, em Lisboa.

Estarão presentes nesta iniciativa os artistas portugueses que participaram na criação e produção dos novos temas musicais.

Festa em Valongo



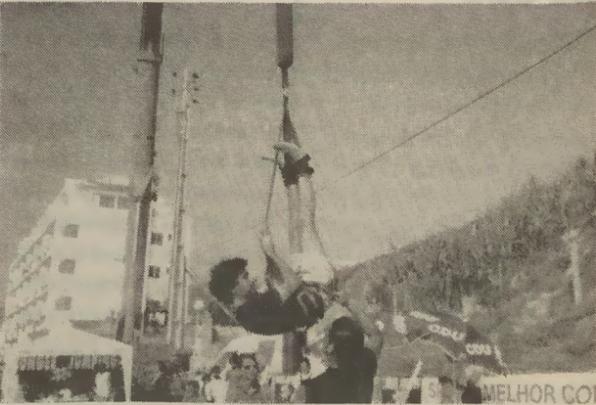
Festa/comício em Campo, Valongo

Mais de três centenas de pessoas participaram, domingo passado, na Festa de Verão da CDU em Campo, Valongo, em que decorreu também a apresentação pública do candidato à presidência da Junta de Freguesia. A festa contou com a actuação do rancho folclórico das Padeirinhas de Valongo.

Lino Soares, da Comissão Concelhia, Eduarda Ferreira,

actual vereadora e candidata à Câmara de Valongo e Emídio Ribeiro, da Comissão Política do PCP, intervieram nesta iniciativa. Intervenções optimistas, que lembraram a votação crescente da CDU desde as primeiras eleições autárquicas, estando actualmente a coligação a escassas dezenas de votos de ganhar a Junta de Freguesia.

CDU Radical



As acções de Verão promovidas pela CDU/Sintra, denominadas "CDU Radical", decorrem com grande êxito e adesão.

No passado fim-de-semana, na Praia Grande, mais de 100 pessoas, em grande parte jovens, participaram nos saltos em elástico "Bungee Jumping" e "voaram alto com a CDU".

Um êxito que ultrapassou todas as expectativas (muitos dos que se inscreveram não puderam saltar por limite de inscrições), pelo que a CDU decidiu voltar a repetir os saltos em elástico no próximo fim-de-semana, proporcionando assim este desporto radical a outros adeptos.

Estão previstas igualmente outras iniciativas, também este fim-de-semana, na Praia Grande - para o futebol de praia já se inscreveram duas dezenas de equipas que vão garantir mais de duas centenas de participantes.

Em Aigualva-Cacém, realiza-se uma festa CDU na noite de sábado, com música popular com o grupo musical 3 de Abril, e a participação de José Pedro Namora, candidato à presidência da Junta de Freguesia de Aigualva-Cacém e Lino Paulo, candidato à presidência da Câmara Municipal de Sintra.

Madeira

CDU multiplica iniciativas

A CDU/Madeira tem vindo a desenvolver intensa actividade, estreitamente ligada aos problemas e realidades concretas das ilhas.

Esta segunda-feira, dia 25, o grupo parlamentar fez uma visita ao Porto do Funchal, para avaliação dos problemas que aí se registam, nomeadamente no plano socio-profissional, e apresentação das iniciativas políticas e legislativas a desenvolver (tema referido na última página deste "Avante!").

Dia 21, dia da cidade do Funchal, foi assinalado com uma importante iniciativa simbólica. Em conferência de imprensa no Curral dos Romeiros, foi divulgada a possibilidade de concretização de um velho sonho da população - a construção de um parque infantil.

Uma proposta já apresentada à Câmara e que se pode vir a concretizar, a qualquer momento, com base nas contribuições da Associação dos Eleitos Comunistas e Outros Democratas e do deputado independente Edgar Silva.

Esta associação foi criada a seguir às primeiras eleições autárqui-

cas, com o objectivo de gerir os fundos das contribuições dos militantes comunistas eleitos nos órgãos do Poder Local, tendo-lhe entretanto também aderido muitos independentes eleitos.

Desde então muitas dezenas de milhares de contos foram entregues a associações de moradores, bombeiros, colectividades, grupos de teatro, escolas de música. Centenas de parques infantis foram também já oferecidos por todo o país.

Nestes últimos dias a CDU/Madeira tomou igualmente posição sobre as decisões anunciadas pelo presidente do Governo Regional de "pôr fim aos escandalosos subsídios públicos aos jornais «J.M.» e «O Dia», que denuncia como não traduzindo, de facto "qualquer alteração na política de ilegal esbanjamento de dinheiros públicos e manipulação de órgãos de informação que tem sido característica do PSD regional".

Esta decisão, sublinha a CDU, reflecte apenas "a constatação de que os milhões de contos que aí foram gastos já não têm tradução em termos de propaganda".

INTERNACIONAL

ONU pede fim de bloqueio israelita

Mais uma vez a comunidade internacional contesta o bloqueio de Israel aos territórios autónomos palestinianos. Na sexta-feira, o Comité das Nações Unidas para a Eliminação de Discriminação Racial exigiu a sua abolição, condenando igualmente o congelamento do dinheiro devido aos palestinianos. Segundo os representantes da ONU, trata-se de uma punição colectiva contrária ao direito internacional que constitui um obstáculo ao processo de paz.

As autoridades israelitas ordenaram o congelamento de cerca de 70 milhões de dólares adiantados sob a forma de impostos e taxas alfandegárias sobre os bens ou os trabalhos palestinianos. De acordo com o comité, esta decisão provocou um «efeito devastador» e vem agravar a situação económica dos palestinianos.

Com o bloqueio, a Autoridade Palestiniana (AP) tem um prejuízo diário de oito milhões de dólares em perdas comerciais, impostos não colectados e salários dos cem mil trabalhadores impossibilitados de se deslocar aos seus empregos

situados no lado israelita. Além de não poderem comerciar com Israel, os palestinianos também estão impedidos de fazer quaisquer trocas com outros países, nomeadamente a Jordânia e o Egipto.

Entretanto, ocorreram diversos confrontos na cidade de Belém. Dezenas de jovens palestinianos ficaram feridos quando os guardas israelitas responderam com balas de borbócha e bombas de gás lacrimogénico às pedras lançadas pelos manifestantes. O primeiro incidente decorreu nosábado durante uma iniciativa de protesto contra o bloqueio da cidade lide-

rada pelo presidente da Câmara local, Hanna Nasser.

Esta não foi a única manifestação realizada. No dia 20, mil e quinhentas pessoas de diversas facções políticas desfilaram em Gaza exigindo o fim do bloqueio.

Yasser Arafat continua a tentar manter unidos todos os palestinianos, presseguido a paz. «Os palestinianos são uma e a mesma pessoas nas actuais circunstâncias» por isso «devem adoptar uma posição única para fazer frente aos desafios deste período perigoso», afirmou o líder da AP recentemente. «Ninguém conseguirá pôr este povo de joelhos ou humilhá-lo», acrescentou.

Respondendo aos apelos dos fundamentalistas da Jihad Islâmica e do Hamas para abandonar o processo de paz, Arafat contrapôs: «Esta é a paz que compreendemos. A paz dos bravos, não a paz dos fracos e dos cobardes. É preciso não esquecer que a maioria dos israelitas quer a paz. Nós dizemos-lhes "estamos convosco"».

Zapatistas vão à capital exigir autonomia índia

No dia 9 de Setembro sai de San Cristobal de Las Casas uma coluna com 1111 membros do Exército Zapatista de Libertação Nacional com destino à Cidade do México, acompanhados por representantes de numerosas organizações sociais. O objectivo desta iniciativa é claro: o reconhecimento por parte do Governo dos acordos de Santo André Larraínzar (concluídos em Fevereiro de 1996) relacionados com o direito à autonomia das comunidades indígenas.

A caravana seguirá a rota sulsudeste, à semelhança das tropas de Emiliano Zapata em 1914, para chegar à capital no dia 12. Durante o percurso os zapatistas reúnem-se com representantes de várias tribos índias.

«Esta marcha será para nós uma espécie de termómetro para saber que lugar ocupamos», declarou o comandante Marcos, o líder dos zapatistas, referindo-se à nova realidade política do Méxi-



A Frente Zapatista de Libertação Nacional, movimento político do EZLN, será criada em Setembro

co saída das eleições de 6 de Julho. Este escrutínio marcou o fim da hegemonia do PRI, no poder há 68 anos.

«Esperamos uma explosão da consciência nacional. É a nossa aposta», acrescentou. No entanto, a alteração verificada não é suficiente para que o movimento deponha as armas: «A guerrilha do EZLN continua armada,

continua clandestina, continua rebelde».

O comandante Marcos anunciou também a criação de um «vasto movimento de opinião» pró-democrático, a Frente Zapatista de Libertação Nacional. Esta organização será fundada na Cidade do México entre 13 e 16 de Setembro, depois da chegada da caravana.

Greve histórica termina com vitória dos trabalhadores

A maior greve dos anos 90, envolvendo 185 mil trabalhadores da multinacional americana UPS, terminou a semana passada com o atendimento das reivindicações dos empregados.

Depois de ter prejuízos superiores a 500 milhões de dólares e de se ver ameaçada por parte dos trabalhadores pelo endurecimento das formas de luta, a empresa transportadora entrou finalmente em acordo com os trabalhadores.

A UPS comprometeu-se a aumentar os salários dos seus empregados a tempo inteiro (embora os valores dependam dos resultados financeiros da empresa) e a criar mais 10 mil postos de trabalho nos próximos cinco anos.

Quanto aos trabalhadores em *part-time*, serão aumentados (pela primeira vez desde 1982) e vêem

a duração das suas férias aumentar de três para seis semanas.

Tal como exigia, o sindicato continua a deter o controlo das reformas. A UPS pretendia abolir este controlo dos fundos de pensões, colocando-os exclusivamente na sua mão para os usar nos seus próprios investimentos. Os fundos estão avaliados em mais de um bilhão de dólares.

Por outro lado, os trabalhadores aceitaram a diminuição dos contratos de trabalho a tempo inteiro.

A UPS detém 80 por cento do mercado de entregas - entrega 12 milhões de encomendas diariamente - e distribuição norte-americana e desde o início da greve apenas conseguiu assegurar dez por cento das suas actividades.

Cuba combate prostituição e delitos económicos

Entrou em vigor na segunda-feira um novo código penal em Cuba destinado a combater com mais eficácia a prostituição, o proxenetismo, a corrupção de menores e os «delitos económicos». Esta reforma foi tomada necessária pela abertura do país ao turismo e às mudanças registadas na economia», declarou recentemente o ministro da Justiça, Roberto Díaz. «Qualquer pessoa que tire partido da prostituição» será condenado a uma pena entre dois e cinco anos, enquanto que para os envolvidos em casos de corrupção de menores estão previstas penas de 20 anos.

Entretanto, no mesmo dia, as autoridades cubanas acusaram os EUA de «agressão biológica», afirmando que um avião fretado pelo Departamento de Estado norte-americano introduziu na ilha um insecto destruidor de colheitas. A vice-ministra cubana dos Negócios Estrangeiros, Maria de los Angeles Flores, diz existir uma relação causa-efeito entre o sobrevoo da ilha pelo avião em Outubro de 1996 e aparecimento, dois meses mais tarde, de um insecto até então desconhecido em Cuba, o «thrips palmi». As autoridades cubanas pedem a realização de um inquérito no quadro da Convenção Internacional Contra as Armas Biológicas.

Professores brasileiros em greve

Os professores e os funcionários das escolas públicas do Rio de Janeiro, Brasil, entraram em greve na passada quinta-feira, exigindo salários «decentes» e o pagamento de subsídios em atraso. De acordo com o sindicato, registou-se uma adesão de 80 por cento. A base salarial dos professores é de 100 reais (inferior ao salário mínimo nacional, 120 reais - cerca de 20.500 escudos), acrescida de 115 reais de subsídios. Os funcionários das escolas têm um salário-base de 120 reais com subsídios de 30 reais.

Confrontos em Caxemira

Nos últimos dias voltaram a ocorrer combates entre as forças indianas e paquistanesas na fronteira de Caxemira. De acordo com as autoridades da Índia, cerca de 70 soldados do Paquistão foram mortos durante os confrontos. Este balanço foi desmentido por Islamabad que acrescentou que não foi registada «qualquer actividade anormal» no fim-de-semana.

Cimeira a cinco em África

Realizou-se em Trípoli, em meados de Agosto, uma cimeira entre os presidentes da Líbia, Burkina Faso, Chade, Mali e Níger com vista ao reforço da unidade africana. Os participantes lançaram um apelo urgente à comunidade internacional no sentido de apoiar todas as iniciativas para pôr fim às sanções dos EUA à Líbia e os consequentes sacrifícios da população.



Violência prossegue na Argélia

Dezenas de milhar de pessoas participaram em manifestações contra o terrorismo em diversas cidades da Argélia, convocadas pela União Geral dos Trabalhadores Argelinos (UGTA), no passado dia 20. Os organizadores da iniciativa pedem a todos os argelinos que apoiem as forças da ordem na luta contra os grupos integristas.

«Querem destruir o país e aniquilar a nação, mas o povo mostrou a sua capacidade de mobilização e resistência para os fazer fracassar», afirmou uma manifestante a um jornalista na ocasião.

A data da manifestação coincidiu com a comemoração do Dia do Mudjahidin (combatente), alusiva à ofensiva de 1956 das forças de libertação da Argélia contra as tropas francesas.

O país continua a viver um clima de insegurança. Os grupos islâmicos prosseguem os seus ataques e a população continua praticamente indefesa. No passado domingo, 29 pessoas foram barbaramente assassinadas e três raptadas numa localidade próxima de Médéa, a sul de Argel. «Foi uma chacina. Os mais velhos foram decapitados e os mais novos esventrados», disse uma testemunha. A maioria das vítimas eram mulheres e crianças.

No mesmo dia, em Houaouira e Baraki, nove pessoas foram degoladas e queimadas e oito foram raptadas. Por outro lado, dez fundamentalistas foram mortos pelas forças de segurança em outras localidades a sul da capital.

Na segunda-feira, duas bombas de fabrico artesanal explodiram em Argel, num mercado municipal e numa paragem de autocarro. Quatro pessoas morreram e 49 ficaram feridas.

Segundo um balanço da imprensa, desde domingo 117 pessoas morreram em ataques fundamentalistas. No total e desde 15 de Julho, as vítimas mortais dos grupos armados ascendem a quase 500 pessoas.



As vítimas dos fundamentalistas aumentam de dia para dia

■ Isabel
Araújo Branco

Colômbia

«Não se trata de salvar o sistema, mas sim a Nação»

«Não se trata de salvar o sistema, mas sim a Nação». Estas palavras pertencem ao comandante Manuel Pérez, do Exército de Libertação Nacional da Colômbia (ELN), que, juntamente com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia-Exército do Povo (FARC-EP) e o Exército Popular de Libertação (EPL), lutam há quase trinta anos pelo fim da exploração do povo, pela igualdade e pela justiça social.

«São os membros do exército e da polícia quem tem uma maior participação nas violações dos direitos humanos», afirmou o ano passado o Procurador Geral da Nação, numa das poucas ocasiões em que alguém ligado às autoridades colombianas admitiu a gravidade da violência de Estado.

O Governo do presidente Ernesto Samper, as forças armadas e os grupos paramilitares são responsáveis por milhares de «desaparecimentos», detenções, execuções extrajudiciais, torturas (incluindo abusos sexuais), massacres, assassinatos selectivos, perseguições sistemáticas, despejos, sequestros e bombardeamentos a localidades. O quotidiano dos colombianos, essencialmente dos que habitam zonas rurais, é feito de insegurança e injustiça permanente. Centenas de pessoas anualmente abandonam as suas casas e refugiam-se no Panamá.

Só no primeiro trimestre de 1996 ocorreram 178 assassinatos políticos (dois por dia), 113 assassinatos presumivelmente políticos, 14 execuções de «limpeza social», 685 assassinatos obscuros, 42 desaparecimentos, 5 torturas denunciadas, 358 detenções políticas e 124 pessoas foram

ameaçadas.

As vítimas são membros políticos da oposição, sindicalistas, defensores dos direitos humanos, pessoas conotadas com os guerrilheiros ou o Partido Comunista da Colômbia. Ser dirigente de uma organização social é ser condenado à morte ou ao desemprego. Organizar a vida comunitária de acordo com os princípios de solidariedade é um delito. Pensar de forma diferente ao estabelecido é visto como terrorismo.

Mas a realidade da Colômbia não se fica por aqui. Mais de 60 por cento da população é pobre e 25 por cento vive na mendicância. Nos últimos quatro anos o primeiro grupo aumentou três milhões e meio e o segundo um milhão. Por ano, morrem 3285 crianças de fome. O desemprego atinge 21 por cento da população activa; o analfabetismo 30,6 por cento. O sistema de saúde (público e privado) cobre apenas 18 por cento de uma população de 36 milhões de pessoas.

A desigual redistribuição da riqueza e a sua altíssima concentração serve de indicativo da situação. De acordo com dados oficiais, dez por cento da população mais rica tem nas suas mãos 43 por cento dos rendimentos, a dez

por cento mais pobre possui apenas 3,1 por cento.

As comunidades negra (6 milhões de colombianos) e indígena (603 mil pessoas) são particularmente afectadas. Na primeira, 70 por cento sobrevive em condições de extrema pobreza e o seu rendimento *per capita* é dos mais baixos do país. Quase 80 por cento dos seus salários são inferiores ao salário mínimo. Em cada dez localidades negras, nove carecem de água potável, energia eléctrica, esgotos, posto de saúde, farmácias, médicos e enfermeiras.

Para a população india a situação é praticamente igual. O desemprego e a marginalidade laboral é de 88 por cento. O analfabetismo atinge 44 por cento.

A paz para quando?

O movimento guerrilheiro tem como origem a injustiça económica e social e uma profunda fome de liberdade e dignidade. No seu III Congresso, realizado em Junho do ano passado, o ELN prometeu que continuará a lutar «para que a Colômbia seja o país que todos merecemos, onde as riquezas construídas por gerações inteiras estejam ao serviço da nação, onde exista liberdade e igualdade de oportunidades, onde a justiça seja exactamente o que a palavra quer dizer, justa, que trabalhe para o bem do povo, das maiores e não seja esse instrumento arbitrário que atropela os direitos dos humildes e só defende o inte-

resse egoísta de uns poucos. Queremos uma Colômbia democrática, onde possamos falar e decidir de maneira soberana os destinos da nossa pátria sem medo de sermos assassinados».

Depois de várias conversações com o governo saíram frustradas, a paz é o que os grupos revolucionários continuam à procura. Mas não uma paz qualquer: «A paz não é um problema apenas dos rebeldes e do governo. É um fenómeno tão complexo que deve ser abordado por toda a sociedade para que se possa chegar a caminhos claros para uma saída pacífica do conflito», afirmou o comandante Nicolás Rodríguez Bautista da ELN, numa entrevista.

As condições mínimas para as FARC se sentarem a uma mesa de negociações consistem na retirada das militares de quatro municípios do departamento de Meta (La Uribe, Mesetas, Vista Hermosa e La Macarena), a desmilitarização dos grupos paramilitares e a descriminalização dos protestos sociais.

A Coordenadora Guerrilheira Simon Bolívar, da qual fazem parte o ELN, as FARC e o EPL, entregou em 1992 ao Congresso colombiano 12 propostas de paz. A primeira consta da introdução de uma política que estimule a indústria nacional e a produção agropecuária, facilitando créditos, construção de infraestruturas, importação de tecnologia moderna e mercado para os produtos. Outra exigência passa pela reversão para o desenvolvimento das regiões dos benefícios da produção

A «guerra suja» levada a cabo pelos grupos paramilitares contra a guerrilha é sustentada pelo governo de Samper, pelas multinacionais, pelos traficantes de droga, pelos empresários e pelos latifundiários. Estes grupos, legalizados em 1989, gozam de total impunidade na violação dos direitos humanos

mineral de petróleo, carbono, ouro, esmeraldas, níquel, cobre, etc.

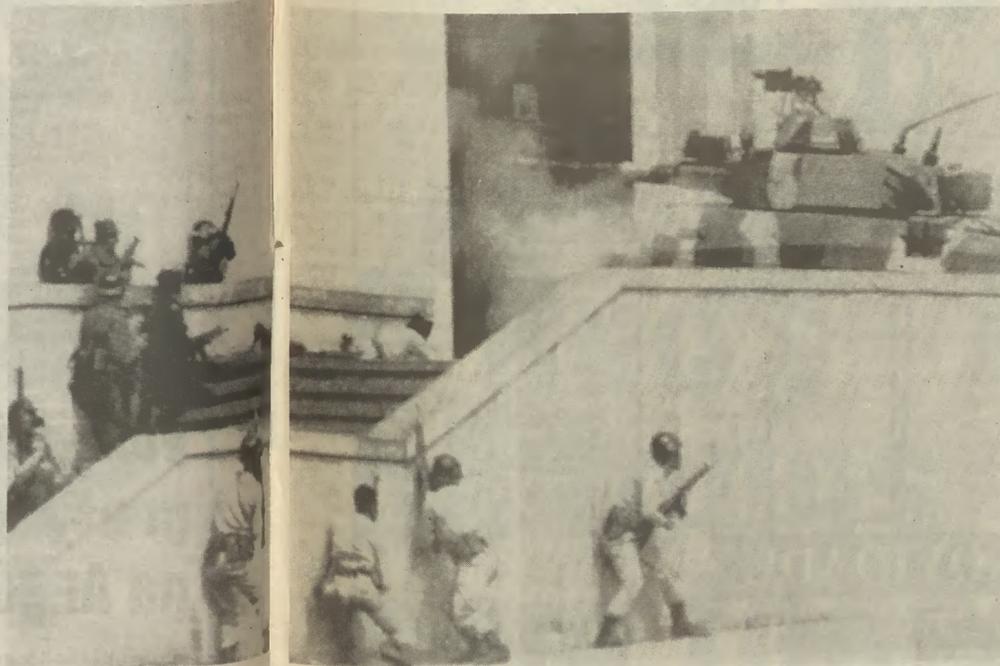
O fortalecimento da função social do Estado é outra das propostas, cabendo-lhe garantir a saúde, educação, transportes, cultura, tempos livres, equilíbrio ecológico e serviços públicos. Também o combate à corrupção administrativa faz parte da lista, através do fortalecimento de mecanismos de fiscalização popular, do aumento das penas dos corruptos, do julgamento dos funcionários públicos envolvidos em casos de corrupção e da devolução do dinheiro ao Estado.

Um ponto fundamental das propostas relaciona-se com a política militar. Os guerrilheiros defendem a «desmilitarização da vida nacional», a reconstrução de uma força pública que represente todas as diversas correntes de pensamento, a redução dos seus gastos e número de efectivos e a desintegração dos seus serviços de informação. Paralelamente devem ser desmilitarizados os grupos paramilitares, castigados os seus inspiradores, instrutores, financiadores e chefes.

No plano político, os revolucionários consideram urgente implantar a liberdade no processo eleitoral, ampliar a democracia directa de referendo e plebiscito e, acima de

28-8-97

mas sim a Nação»



A crescente influência dos narcotraficantes

Nos últimos 25 anos, deu-se um processo de transferência da propriedade agrária, das mãos das antigas famílias aristocráticas e oligárquicas para os novos ricos da Colômbia: os narcotraficantes.

Estes, hoje em dia, controlam 70 por cento das melhores terras do país. Face à possibilidade de negociar ilícita e impunemente, estão a surgir novos cartéis como o da Costa, Bogotá e Viejo Caldas.

Para sobreviver, os camponeses pobres são obrigados a produzir cocaína, marijuana ou amapola, substituindo o mal pago cultivo de alimentos. É a sua única saída. Mas estes trabalhadores rurais nada representam no mundo da droga.

Pelo contrário, os senhores dos cartéis influenciam todos os campos da actualidade colombiana, inclusivamente a política, a administração e o fisco. O dinheiro do tráfico de estupefacientes está nos latifúndios, na pecuária, no comércio, na indústria, na banca, nos meios de comunicação, nas forças militares e nos partidos políticos que utilizam para fazer eleger os seus representantes no Congresso e no poder executivo.

A invasão dos traficantes é de tal ordem que foram vários os financiamentos de campanhas eleitorais com dinheiro proveniente da venda de droga, nomeadamente na campanha do actual Presi-

dente da República, Ernesto Samper, em 1994.

Para a resolução do problema do narcotráfico, os revolucionários do ELN defendem a criação de instrumentos internacionais, numa estratégia que diferencie a situação dos produtores agrícolas e a dos que comercializam e consomem os estupefacientes e os seus agentes financeiros.

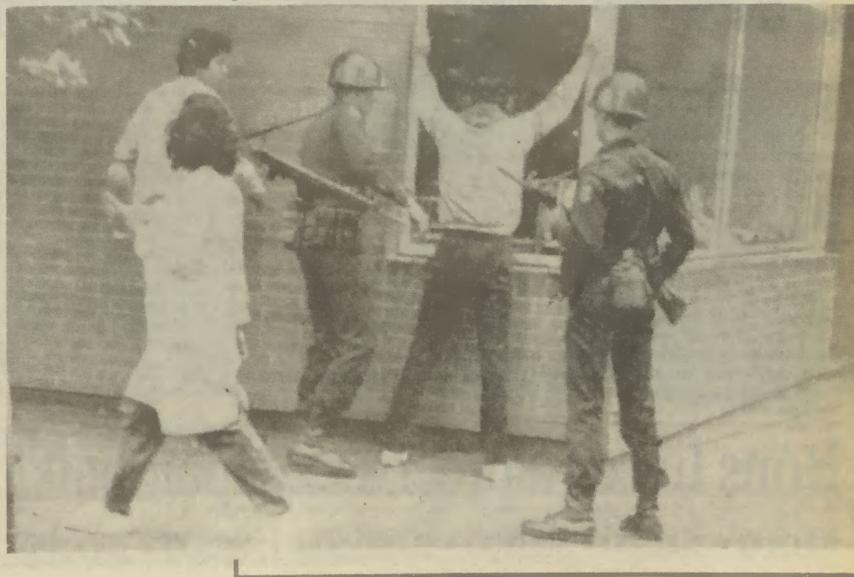
Outras medidas apresentadas passam pelo favorecimento de políticas de substituição de cultivos, restrição do comércio de narcóticos, reabilitação de dependentes e prevenção.

As guerrilhas revolucionárias são frequentemente acusadas de narcotráfico. Respondendo a esta questão, Nicolás Rodríguez Bautista, do ENL, diz que nas regiões onde operam existe pequena produção de coca. «Estes cultivos dão-se principalmente em zonas marginais, onde os camponeses se justificam com a falta de garantias e de recursos para viver de outro cultivo», explica.

«Questionamos os camponeses sobre essas produções, explicamo-lhes o mal que produz na sociedade, mas vemos que são famílias com dez filhos e, sinceramente, não nos parece que a saída seja arrancar-lhes o cultivo, expulsá-los dessa zona ou prendê-los. Para nós, este fenómeno social é produto do abandono e da marginalização.»

Quanto à organização, Bautista recusa as acusações: «Se há regiões em que existem cultivos é porque já lá estavam quando chegámos. Mas não nos podem acusar de que permitimos o aumento dos cultivos de coca. Ninguém nos pode acusar de lucrarmos com a coca. Aceitamos, sim, é que temos influência em zonas onde há cultivos de coca.»

E acrescenta: «Encontrar cultivos numa região onde a guerrilha opera não é sinónimo do nosso compromisso com o narcotráfico. Seria dizer que o governo participa nos assaltos aos bancos no centro de Bogotá.»



A «guerra suja» dos paramilitares

Na Colômbia os combates não são apenas travados entre os guerrilheiros e o exército. Vários grupos paramilitares levam a cabo a chamada «guerra suja» a mando do governo, das multinacionais, dos traficantes de droga, dos empresários e dos latifundiários. Actualmente estes exércitos superam em número as forças armadas governamentais. Num relatório publicado no passado mês de Junho, a Amnistia Internacional (AI) referiu o treino de militares pela empresa petrolífera BP.

Desde que os paramilitares foram declarados ilegais em 1989, o regime de Samper tenta legitimar estes grupos, dando-lhes cobertura legal sob o nome de «cooperativas de segurança». Gozando da cumplicidade, do financiamento e dos instrumentos jurídicos de quem os protege, os paramilitares são, nas palavras de Raúl Reyes, membro das FARC, «gestores da cultura da violência, da corrupção, da impunidade e da entrega do país ao monopólio internacional».

Não são apenas os guerrilheiros que acusam as autoridades de apoiar a «guerra suja», também as organizações de direitos humanos o fazem. Num relatório de 1996 sobre a Colômbia, a Amnistia Internacional (AI) denuncia que «a expansão e consolidação das actividades paramilitares ilegais foi acelerada consideravelmente durante o governo do presidente Samper, apesar das suas promessas de dissolver tais grupos», acrescentando que «certas decisões políticas adoptadas pelo governo contribuíram para a sua proliferação».

A impunidade reina nos casos de violações dos direitos humanos tanto por parte dos paramilitares como das forças armadas. O sistema de justiça militar vigente na Colômbia é a pedra angular. «As sanções disciplinares são uma excepção e a impunidade nas investigações criminais é praticamente total», lê-se no mesmo documento.

«Os tribunais militares evitam os responsáveis de graves e generalizadas violações dos direitos humanos acertem contas com a justiça», explica a AI. «Os militares responsáveis por homicídios

cometidos por motivos políticos e outras violações dos direitos humanos perpetradas durante o conflito civil são sistematicamente protegidos da justiça».

Pelo contrário, «muitos foram promovidos ou condecorados enquanto estava em curso a sua investigação e inclusivamente, em alguns casos, quando as investigações disciplinares já haviam determinado a sua responsabilidade em execuções extrajudiciais e outros abusos graves».

O ELN, à semelhança das outras guerrilhas colombianas, respeita o direito internacional humanitário, seguindo os Convénios de Genebra.

O seu Código de Guerra impõe nomeadamente que durante os combates os civis não sejam usados como escudo de protecção, que os bens e instalações civis sejam evitadas e se façam as reparações possíveis, que as populações das zonas minadas sejam informadas, que não sejam incorporados menores de 15 anos na força militar permanente e se garanta aos detidos um tratamento humanitário e assistência sanitária, informando-se os seus familiares da sua situação.

Do mesmo modo, proíbe matar ou ferir um inimigo que se renda ou que esteja fora de combate e estabelece que se deve informar publicamente sobre o número e nomes dos capturados. Os mercenários e espíões não têm garantias de tratamento de prisioneiros de guerra.

«Tudo o que impeça solucionar as necessidades elementares da vida - alimentação, trabalho, habitação, saúde, educação, serviços públicos - e condene a população a condições de pobreza e miséria absoluta é violatório dos direitos humanos. Neste sentido, consideramos que o primeiro inimigo dos direitos humanos é a dívida externa e os primeiros violadores são o FMI, o Banco Mundial e os governos no poder», defende o ELN. E acrescenta que «o modelo de desenvolvimento neoliberal é, na sua essência, um instrumento de violação dos direitos humanos».

Camponeses a braços com crise agrícola

Uma das principais reivindicações dos grupos revolucionários do ENL, FARC e EPL é a reforma agrária como forma de solucionar grande parte dos conflitos sociais, injustiças económicas e a crise agrícola com que a Colômbia se debate. Actualmente, o país importa alimentos básicos como o milho miúdo, arroz e feijão.

A década de 80 foi decisiva com a paragem da economia, inflação, congelamento de salários e endividamento externo. Com o desenvolvimento do neoliberalismo no país, a agricultura deixou de ser uma área estratégica no processo de acumulação de capitais. As matérias primas vegetais foram substituídas por fibras sintéticas, provocando uma crise na produção algodoeira.

Também a agro-indústria do café se contraiu visivelmente devido à baixa dos preços internacionais, repercutindo-se de maneira considerável sobre o resto da economia nacional. Historicamente, o café sempre foi uma fonte de financiamento para o resto da economia do país. Absorvendo 35 por cento da força de trabalho do mer-

cado agrícola, este sector tem actualmente excedente de mão-de-obra.

Estes factos recentes vêm agravar a situação dos camponeses. Segundo algumas estatísticas, 48 por cento das terras mais férteis estão nas mãos de 1,3 por cento dos terratenentes, enquanto 67 por cento dos agricultores apenas possuem 5,2 por cento de terras cultiváveis.

Por outro lado, 0,8 por cento dos proprietários são donos de extensos latifúndios que se estendem por áreas com mais de 300 hectares e controlam 68 por cento das terras agrícolas; 79 por cento dos proprietários minifundistas cultivam parcelas com menos de cinco hectares e só têm 5,6 por cento das terras férteis. No total existem milhão e meio de famílias camponesas que não têm acesso à terra.

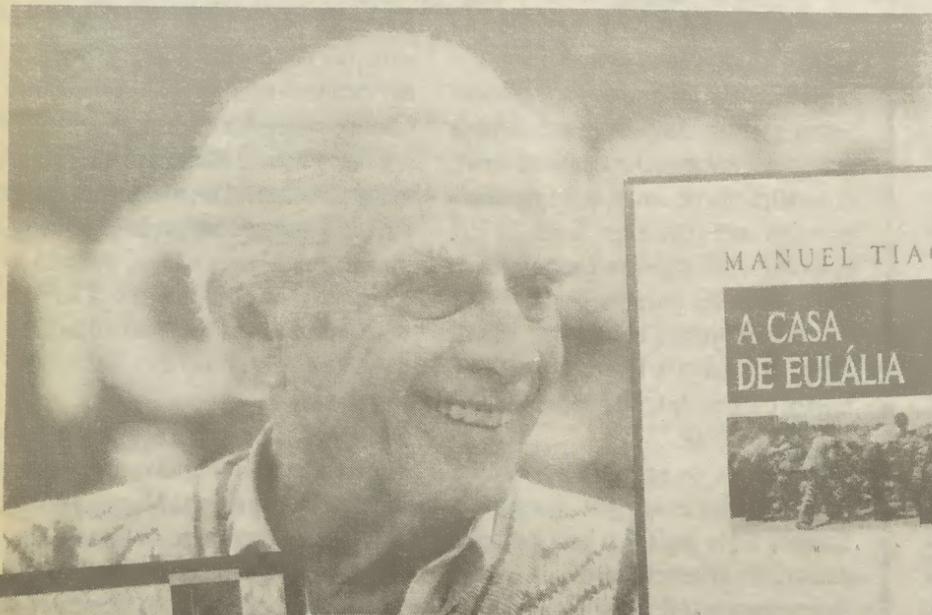
Paralelamente a este dramático desequilíbrio de riqueza entre as diversas classes sociais, verifica-se uma permanente redução dos salários e contínuos aumentos dos preços dos bens e serviços essenciais. Este processo reduziu a maioria da população à subsistência mínima.



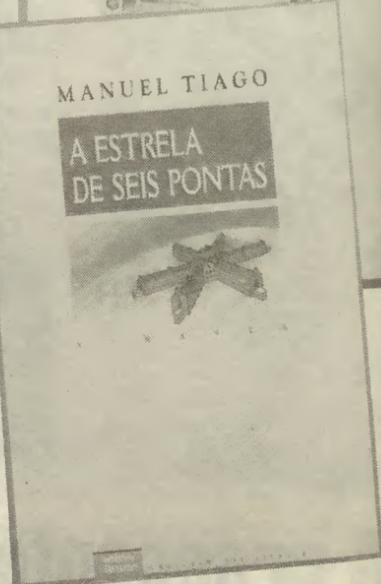


FESTA DO LIVRO

Descontos
de 20
a 40%

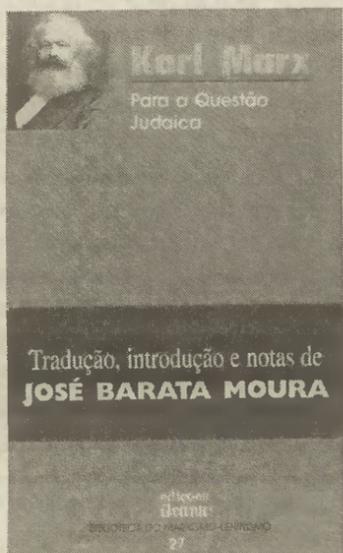
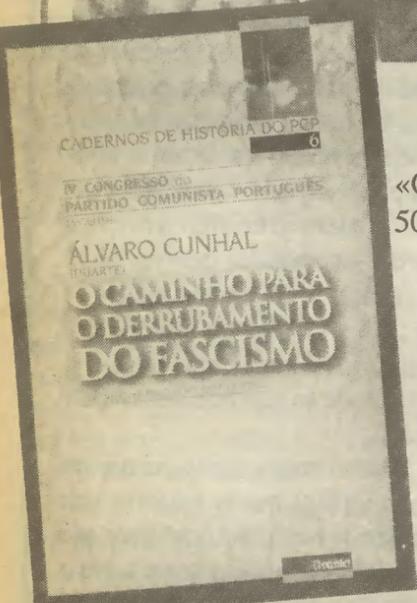


Obras de Manuel Tiago
pseudónimo de Álvaro Cunhal



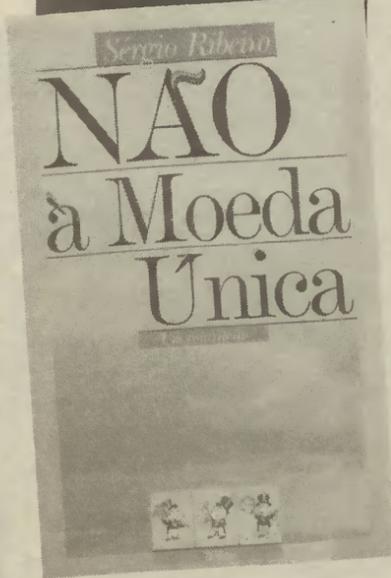
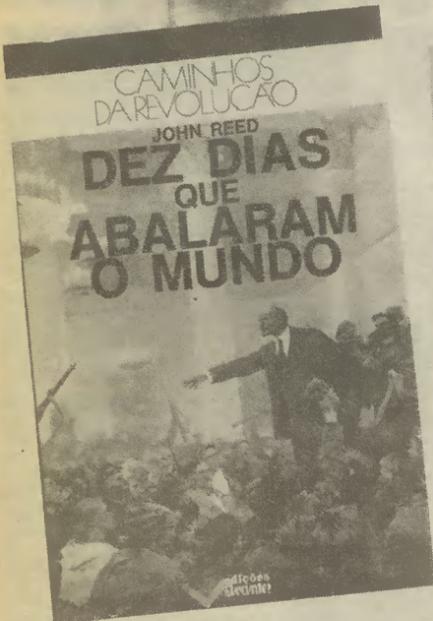
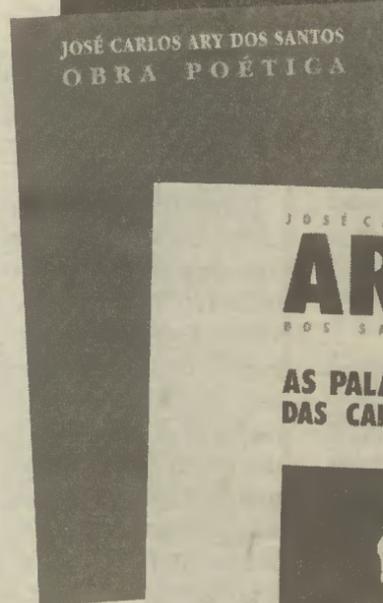
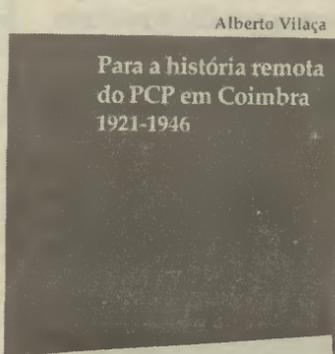
com um prefácio
de Álvaro Cunhal
«O IV Congresso visto
50 anos depois»

NOVIDADE



Novidades
na Festa

Ary dos Santos



Bons livros a preços excepcionais!

300\$00 • 500\$00 • 800\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

SALDOS de FINS de EDIÇÃO
desconto mínimo de 50%

Avante! Festa!

AMORA-SEIXAL

5, 6 e 7 SETEMBRO



Mais artistas na Festa

O ano de todos com todos

«**T**odos com todos» é sem dúvida a fórmula que melhor define os espectáculos que terão lugar na Festa deste ano. Começando logo na sexta-feira com um invulgar encontro em palco de uma orquestra sinfónica com uma banda de blues eléctrico, os dias seguintes são igualmente marcados por espectáculos inéditos e muito provavelmente irrepetíveis.

Sérgio Godinho apresenta o seu novo disco na Atalaia, fazendo-se acompanhar de uma plêiade de convidados, entre eles, Kalú, Nani Teixeira, Manuel Faria, Nuno Rafael e Gregori Spector.

A fusão de músicos oriundos de diferentes tendências musicais prossegue com o Rio Grande, onde como é sabido se juntam João Gil, Rui Veloso,

Vitorino, Tim e Jorge Palma. Mas não é tudo. Ainda no Palco 25 de Abril, Tito Paris e convidados propõem uma viagem pelos sons de Cabo Verde, Moçambique, Angola, Guiné e São Tomé, e os «Navegante» apresentam no domingo um espectáculo especialmente preparado para a Festa, baseado num disco ainda inédito, que conta com a presença de vários músicos convidados e com o grupo de percussões «O Ó Que Som tem». Outras fusões se antecipam com Pedro Jóia e a sua guitarra flamenca e o som do grupo «Ciganos de Ouro».



Uma Festa que dá gosto

A Festa do «Avante!» continua a ser o maior acontecimento político cultural do país. Sempre diferente e melhor de ano para ano, apresenta um vasto programa de espectáculos, exposições e debates, iniciativas desportivas, uma vasta oferta de restaurantes e bares, uma feira do livro e uma discoteca,

artesanato nacional e internacional. Lugar aprazível, sempre renovado, a Quinta da Atalaia tem excelentes infraestruturas e equipamentos públicos que tornam agradável a estadia aos visitantes. Durante os três dias, as carreiras de transportes públicos, fluviais e terrestres, são

reforçadas, assim como são criados vários parques de estacionamento nas proximidades do terreno. É por tudo isto e por muitas mais razões que cada um pode acrescentar que dá gosto ir à Festa. Divulga a Festa. Vem e traz um amigo contigo!

EP à venda

Só custa 2100 escudos. Dá acesso aos três dias da Festa, bem como a todas as iniciativas e espectáculos. Compra já a tua EP! Evita as filas de espera

JORNADAS DE TRABALHO

Um último esforço

A Festa do «Avante!» já tem forma e os trabalhos avançam a olhos vistos. Até à abertura resta apenas uma semana para ter tudo pronto e receber os milhares de visitantes como só os comunistas sabem. Para os que na mão-de-obra são especialistas e para os que o não

são, há sempre uma tarefa à espera. E à hora do almoço, juntando farnéis, um convívio que alivia o esforço do trabalho e torna a jornada apetecível. Antecipa a Festa. Participa nas jornadas de trabalho.

Colóquios na Festa

O Pavilhão Central apresenta várias exposições: «O projecto e as Propostas do PCP», «A Política de Direita do Governo PS e a Luta dos Trabalhadores», «Os ideais, valores e Influência Actual da Revolução de Outubro», «As Autarquias e as Eleições», «A Imprensa do Partido».

Neste espaço está ainda o Fórum, que será palco de diversos colóquios a saber:

Sexta-feira

21.00 horas - Tema: «Privatizações», com participação de **Jerónimo de Sousa** e **Francisco Lopes**, membros da Comissão Política do PCP, e camaradas das



Partido Comunista Francês; **Patricia Sentinelli** responsável da organização da cidade de Roma do Partido da Refundação Comunista de Itália; **Fernanda Mateus** membro da Comissão Política e responsável da área para as questões e movimentos das mulheres do PCP.

21.00 horas - Tema: «Eleições autárquicas e regionalização» Participam **Luís Sá**, membro da Comissão Política do PCP, **Rui Sá**, deputado na AR, **Rui Godinho**, vereador da CM de Lisboa, **Abílio Fernandes**, presidente da CM de Évora, e **Augusto Pólvora**, administrador delegado da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal e candidato da CDU à CM de Sesimbra.

ciclo de debates denominado «À Conversa Com...» que terá o seguinte programa:

Sexta-feira

21 horas - **Blanqui Teixeira** sobre a Imprensa Partidária

Sábado

15 horas - **Américo Nunes** sobre A Luta dos Trabalhadores
18 horas - **Luísa Araújo** sobre A Luta das Mulheres
21 horas - **Fernando Correia** sobre a Comunicação Social

Domingo

15 horas - **António Dias Lourenço** sobre A Luta na Clandestinidade

Espaço Internacional

Neste espaço, para além da animação musical - com grupos de Cuba, Cabo Verde, Moçambique, Sahara Ocidental, Timor Leste e da vizinha Galiza, entre outros - realiza-se uma série de debates e actos de solidariedade:

Sábado

15 horas - **Solidariedade com o MPLA e o Povo Angolano**. Estão convidados **José Neto**, membro do CC do PCP, e uma delegação do CC do MPLA.

18 horas - **Solidariedade com Cuba e o Povo Cubano**. Estão convidados o jornalista **Miguel Urbano Rodrigues** e um delegado do Partido Comunista de Cuba.

21 horas - Sobre o **80º Aniversário da Revolução de Outubro**. Estão convidados **Aurélio Santos**, membro da Comissão Central de Controlo do CC do PCP, e uma delegação do PC e delegados do Partido Comunista da Federação Russa e do Partido Agrário.

Domingo

15 horas - **Solidariedade com o Povo da Palestina**. Estão convidados **Domingos Lopes**, membro do CC do PCP, e a delegação da OLP.

19 horas - **Solidariedade com o Povo de Timor-Leste**. Estão convidados **António Filipe**, membro do CC do PCP e deputado à AR, e um delegado da Fretilin.



ORT's da Função Pública, EDP e Portugal Telecom.

Sábado

17.00 horas - Tema: «A Mulher e a Questão Social e a Europa». Moderado por **Manuela Bernardino**, membro do CC e da sua Comissão para os Problemas e Movimento das Mulheres, neste debate participam entre outros: **Eva Bulling-Schröter**, deputada do Bundertag pelo Partido Socialista Democrático da Alemanha; **Marisa Bergas**, membro da Presidência Federal e responsável pela área das mulheres da Esquerda Unida de Espanha; **Michéle Guzmam**, membro do Bureau Nacional e responsável da actividade entre as mulheres do

Domingo

14.30 horas - Tema: «Olhar sobre as Migrações. Emigrantes portugueses/Imigrantes em Portugal». na mesa vão estar: **Henrique de Sousa**, membro do Secretariado do CC do PCP; **António Filipe**, do CC e deputado na Assembleia da República; **João Armando**, membro do CC e da Direcção da Organização na Emigração do PCP; **Manuel Correia**, membro do CC e dirigente da Frente Anti-racista e de origem cabo-verdiana; **Manuel Beja**, emigrante na Suíça, membro do Conselho das Comunidades Portuguesas e dirigente sindical; **José Roussado**, emigrante em França, membro do Conselho das Comunidades Portuguesas; e **Fernanda Sanches**, animadora social, e candidata na lista da CDU à CM da Amadora, de nacionalidade cabo-verdiana.

À conversa com... No Espaço da Imprensa do Partido

É também na zona central que se encontra o Espaço da Imprensa do Partido onde é promovido um



Dezoito anos da JCP em três dias de Juventude

«Três dias, três histórias, uma luta» é a pedra de toque das actividades que a Juventude Comunista Portuguesa leva a cabo no espaço mais jovem da Festa do «Avante!»: **sexta-feira**, o 30º aniversário da morte de Che Guevara; **sábado**, o 80º aniversário da Revolução de Outubro; **domingo**, os 18 anos da JCP. É feito um especial convite à participação nas batalhas que mobilizam hoje os jovens comunistas portugueses: a resolução dos **problemas da juventude** e a resposta política para satisfação dos seus anseios e aspirações; a unidade e dinamização do **movimento juvenil** nacional e internacional; a **solidariedade** anti-imperialista e as acções em defesa da paz e da amizade entre os povos (com particular destaque para o 14º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, realizado em Havana, de 28 de Julho a 5 de Agosto); a intervenção no **poder local** e a mobilização para as próximas eleições autárquicas.

Café-concerto

A capital da animação no espaço da Juventude fica no café-concerto, cujo programa deixamos aqui à apreciação dos leitores.

Sexta-feira: 20 horas - música popular, com o «Tempo Ausente», de Setúbal; 21 horas - excertos do filme «Lenine em Outubro» e debate com **Albano Nunes**, responsável da Secção Internacional do PCP; 22.30 - música popular, com os «Pedra da Calçada», de Alcácer do Sal; 24 horas - desfile de moda, organizado pelas «Manobras de Maio».

Sábado: 16 horas - música popular por um grupo de Santa Maria da Feira; 17.30 - debate sobre Che Guevara, com a participação do responsável pela delegação do Partido Comunista de Cuba; 19 horas - música tradicional cubana; 21 horas - filme sobre Che Guevara; 22 horas - desfile de moda, organizado pelas «Manobras de Maio».

Domingo: 14 horas - debate sobre os 18 anos da JCP, com a participação de actuais e antigos dirigentes da juventude comunista; 16 horas - partida do desfile da JCP, da Praça Central para o comício da Festa; 19 horas - música popular, com os grupos «A Negra Flor» e «Cittara», de Sines.

Comboio do Norte

O Comboio da Juventude CDU para a Festa do «Avante!» sai do Porto (Campanhã) às 10.45 horas de sexta-feira; tem paragens em Gaia (10.50), Espinho (11.05), Aveiro (11.40), Coimbra B (12.25), Entroncamento (13.30), Santarém (13.50) e chega às 14.40 a Lisboa (Santa Apolónia). Os interessados podem reservar os seus bilhetes e obter todas as informações nos centros de trabalho do PCP e da JCP.

Os bilhetes são de ida e volta e incluem a deslocação em autocarro especial até à Festa do «Avante!».

Os preços, conforme o local de embarque, são os seguintes: Porto e Gaia - 4.000\$00; Espinho - 3600\$00; Aveiro - 3.100\$00; Coimbra 2.500\$00; Entroncamento - 1500\$00; Santarém - 1300\$00.

A partida, da Quinta da Princesa, do autocarro de regresso está marcada para as 23 horas de Domingo.



Corrida da festa êxito assegurado 1200 atletas 110 equipas

Dias antes do período de inscrições fechar, a Organização da Corrida da Festa já contabilizava 1200 atletas e 110 equipas inscritos. Um número que segundo os organizadores poderá subir ainda até amanhã, sexta-feira, prazo limite em que os interessados podem endereçar os seus pedidos de inscrição. Recordamos que o devem fazer para «Corrida da Festa do Avante!», Av. António Serpa, nº26 3º Dtº - 1050 Lisboa. Tel. 7935330, ou fax .7969139.

Figuras do desporto apoiam a Corrida

Jorge Salcedo
Atletismo e convívio

Jorge Salcedo é secretário-geral da Federação Portuguesa de Atletismo, membro do Conselho da Associação Europeia de Atletismo, assim como presidente do Comité de Corta-Mato e membro do Departamento de Competições. Integra ainda o Comité Técnico Internacional de Atletismo Amador, é oficial técnico internacional e vice presidente da Associação Ibero-Americana de Atletismo. Sobre a Corrida da Festa afirma o seguinte:

Para alguém que, por razões genéticas, se ligou intensamente a esta bela modalidade desportiva que é o Atletismo, é sempre extremamente gratificante constatar que uma festa de cariz popular, como a organizada pelo jornal «Avante!», integra nas suas manifestações uma actividade igualmente tão popular como a Corrida.

Originada numa ideia do professor Melo de Carvalho, ela tornou-se num dos mais participados eventos da Festa, permitindo, por ser aberta a todos os níveis, que nela vejamos, lado a lado, atletas federados e não federados, sejam eles ou não militantes ou simpatizantes do partido que é a sua alma. E é esta ideia de abertura, em sentido lato, que mais me agrada, já que, segundo creio, a corrida é organizada com dois objectivos centrais muito claros. O de promoção do atletismo e o do convívio que ela permite, seja qual for o seu modo de expressão.

E é esta vertente do atletismo que todos nós, responsáveis do atletismo federado, também desejamos. O atletismo aceite e praticado como uma forma privilegiada de desporto, que todos



edições da Corrida da Festa do «Avante!». Aqui fica o seu depoimento:

A Corrida da Festa do «Avante!» tem demonstrado ao longo dos anos enorme capacidade mobilizadora de muitas centenas de praticantes de atletismo de todas as idades e de ambos os sexos, sem preconceitos.

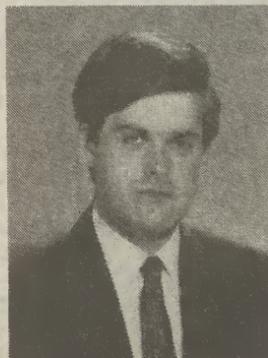
Tem também encontrado uma forma acessível de proporcionar um clima de grande convivência entre atletas do mais alto nível competitivo e aqueles que procuram na prática desportiva, mais ou menos regular, a oportunidade de melhorar o seu bem-estar físico para enfrentarem as dificuldades de uma vida sedentária.

As iniciativas deste tipo são decisivas para a difusão de um desporto para todos, onde o número de praticantes informais atinja um lugar de grande destaque também no nosso país, onde a administração pública não se desperta para um problema tão importante da vida das populações.

O êxito da Corrida da Festa do «Avante!» está garantido e, pela minha parte, saúdo os organizadores que têm sabido, ao longo dos anos, direccionar a iniciativa no sentido da confraternização e da fraternidade.



Caleia Rodrigues



Jorge Salcedo

deveriam ter acesso, facto que infelizmente, está longe de suceder no nosso país.

Depois de conhecer e aprender a amar a nossa modalidade, os que se sintam motivados para tal, poderão então optar pela via competitiva, se for caso disso, até ao mais alto nível. Um bem haja à organização desta iniciativa, um bem vindos aos participantes, muito particularmente aos que possam estar a iniciar ou a sedimentar uma ligação à modalidade e, quanto aos espectadores, fundamentalmente aos mais jovens, que experimentem o que é o atletismo nas suas tão aliciantes variantes, nos locais em que possam ter o acompanhamento necessário.

Fernando Santos
Prova essencial

É dirigente do Grupo Desportivo do Cavadas do Seixal e foi o primeiro treinador da atleta Carla Sacramento. De Fernando Santos recebemos a seguinte mensagem:

A prova de atletismo do «Avante!» atingiu, a nível nacional, grande projecção entre os amantes da modalidade, que a tornaram essencial no calendário dos corredores.

Caleia Rodrigues
Corrida da fraternidade

Vereador do Pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa, Caleia Rodrigues tem seguido com interesse as várias

Cicloturismo 400 praticantes inscritos



No próximo domingo, os amantes do cicloturismo vão concentrar-se junto à Quinta da Atalaia, de onde partirão para um passeio que cruzará os concelhos do Seixal e de Almada. Para já a organização conta com a presença de 400 praticantes da modalidade e de duas dezenas de equipas. A prova é promovida pela Comissão de Desporto da Festa do «Avante!», com o apoio técnico da Federação Portuguesa da modalidade, e começa e acaba junto à Atalaia, onde no final será distribuído um abastecimento aos participantes e entregues lembranças da Festa. O percurso passa por Miratejo, Cova da Piedade, Almada, Pragal, Feijó, Vale Milhaços, Cruz de Pau, Casal do Marco, Seixal e de novo Amora.

As inscrições podem ser feitas até uma hora antes do início da prova, ou através dos telefones 2752777 e 2753939.

Chinquilho em Setúbal



Mais de 120 jogadores participaram na primeira fase do torneio de Chinquillo - Malha Grande - da Festa do «Avante!», promovido pela Comissão Concelhia de Setúbal, desta vez em colaboração com a Cooperativa de Habitação «Força de Todos», das Pontes.

A iniciativa divide-se em duas fases, a primeira realizada no passado fim-de-semana, estando a segunda marcada para o próximo domingo, a partir das 14.30 horas.

Com um total de 15 equipas inscritas, o Torneio terá o seu desfecho com jogos entre as turmas do «Estrela de Algeruz», «Os ídolos do Chinquillo da Anunciada», «Grupo Desportivo das Lameças», «Águias Negras» (Jardia), Cooperativa de Habitação «Força de Todos» e dos Brejos da Moita.

Em paralelo decorrerá o apuramento do Torneio de Chinquillo da Malha Corrida. A finalíssima terá lugar na Quinta da Atalaia, em plena Festa do «Avante!».

Xutos e Pontapés



Viciados no rock

Os veteranos do Rock português, já a caminhar para 20 anos de carreira, aí estão de novo com um novo disco editado acabado de sair. «Dados Viciados» é a última criação desta banda que permanece combativa e rebelde, decidida a traduzir as realidades contemporâneas em belos hinos rock'n roll. Depois de um começo atribulado, que teve como marco o célebre concerto nos Alunos de Apolo em Janeiro de 1979, a Banda consegue gravar dois singles entre o final de 1981 e Março de 1982, com os temas «Semén» e «Toca e Foge», e «O Papá Deixa Lá» e «Quero Mais».

Em Abril desse mesmo ano sai finalmente o ambicionado álbum com o singelo título «78-82», de imediato acolhido calorosamente, pela imprensa se bem que a rádio insistisse em não passar as faixas do grupo. Em 1983, depois da saída de Francis, João Cabeleira, guitarrista exímio e brilhante, entra para a banda ajudando a gravar no ano seguinte um novo single com os temas «Remar, Remar» e «Longa se Torna a Espera». Por essa altura, reforçada com o

saxofonista Gui, a banda impõe-se no circuito ao vivo, única hipótese de sobrevivência, onde se revelaram mestres em empolgar salas esgotadas. Depois de muita estrada e de uma passagem por Espanha, gravam em 30 dias o LP «Cerca», e ainda uma colectânea ao vivo no Rock Rendez-Vous. Depois do single «Barcos Gregos/Homem do Leme» (1986), os Xutos consagram-se com o álbum memorável «Círculo de Feras», editado pela polydor em 1987 e que depressa chegou a disco de Ouro. A platina viria com o LP «88» e regressaria com o álbum tripo «Xutos ao vivo», editado em Novembro desse ano. Na discografia da Banda destacam-se ainda os LP's «Gritos Mudos» (1990), «Dizer Não de Vez» (1992); «Direito ao Deserto» (1993); «Xutos & Pontapés ao Vivo na Antena 3» e o recente «Dados Viciados» editado em Março e que já é disco de ouro. Bem conhecidos do público da Festa do «Avante», os «Xutos e Pontapés» abrem em força a noite de sábado no palco 25 de Abril.

Navegante leva disco inédito à Festa



É um nome recente da música popular portuguesa que chegou ao grande público através do seu primeiro disco «Romance Moderno» e dos inúmeros espectáculos realizados por esse país fora. Depois da Festa de 1995, voltam agora ao Palco 25 de Abril para apresentar um novo espectáculo baseado no seu novo disco, acabadinho de gravar, que só será colocado à venda no mês de Outubro. O novo álbum intitula-se «Cantigas Partindo-se» e prossegue a sonoridade do grupo, marcada por instrumentos como a braguesa, o cavaquinho, o acordeão, as percussões e a guitarra. Composto por 11 novos temas, dos quais sete originais e quatro tradicionais, na sua gravação o Navegante contou com a participação do guitarrista Pedro Jónia, de Rui Vaz dos Gaiteiros de Lisboa e de Artur Fernandes das «Danças Ocultas».

Para além de contar com todos estes músicos, o espectáculo na Festa, que tem uma duração prevista de hora e meia, é entrelaçado com o grupo de percussões «O Ó Que Som Tem», formação dirigida por Rui Júnior que integra igualmente o Navegante. Tocando temas em conjunto, os dois grupos substituem-se em cena sem que a música deixe de tocar. Um espectáculo irrepetível, domingo pelas 15.30 horas.

Jovens do Hungu Sons da tradição angolana

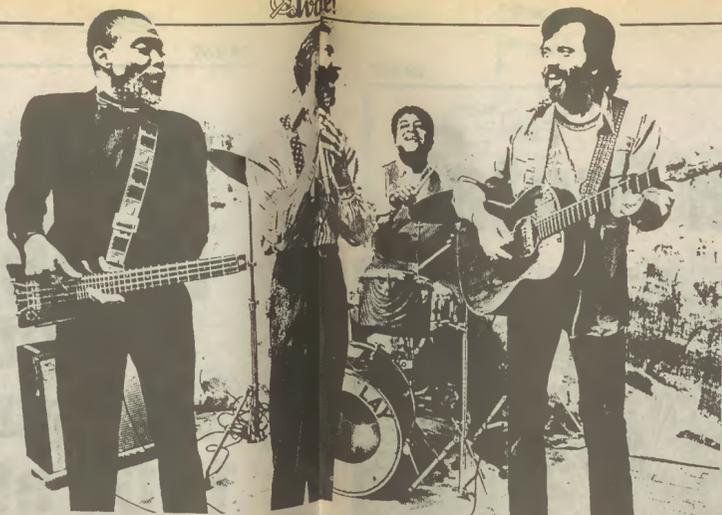
Hungu é o nome de um instrumento, também chamado Berimbau. Juntamente com este arco musical, os «Jovens do Hungu» utilizam outros instrumentos de percussão tais como o Ngoma (tambores), o Dikanza (reco-reco), o Bate-bate (cana de bambú percutada) e o Puita (cuica), bem como uma harmónica. Tendo iniciado a sua actividade em Luanda no início da década de 90, os Jovens do Hungu desenvolveram uma linguagem musical associada à música tradicional de Angola, recorrendo em particular a organizações rítmicas identificadas. Entre estas, destacam-se o Semba, o Dituika e o Rebita, ritmos que são marcados pelos instrumentos de percussão utilizados pelo grupo. Os textos das canções vão buscar inspiração à literatura oral de língua Kimbundu. Tratam dos problemas da

vida das populações, comuns a muitos países africanos: a destruição causada pela guerra, a quebra e substituição dos sistemas económicos tradicionais, o SIDA, mas também a filosofia e moral angolanas. A formação é constituída por sete músicos que recentemente editaram um CD que é considerado uma «pérola etnográfica de valor inestimável». O poeta Filipe Zau observa que o grupo demonstra «significativas preocupações de ordem estética nos arranjos das suas músicas, apresentação em público e temática assente na literatura oral (...) e uma personalidade artística peculiar: fogem às tentações de um trabalho simples e comercial, de fácil consumo», salientando ainda o «domínio dos seus instrumentos tradicionais e a procura de uma correcta harmonização das suas vozes».



Mário Gramaço e A Outra Banda

É um músico de Almada. Estuda clarinete e saxofone no Conservatório Nacional de Lisboa e na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal. Na já longa actividade de Mário Gramaço destaca-se a sua participação na Maistranha Banda bem como a fundação do grupo Rock & Vários. Tocou com músicos como Djavan, Hermeto Pascoal, Paul Stocker, Dany Silva, Jorge Palma, José Eduardo, etc.. Tocou em Amsterdão, onde permaneceu durante um ano, Hamburgo, Rio de Janeiro e em Portugal, percorrendo praticamente todo o país. Tem participado na gravação de alguns discos editados por outros músicos. O repertório que apresenta na Festa é composto por temas originais com influência de World Music: *Bairro Alto, Quando vem da raiz dos olhos, África, Praça da Alegria, Pérola, Grândola*. A formação é composta por Mário Gramaço, sax, flauta e voz; Xico Zé, Fender Jazz Bass; Paulo Basso, bateria; Pedro Mestre, piano e sintetizador; José Soares, guitarra eléctrica e acústica; Bondo, percussões. Como convidada especial estará em palco Maria Henriques, voz. Domingo, pelas 20 horas, no Auditório.



Siegel-Schwall Blues Band O espectáculo do Blues

O Auditório 1.º de Maio encerra no domingo com um espectáculo de puro blues, com os Siegel-Schwall Blues Band. Será a segunda apresentação da banda na Festa, já que na noite de sexta-feira, no Palco

25 de Abril, interpreta com a Orquestra Metropolitana de Lisboa «Três peças para Banda de Blues e Orquestra Sinfónica» da autoria do compositor norte-americano William Russo.

Unfaced Minds Sem concessões

É uma nova banda que iniciou há pouco mais de um ano a sua actividade, com base no trio de músicos: Dead Smako, Gémiuh e Mandella. Após a passagem de diversos elementos pelo grupo, a formação actual conta com sete elementos que produzem um som caracterizado pela fusão, sendo contudo o reggae e o rock as suas principais influências. Os Unfaced Minds são uma banda que privilegia a língua portuguesa, tendo no entanto temas em inglês, francês e crioulo. A variedade de idiomas explica-se também pela diversidade de nacionalidades dos seus membros: dois portugueses, um guineense, uma cabo-verdeana e dois angolanos. Já com um conjunto apreciável de concertos realizados e com um CD single gravado, a banda afirma-se como parte de «um vasto movimento que não conhece fronteiras de

mentes sem rosto, de cidadãos anónimos dos mais variados estratos sociais e referências culturais», que «acreditam na arte como um veículo de união entre os povos, como alma universal do mundo e como forma de defender a diversidade cultural». Erguem como valores a liberdade, a educação, a dignificação da mulher, o direito à diferença, a defesa das espécies e condenam espectáculos de morte como a tourada, a caça às baleias, as lutas de galos, as chacinhas de focas, a caça furtiva e a desflorestação desenfreada. São os próprios que melhor se definem: «não somos intervencionistas, mas agimos quando achamos que o devemos fazer. Não somos só uma banda, mas também uma banda». A ouvir com atenção. Sábado ao princípio da tarde, no Auditório.

Noite de Fado no Auditório Encontro de gerações

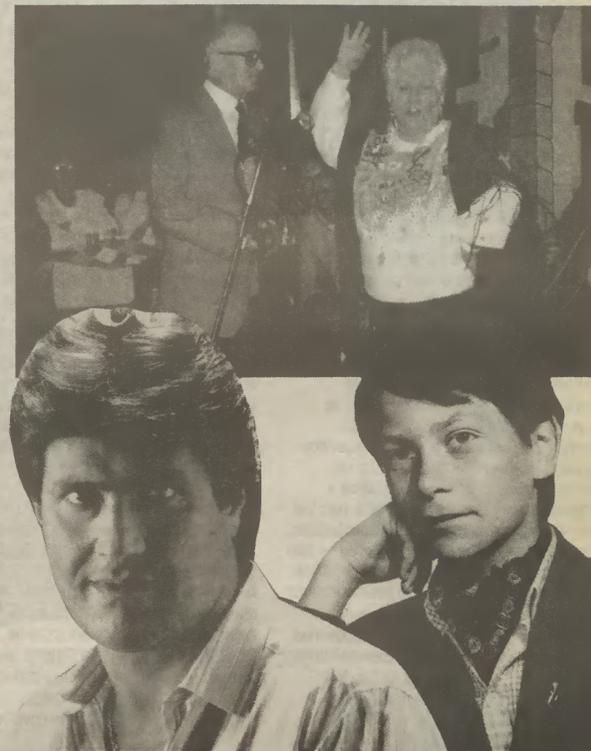
Uma grande noite de Fado preencherá a programação de sexta-feira do Auditório 1.º de Maio. Tendo como tema os fados clássicos do estilo de Lisboa, conta com um elenco de seis cantores amadores, presenças habituais e consagradas das noites de fado de colectividades lisboetas, e dois profissionais. Judite Pinto, Amélia Vieira, Fernanda Prego, Alvaro Rodrigues, João d'Alter e Sebastião de Jesus serão acompanhados por Luís Gonçalves (guitarra) e António Pedro (viola). No Auditório estarão ainda as vozes profissionais de Vasco Rafael e João Pedro acompanhados, à guitarra, por Manuel Mendes, e à viola por Jaime Martins.

Um traço curioso do elenco desta noite do Fado é reunir fadistas de gerações inteiramente diferentes, que vão desde Judite Pinto, que completa este ano 75 anos de carreira, até ao jovem António Pedro. Judite Pinto entrou para o Teatro como bailarina, tendo feito parte das principais companhias de teatro de revista da época. Já com 26 anos de idade, estreia-se como cantora no Café Luso da Avenida. Ao todo, a sua carreira artística soma 75 anos, divididos entre 16 anos no Teatro e 60 no Fado.

António Pedro foi o vencedor da Grande Noite do Fado de 1995 e, este ano, após ganhar a eliminatória portuguesa, chegou à finalíssima do «Bravo, Bravíssimo» em Itália. Com apenas 14 anos, António Pedro participou em vários espectáculos na Alemanha e no Canadá, onde irá regressar em breve para mais actuações para as comunidades portuguesas. Vasco Rafael é igualmente um nome consagrado do panorama fadista, sendo igualmente destacado a figura de Sebastião de Jesus, comumente considerado nos meios fadistas como um dos últimos e sem dúvida o melhor apresentador de fado, uma função que a evolução do género tem vindo progressivamente a fazer desaparecer.

Com 19 anos de idade, Sebastião de Jesus ganha o 1.º lugar, por votação do público, num concurso de Fado Amador, tendo conquistado a taça Carlos Ramos. Foi-lhe concedida a carteira profissional de Cantador de Fados, em 1950, contudo não chegou a exercer a profissão por razões familiares e políticas. Reaparece na vida artística em 1976 como dirigente e apresentador no popular «Vaitu» na Bica. Daí para cá tem pugnado pela defesa do Fado como expressão da cultura portuguesa, nomeadamente do fadista amador. A organização da Noite de Fado no Auditório está a cargo de José Manuel Osório, figura ligada ao fado e aos meios teatrais desde há várias décadas. Com uma sólida formação musical clássica e teatral, José Manuel Osório opta pelo fado e grava o seu primeiro disco em 1968, recebendo, em 1969, pelo segundo registo em vinil, o Prémio da Imprensa para o melhor disco do Ano. Este, tal como todos os quatro discos editados

antes do 25 de Abril, seria imediatamente proibido pela PIDE, sendo vendido apenas clandestinamente. Depois da Revolução de Abril ainda edita mais três discos, assim como prossegue uma intensa actividade teatral, destacando-se designadamente no grupo «A Barraca», que ajuda a fundar. Aproveitando todos os conhecimentos adquiridos como artista (intérprete), inicia uma carreira como produtor de espectáculos



Sebastião de Jesus e Judite Pinto, em cima, e Vasco Rafael e João Pedro, em baixo

e manager de artistas, actividade que é obrigado a interromper, em 1990, por razões de saúde. Em 1994, a convite da Sociedade Lisboa 94, Capital Europeia da Cultura, regressa ao trabalho e leva a cabo a realização de uma das mais bem sucedidas iniciativas artísticas na área do Fado. Mantém «uma relação de paixão com a Festa do Avante!», mais que uma relação de simples trabalho» e sente-se «muito honrado com o convite que lhe foi dirigido pela Direcção da Festa para estar presente este ano na Atalaia, como responsável pela organização de uma (mais uma) grande noite de fado (ou de fados)». Fica desde já marcado o encontro com quem ler estas linhas; e que traga outro amigo também».

Com Carlos Alberto Moniz e Manuel Freire Canto livre no Café-Concerto



A programação do Café Concerto de Lisboa encerra no domingo com uma noite de Canto Livre. Carlos Alberto Moniz e Manuel Freire entram em palco de guitarras em punho pelas 21 horas para cantar «sem preocupações e sem guião». E no palco que tudo será decidido no próprio momento. O espectáculo procura ser um ensaio de velhos amigos, que já tocaram centenas de vezes juntos, e que, em amena cavacueira, recoram poetas e cantores, episódios e canções. António Gedeão, José Carlos Ary dos Santos, Adriano Correia de Oliveira, Manuel Alegre, José Afonso, são, entre outros,

nomes que vão estar presentes nesta noite de canto livre. E mais não podemos adiantar. Até porque, como atrás se disse, tudo será decidido no próprio momento.

Música e debate

Entretanto, durante os três dias da Festa o Café-Concerto da DORL apresenta várias propostas musicais, reservando um espaço para o debate de questões da actualidade. Na sexta-feira, pelas 23 horas, actua no Café Concerto do Sector Intelectual de Lisboa o grupo de Coimbra «Marabá», a que se seguem as Cegadas de Lisboa, espectáculo que

recupera uma velha tradição alfacinha de teatro de rua em que se misturam as canções e sketches. O princípio da tarde de sábado é dedicado ao debate de questões ambientais, com a participação de João Sariliva, Cristina Coelho, Marta Sousa, Heloisa Apolinária, e Luís Sá. Depois de um momento musical com o grupo de música portuguesa Baía, Aurélio Santos, Maria da Piedade Morgadinho e Veríssima Rodrigues vão estar pelas 19 horas no Café Concerto para contar como se passava «Um Dia no Rádio Portugal Livre».

A música volta ao palco pelas 21 horas com o trio cubano «Los Caribén's», seguem-se os tangos com o grupo argentino «El Borde» e a noite termina com música brasileira do «Grupo d'Amigos», formação de Lisboa, que integra músicos portugueses e brasileiros. No domingo, cerca das 16 horas, actua o acordeonista Bartolomeu da Palma, e depois do almoço, pelas 19 horas, o baladeiro Zé Neto, que interpretará temas da música popular portuguesa. Ainda antes da noite de Canto Livre, as Cegadas regressam ao Café prometendo não deixar ninguém indiferente.



A invenção da pólvora na Festa!

Contra o que pareceria inteiramente lógico, a realidade a que menos se pode aplicar a qualificação de «invenção da pólvora» é o fogo de artifício! No princípio está a descoberta há longos séculos e em diversificadas partes do mundo de que a combinação de determinadas substâncias em determinadas quantidades produzem misturas que, inflamadas a fogo ou percutidas por pancadas, deflagravam e davam origem a violentas expansões de gases. Isto é, explodiam. Ou, no mínimo, eram incendiários.

No essencial, conheciam-se elementos que produzem a mistura explosiva: o enxofre, o salitre e o carvão. A «invenção da pólvora» acabou, na verdade, a ser essencialmente a fixação técnica dos quantitativos estáveis da mistura. Em 215 dC o romano Sixto Júlio Africano escrevia uma fórmula muito próxima da rigorosa, mas seriam precisos quase mil anos para que em 1320 o monge alemão Bertold Schwartz consagrasse a combinação ideal.

Note-se contudo que entre a utilização dos explosivos com fins mais ou menos militares e com fins mais ou menos espectaculares surge uma diferença de tomo: sendo óbvio que os primeiros pretendem liquidar inimigos, os segundos pretendem divertir amigos. O que, em termos práticos, diminui na segunda a importância de explosão mortífera, mas lhe introduz a necessidade da cor espectacular. Assim, enquanto na arte da explosão — isto é, na pirotecnia — militar a combinação de elementos da mistura visava essencialmente a violência da deflagração, na segunda introduzia-se a cor, os efeitos, as pequenas e grandes chamas ardendo e extinguindo-se em cascatas ou relâmpagos de luz. Na alquimia de mistura de elementos que explodiam, os artífices do fogo de festa

acrescentaram às misturas explosivas os elementos que nelas asseguravam a cor. Depois de inventarem a pólvora, inventaram o fogo de artifício.

Durante séculos, essas misturas, todas essas combinações, todas essas experiências foram segredos bem guardados de artífices, investidos além do mais no misterioso e perigoso estatuto de lidarem com o retrato mesmo do Inferno: o fogo, o enxofre, o fumo, a explosão. Que os Homens gostavam afinal de, nas festas, trazerem à terra!

Só em 1883 apareceram os primeiros tratados de química pirotécnica. Até então, pirotecnia era mistério passado de mestre a aprendiz, de pai a filho — e sem grandes explicações, essencialmente com segredos cimentados tão só em ancestrais empirismos. E, sobretudo, os vértices do mistério, do segredo, da arte, eram a forma de produzir efeitos, de assegurar cores: de explodir em vermelho ou explodir em verde, de assegurar uma rosácea de formas ou uma cascata de luzes.

Em Portugal tudo se passou, naturalmente, perto da Europa que nos rodeia. O apogeu dos séculos XV e XVI conheceu as festas que tiveram os seus fogos de artifício, a Lisboa vieram artistas de todo mundo assegurar aos reis das Descobertas a cor festiva dos triunfos de então.

Decadência chegada, foi preciso esperar por Pina Manique para deixar memória no fogo de artifício para festejar o nascimento de D. Maria. Mas seria o século XIX e um italiano, Giuseppe Osti, que, instalado em Lisboa, faria entrar no quotidiano da nascente cidade burguesa o espectáculo tecnicamente elaborado, interiorizado em salas de espectáculo ou no Jardim Público, mas que de novo traria relâmpagos, explosões e cores às excitações dos lisboetas.

A partir de então, Portugal desenvolveu duas

«escolas» pirotécnicas: a de Lisboa, sofisticada e teatral, elaborado em fogos próximos a que se chamariam «fogos presos», e a nortenha, minhota, que sobretudo introduziria pirotecnia da Espanha vizinha. Essa imagem do Inferno ali vivendo sobretudo no fascinante convívio da memória da festa profana com a romaria religiosa. Porque o espectáculo de fogo de artifício tem uma característica quase única de um contundente peso humano: é rigorosamente irreproduzível. De artifício — porque até com esse fogo o Homem é capaz de criar beleza.



SEXTA-FEIRA À NOITE NA FESTA FOGO DE ARTIFÍCIO SOB O TEMA MUSICAL DA «CARVALHESA» COM PROGRAMA DIGITAL CRIADO PELA EMPRESA PIROTEC



Abertura e Comício

A Festa abre as suas portas aos visitantes ao fim da tarde de sexta-feira, prolongando-se até à noite de domingo. O momento da abertura é assinalado pelo secretário-geral do PCP, **Carlos Carvalhas**, que intervirá na Praça da Paz, onde tradicionalmente se juntam centenas de militantes e simpatizantes comunistas. No local actuará a prestigiada Banda da Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense. No domingo, por volta das 17.30 horas, a Festa culmina com o grandioso comício, que marca o início da época política, onde desde já assume particular importância a batalha das eleições autárquicas. Da tribuna, para além de **Carlos Carvalhas**, intervêm, o director do Jornal «Avante!», **Carlos Brito**, e **Paulo Raimundo**, membro da Comissão Política da JCP. Anunciando o Comício, estão previstos vários desfiles para o Palco 25 de Abril, que partem do palco da DORS, do Espaço de Lisboa, do Palco Arraial, do cimo da encosta da Medideira e do Espaço da Juventude.

Transportes

É fácil ir e voltar da Festa

Bem servida de transportes públicos, que efectuam carreiras especiais (fluviais e rodoviárias) coordenadas com o horário da Festa, a Quinta da Atalaia é, nos dias da Festa, um local de fácil acesso aos milhares de visitantes que ali se deslocam.

Transportes Fluviais

Durante os dias da Festa está assegurado um reforço das carreiras entre Cacilhas e Cais do Sodré, que terão um intervalo máximo de 15 minutos. As carreiras fluviais efectuam-se até às 3 horas da manhã e recomeçam às 4 horas. Também as ligações Lisboa-Seixal estão asseguradas.

Transportes rodoviários

Em articulação com a Transtejo, estão asseguradas diversas carreiras rodoviárias: Entre **Cacilhas e Festa** - Os autocarros garantem ligação a Cacilhas até às 02.15 horas e enquanto houver passageiros. Entre a **Amadora e a Festa (Medideira)** está assegurado um vai-vém, com partidas na Avenida Cardoso Lopes junto à CMA. Sexta-feira, a partir das 17 horas, e regresso entre as 18 e 01.00 horas. Sábado e domingo, as partidas efectuam-se a partir das 8.00 horas, e o regresso da Atalaia efectua-se até às 01.00 horas

de cada dia. Os bilhetes encontram-se à venda junto dos locais de partida.

Cascais e Festa (Medideira)

Os autocarros partem no sábado e domingo pelas 8.30 horas e regressam às 01.30 horas no sábado e 23.00 horas no domingo. Circulará ainda uma carreira entre a Baixa da Banheira e a Medideira.

Vai-vem

Nos dias da Festa funcionará ainda um vai-vem especial coordenado com os horários dos barcos da Transtejo no Seixal, com paragens na ponte da Fraternidade, Mundet e Parque do Seixal.

Se é automobilista

Para os que preferem o transporte individual aconselhamos os seguintes percursos: - Se vem do Sul ou saiu no nó do Foguetreiro, deixe o carro nos parques da Torre da Marinha, da Mundet, ou no Seixal, antes

da Ponte da Fraternidade e use o vai-vem rodoviário.

- Se vem de Lisboa, como alternativa à AE/ Sul e à EN 10, sugerimos a variante à EN 10, em frente ao Pão de Açúcar de Almada. Ao sair da Festa siga por Santa Marta de Corroios, estrada da Sobreda/Feijó, variante à EN 10 ou via-rápida da Costa.

Parqueamento

Existem vários parques de estacionamento no interior da Amora que poderá utilizar. Ao mesmo tempo serão tomadas medidas adequadas, conjuntamente com as autoridades para garantir o escoamento do trânsito.





FESTA DO LIVRO

a palavra aos autores portugueses

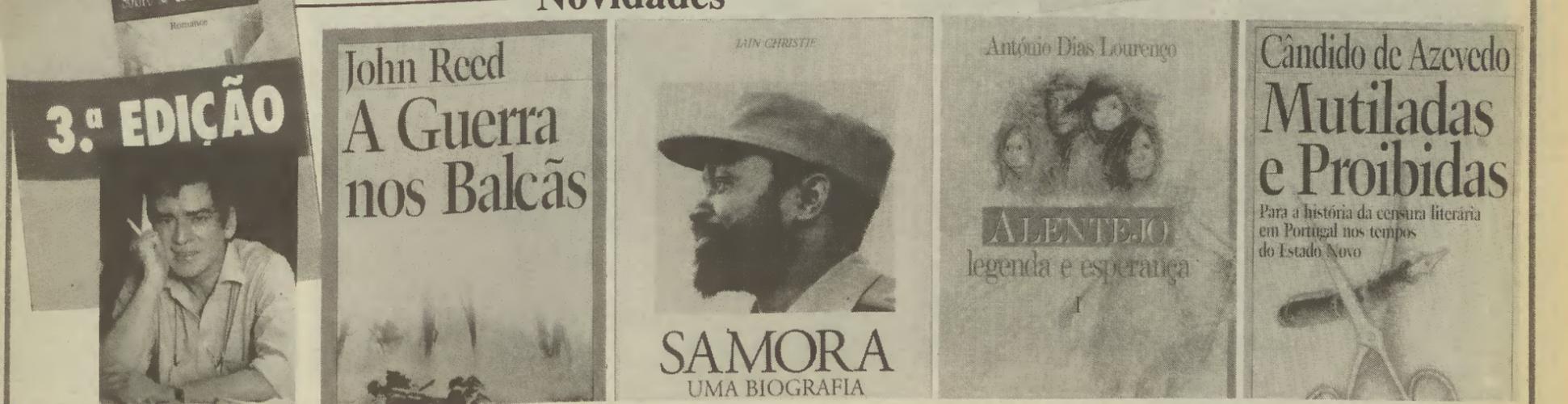
Descontos
de 20
a 40%



Livros para ter e oferecer



Novidades



Bons livros a preços excepcionais!

300\$00 • 500\$00 • 800\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

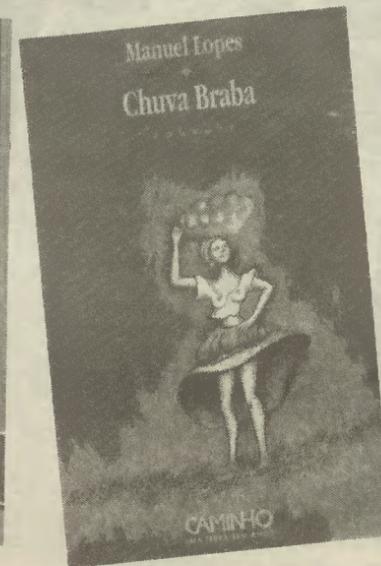
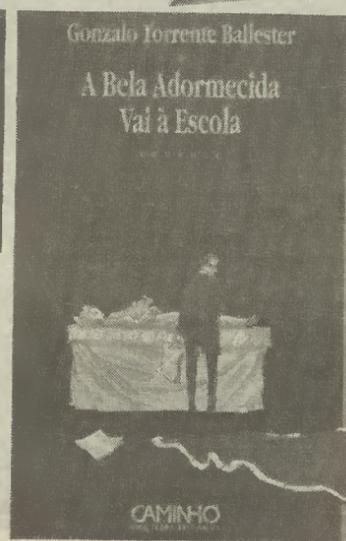
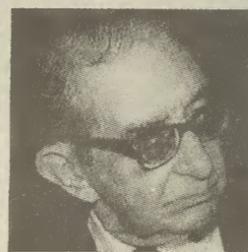
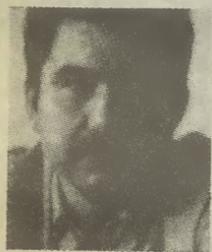
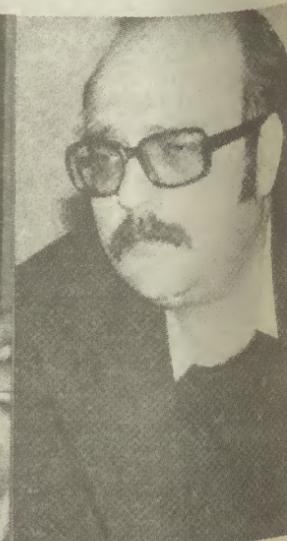
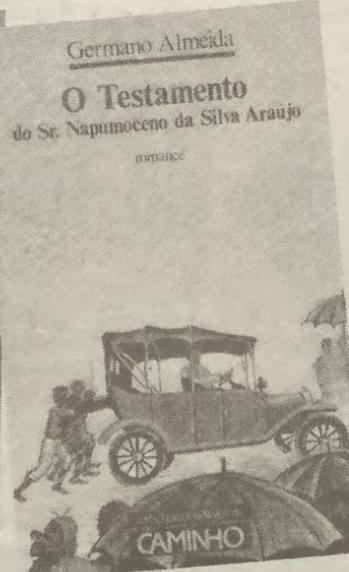
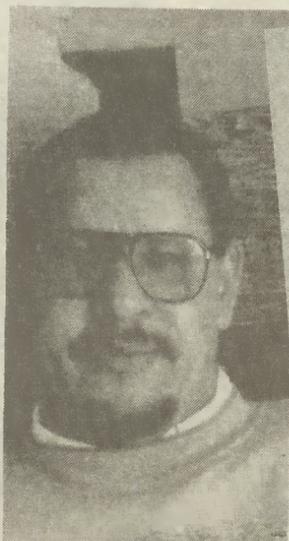
SALDOS de FINS de EDIÇÃO
desconto mínimo de 50%



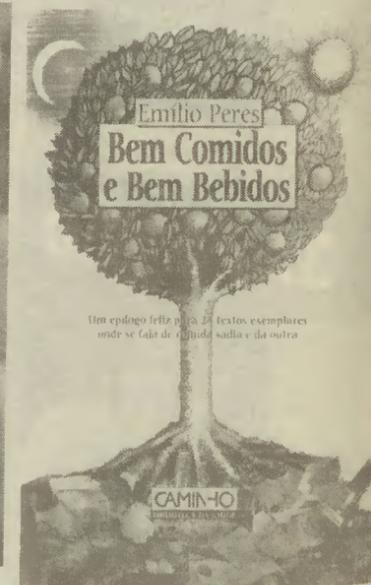
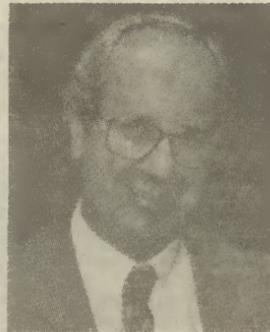
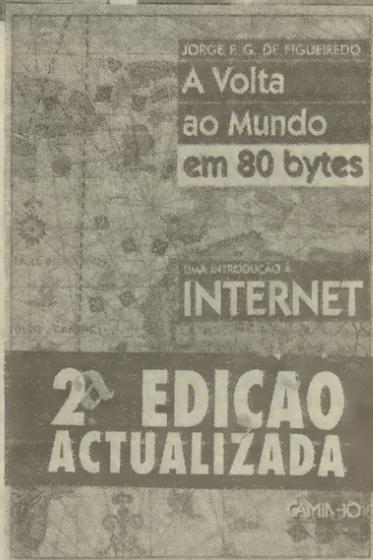
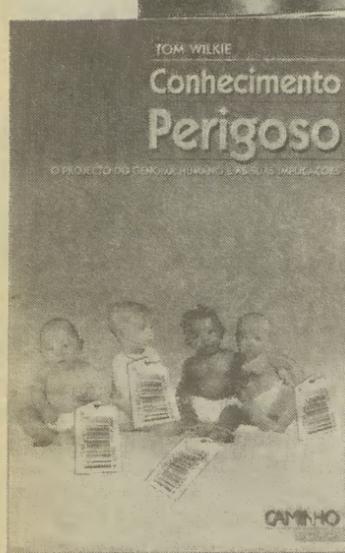
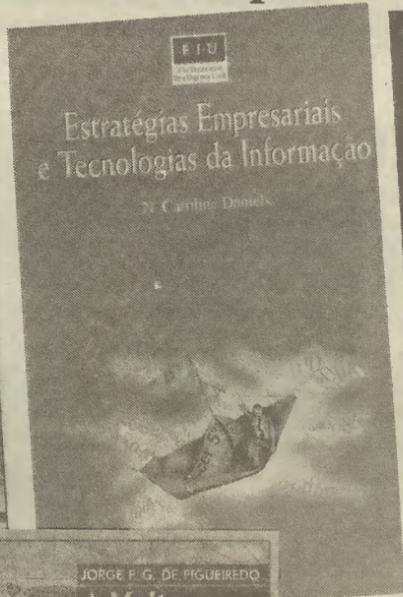
FESTA DO LIVRO

a melhor literatura de todo o mundo

Descontos
de 20
a 40%



— Questões do mundo contemporâneo —



Bons livros a preços excepcionais!

300\$00 • 500\$00 • 800\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

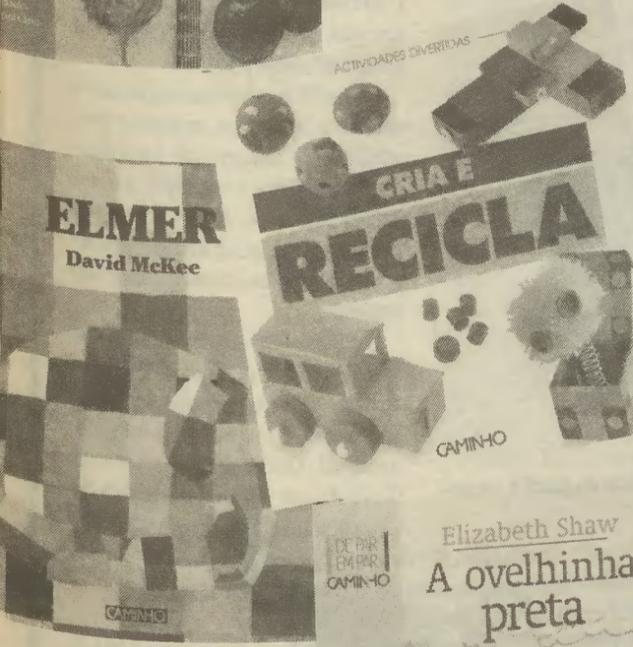
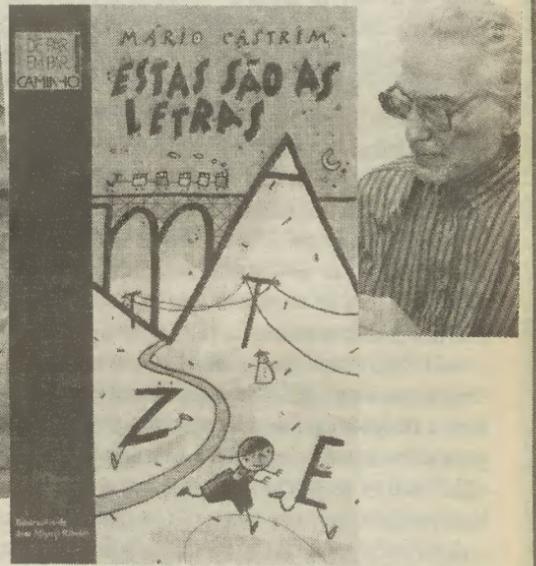
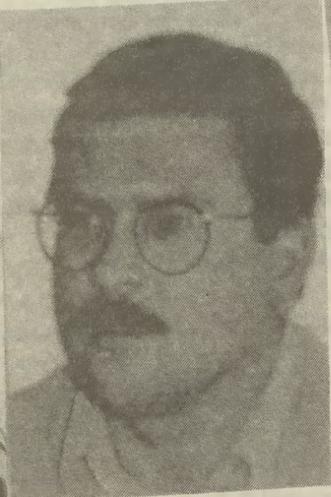
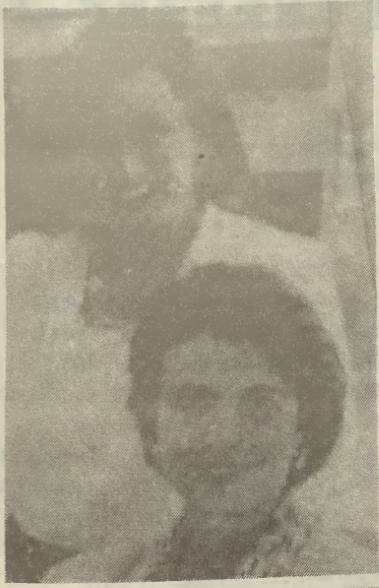
SALDOS de FINS de EDIÇÃO
desconto mínimo de 50%



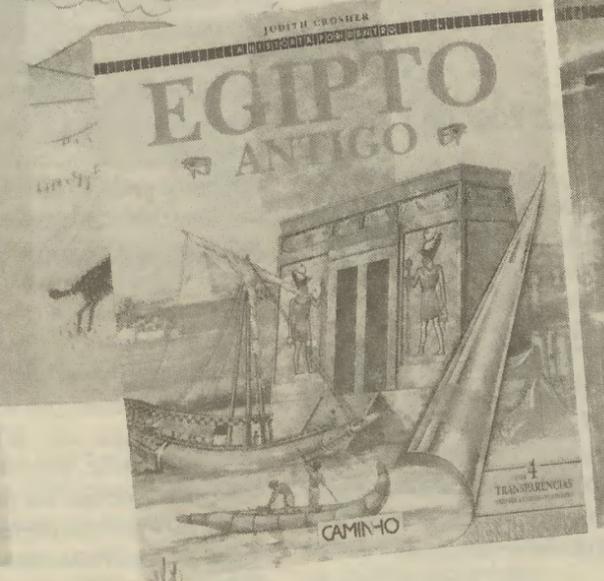
Descontos
de 20
a 40%

FESTA DO LIVRO

para os mais novos



Os mais belos livros



Bons livros a preços excepcionais!

300\$00 • 500\$00 • 800\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

SALDOS de FINS de EDIÇÃO
desconto mínimo de 50%

Comissão Política do PCP adverte

Círculos uninominais favorecem «arranjos» de conveniência

A Comissão Política do PCP promoveu, na passada terça-feira, com a participação de Luís Sá, uma conferência de imprensa para divulgação das suas apreciações sobre algumas questões de actualidade política.

Na declaração que proferiu (que a seguir se transcreve), Luís Sá afirmou que o PCP não transigirá com a subalternização dos graves problemas do País - que PS e PSD pretendem - nem aceitará que estes partidos tentem desviar as atenções dos problemas dos trabalhadores e das alianças que entre si estabelecem em questões tão essenciais como a revisão da Constituição e a Regionalização.

«As intervenções dos líderes do PS e PSD no passado fim de semana obedecem ao objectivo de tentar a criação de "factos políticos" artificiais, de intenção meramente mediática, visando a subalternização dos problemas do País, da situação social, da revisão constitucional e esconder as responsabilidades do PS e PSD nessas e noutras matérias.

O PCP não transigirá com a tentativa do PS de desviar as atenções dos fracassos governativos, dos problemas dos trabalhadores e dos mais carecidos que a política do PS não resolve, das alianças com o PSD nos mais diversos campos e designadamente na revisão constitucional. Chama, em particular, a atenção para a aprovação da lei de revisão constitucional, que decorrerá em 3 de Setembro e para os novos acordos e «negociatas» entre o PS e o PSD nos próximos meses.

O PCP não transigirá igualmente com o facto de o PSD ter mostrado ao longo de dez anos que não tem soluções para os problemas de fundo do País e ter agravado profundamente as desigualdades e injustiças sociais e agora, afirmando "liderar a oposição", não ter soluções alternativas para os problemas e estabelecer constantes acordos com o PS nas matérias fundamentais.

A particular natureza das questões relativas à lei eleitoral e as graves calúnias do líder do PSD justificam, porém, uma tomada de posição do PCP sobre estas matérias.

O PCP previne, entretanto, para que, por muito que o PS e o PSD o tentem, não conseguirão arredar da agenda e da cena política as lutas e os problemas dos que trabalham, dos que menos têm, dos que sofrem, dos que precisam de solidariedade, protecção e auxílio.

Lei Eleitoral:

Duas perguntas ao Secretário-Geral do PS

O PCP considera ser extremamente reveladora da orientação e reais prioridades do PS a pressa que acaba de manifestar na alteração da Lei Eleitoral para a Assembleia da República, assim ultrapassando o PSD na rápida exploração das malfeitorias acordadas entre ambos na revisão constitucional, por sinal ainda não aprovada.

O PCP recorda que o PS - partido que tanto fala em transparência - conseguiu passar três anos (desde que em 1994 lançou a exigência da alteração das leis eleitorais) sem nunca explicar de forma pública, detalhada, concreta e responsabilizante que novo sistema eleitoral pretendia, assim ocultando os reais objectivos e alcance das alterações constitucionais que, nesta matéria, acabou por acordar com o PSD.

Em vez de, como fez no passado domingo, voltar a repetir pela enésima vez os mesmos sofismas e proclamações gerais que nada esclarecem e a ninguém tranquilizam, o Secretário-Geral do PS devia corresponder ao desafio do PCP para responder imediatamente a duas perguntas cruciais:

- 1ª pergunta: se o PS jura a toda a hora que o seu novo sistema eleitoral para a AR não afectará a proporcionalidade; se a Constituição em vigor já consagra a obrigatoriedade do respeito pela proporcionalidade; se, em consequência, qualquer projecto futuro do PS que respeitasse a proporcionalidade em princípio não correria o risco de ser considerado inconstitucional, porque razão fez o PS tanta questão em alterar a norma constitucional vigente sobre a eleição da AR?

- 2ª pergunta: o PS insiste constantemente no sofisma de que a criação de círculos de eleição de um único deputado é que garantirá a "aproximação" entre eleitores e eleitos e que, com eles, é que "cada eleitor fica a saber quem é o deputado que o representa". Querirá finalmente o Secretário-Geral do PS fazer o favor de explicar qual é a impressionante "aproximação" que se passaria a verificar entre o único deputado elei-

to e os eleitores (provavelmente a maioria dos eleitores desse círculo) que nele não tivessem votado e antes tivessem votado nos candidatos não eleitos de outros partidos?

O PCP chama a atenção para que, a não ser que o Secretário-Geral do PS perfilhe da concepção antidemocrática (para não lhe chamar coisa pior) de que o único deputado eleito representaria todos os eleitores incluindo os que votaram noutros candidatos e noutras forças políticas, a principal consequência da criação de círculos uninominais será a de que a maioria dos eleitores desses círculos ficará, quando muito, a saber quem não os representa e sentir-se-á roubada na representação a que tinha direito.

O PCP adverte ainda para que a definição geográfica dos círculos uninominais criaria o perigo evidente de manipulações e "arranjos" da conveniência do PS e do PSD. E sublinha que, independentemente do que se passasse quanto ao apuramento global dos mandatos parlamentares, a criação de círculos uninominais, induziria modificações do comportamento eleitoral dos cidadãos ditadas pela pressão do chamado "voto útil", agora psicologicamente avolumada pela ideia de que, naqueles círculos, só o vencedor pode ser eleito.

O PCP reafirma que dará um enérgico combate a todos os projectos de lei eleitoral que, de forma directa ou indirecta, atentem

vel é que o processo conducente à definição de áreas regionais tenha decorrido ao longo de quinze meses, com debates nas assembleias municipais do País e em muitas instâncias da mais diferente natureza e o líder do PSD se tenha mantido silencioso, sem intervir com a sua posição ou sem defender um qualquer modelo de regionalização.

"Negociatas políticas", essas sim, são as que o PSD e o PP estabelecem frequentemente com o PS, como aconteceu na revisão constitucional e vai continuar a acontecer em numerosas questões, desde a política comunitária, ao Orçamento de Estado, às leis eleitorais e muitas outras.

O PCP afirma que «vergonha nacional» é o líder do PSD se esquecer que está em vigor a Constituição e a Lei Quadro das Regiões Administrativas que foi aprovada por unanimidade em 1991. «Vergonha nacional» é também que o líder do PSD se faça esquecido de que a apresentação de uma proposta de lei de criação das regiões administrativas constitui um compromisso — não cumprido — do último Governo de Cavaco Silva, estampado na página 22 do Programa de Governo debatido na Assembleia da República em 11.11.91.

O PSD quer esconder que hoje já existe um amplo e poderoso aparelho regional que se imiscui constantemente no funciona-

mento dos municípios e tem um papel essencial na gestão de centenas de milhões de contos de verbas do Orçamento de Estado e dos fundos comunitários. É essa a burocracia que o PSD controlou e em nome da qual diz que não quer mais burocracia nem alargar a "classe política".

Para o PCP a regionalização não é uma nova burocracia, mas sim a possibilidade de democratizar a administração periférica e combater a burocracia existente, dando ao povo a liberdade de escolher titulares de cargos públicos que actualmente são nomeados.

O PP e o PSD dizem também que as regiões dividem o País. O PP chega ao ponto de instrumentalizar de modo oportunista e inaceitável a bandeira nacional. Omitem que o País está dividido em cinco Comissões de Coordenação Regional, em duas

Regiões Autónomas, em dezoito distritos, em 305 municípios, muitos deles geridos pelos mais diferentes partidos, e que existem ainda dezenas de outras divisões regionais.

O facto de alguns pretenderem criar uma histeria em torno da possibilidade de o PCP obter a maioria em alguma região só demonstra o seu espírito antidemocrático e os estreitos limites do pluralismo e liberdade que apregoam. A verdade é que o PCP detém a maioria em 49 municípios no quadro da CDU (um terço da área do País), detém a maioria na Área Metropolitana de Lisboa, participa na gestão do município de Lisboa no quadro da Coligação "Com Lisboa" e detém importantes pelouros em muitos outros municípios, com reconhecidas vantagens para as populações.

O PCP chama entretanto a atenção para que a aprovação em comissão parlamentar do mapa das regiões e o eventual reacender do debate sobre a regionalização não significam que esteja em curso um processo seguro de avanço para a concretização desta reforma democrática.

A verdade é que, sendo de prever que o PS tudo fará para aparecer como grande campeão da regionalização até às eleições autárquicas, esse facto não chegará para apagar a verdade essencial de que o processo referendário de concretização da regionalização que o PS acordou em sede de revisão constitucional com o PSD e o PP promete sérias dificuldades e entrega as decisões essenciais à direita. E não é de excluir que, passadas as eleições autárquicas, se assista a um jogo em que o PS procurará sobretudo descarregar para outros as responsabilidades de uma eventual inviabilização da regionalização que, de facto, só a si pertencerá.»



O PS e o PSD, disse Luís Sá, não conseguirão arredar da cena política as lutas e os problemas dos que trabalham, dos que menos têm, dos que sofrem.

contra a proporcionalidade quer a nível global quer a nível de cada círculo e ofendam a representação pluralista e equitativa das diversas forças políticas no Parlamento, beneficiando uns e discriminando e prejudicando outras.

A regionalização

e a falta de escrúpulos do líder do PSD

O líder do PSD, dentro da sua conhecida ocupação de criar «novidades» políticas artificiais, dedicou-se no passado fim de semana a caluniar a regionalização, insultando as conclusões da Comissão de Poder Local em matéria de áreas regionais com epítetos como "escandalosa negociata política", e «vergonha nacional», afirmando que foi um acordo «feito à sucapa», etc..

O que o PCP de todo em todo recusa energeticamente é que se pretenda justificar esta posição através de inverdades e calúnias. Com efeito, nas conclusões da Comissão de Poder Local da Assembleia da República apenas esteve presente uma posição de princípio, traduzida no respeito pelas posições manifestadas pelos municípios e no desejo de definir as áreas regionais a partir da posição destes, num processo de «baixo para cima» e devidamente participado.

Não se tratou de negociatas "à sucapa". Os trabalhos da Comissão de Poder Local assentaram num debate político, e em especial numa consulta feita aos municípios, muitos deles de maioria PSD, ouvidos em debate público cujos resultados estão editados em livro pela própria Assembleia da República. O que é intolerá-

Estradas pela vida

TRIBUNA

Num inquérito público realizado há algum tempo, os condutores portugueses foram interrogados sobre as suas qualidades de condução. O número impressionante de 65% dos condutores respondeu que se considerava melhor condutor do que os outros! Nos homens, essa percentagem é de 74%. E uma esmagadora maioria acha que são os outros, e não eles, quem comete infrações. Está aqui um retrato cruel de como vão as mentalidades nas estradas portuguesas. Quando a circulação automóvel causa uma média de 6 mortos por dia, a culpa morre solteira. Toda a gente aponta o dedo, ninguém se penitencia.



João Amaral

Nesta civilização (?) onde o automóvel se tornou objecto de culto, símbolo de poder e escape para a mais animalésca agressividade, alguma coisa tem que mudar para se pôr termo à catástrofe constante que assola as estradas. Os números não enganam. Nos últimos 6 anos, morreram mais portugueses nas estradas e ruas do país do que os soldados portugueses que morreram em treze

que teve (e ainda bem que esse impacto existiu) o caso do acidente do jovem que morreu electrocutado num semáforo de Lisboa (com direito a editoriais, acusações e processos), com o aspecto rotineiro e desinteressado da notícia (Público, secção Local, de 28.07.97), que em dez linhas a uma coluna, letra miúda, relata que houve «quatro mortos em colisão frontal».

Esta dualidade de sentimentos atinge as próprias potenciais vítimas. Assim, as mesmas pessoas que deixaram de comer carne de vaca por causa da doença das vacas loucas quando não há um único caso provado de contracção da doença em Portugal por humanos, são capazes de ir com a maior das tranquilidades para as estradas onde diariamente morrem 6 pessoas e há dezenas de feridos.

A consciência social sobre os acidentes também sofre desta dualidade. Se estiver um buraco aberto por um qualquer descuidado empreiteiro num passeio onde possa cair um peão, não faltará jornal que não pessegue de imediato fotografia no jornal e comentário azedo acerca da Câmara e do seu desprezo pelos munícipes. Mas se na mesma rua onde está o buraco, por exemplo uma avenida numa zona de habitação e de intenso comércio, se circular a 80 km/hora ou mesmo a 90 e 100 km/hora, sobre isso não há uma palavra.

O grande problema é que não existe, nem pouco mais ou menos, uma real consciência na opinião pública acerca da dimensão de catástrofe que tem a questão da sinistralidade rodoviária. Parece que

de 160 km/hora), o que suscita não é condenação, é inveja. Outro caso: se alguém, falando do problema, disser alguma coisa acerca de excesso de velocidade, logo em coro lhe dizem que não é aí que está a questão, e vem logo uma lista, que acaba com os aselhas, que são obviamente todos os outros que andam na estrada.

Enquanto alguém disser acerca da sua condução uma barbaridade como a de fazer Lisboa-Porto em menos de duas horas e não for de imediato condenado por isso, será muito difícil que a mortalidade estradal caia para valores mínimos. Enquanto uma questão tão perigosa como a velocidade for tratada de forma secundária e desleixada, dificilmente se debelará a catástrofe.

Há que ganhar consciência do problema. A realidade é esta: o automóvel é hoje de facto uma indústria formidável de que dependem milhões e milhões de postos de trabalho, mudou a paisagem das cidades e das vias de comunicação, e com a produção em série constituiu uma revolução no sistema de transportes. Mas, ao mesmo tempo instalou-se na sociedade e na mentalidade humana da pior maneira. Em vez de meio de transporte, transformou-se em meio de afirmação individual. É uma máquina de agressividade e ostentação. Cada um tem um automóvel que anda mais depressa e é mais competente a conduzi-lo. Para os jovens é a aventura e o risco.

Evidentemente, também nas circunstâncias externas, exteriores ao condutor, há muita coisa a mudar.

Por exemplo: não se admite que estejam identificados nas estradas os pontos de maior sinistralidade (os chamados pontos negros) e que a maioria deles persista sem correcção. As autoridades públicas que assim procedem são de uma negligência grosseira e deviam ser responsabilizadas.

Também não se compreende porque continuam no inteiro sérios programas de educação em segurança rodoviária nas escolas.

Não se compreende a escassa fiscalização que continua a existir. Para quando meios aéreos de fiscalização? Além do mais, seriam extremamente dissuasores.

Também sobre a questão das viaturas há muito que se diga. O lobby dos construtores é poderosíssimo e condiciona muitas das soluções. A realidade é que impõe automóveis cada vez mais potentes. A velocidade é mesmo um dos itens fundamentais na concorrência de marcas. Mas, pergunta-se: se a velocidade máxima em Portugal é 120 km/hora (e nos outros países europeus entre 110 e 130) para que é que serve uma velocidade máxima de 200 km/hora ou 220 km/hora, como dão muitos utilitários de gama média? Para que serve a velocidade de 170 km/hora que alguns automóveis de gama baixa já dão?

Pergunto: que esperam as autoridades quando autorizam estas velocidades e a sua publicidade? Por mais espantoso que pareça, esperam que sejam os condutores a terem o sentido da responsabilidade que os construtores e as autoridades que superintendem a área não tiveram.

Os construtores deviam investir em sistemas de segurança activa e passiva e em sistema de controlo e limitação da velocidade. Dirão que na segurança se evoluiu muito. O problema é que os padrões elevados de segurança estão nas

viaturas de luxo e gama alta. Na gama baixa e média, o que aumenta mais rapidamente são as velocidades máximas e acelerações, não os sistemas de segurança.

Há também que dar uma especial atenção às motos e motoretas. É uma verdadeira selva, que vítima fundamentalmente jovens. Há que mudar muita coisa: motociclistas conduzem entre as faixas de rodagem, multiplicam manobras perigosas, zigzagueiam constantemente, excedem as velocidades máximas com uma frequência assustadora. Mas também alguns automobilistas protestam quando as motos seguem na faixa de rodagem e empurram-nas para a berma sem dó nem piedade.

Com os peões, a guerra é total. Dir-se-á que o peão não respeita as regras. Mas as cidades não são feitas para dar prioridade ao automóvel à custa da vida dos peões. A forma como muitos automobilistas tratam o peão é uma completa inversão de valores. Parece que ignoram a enorme desproporção entre o poder mortífero da viatura e a situação desprotegida do peão. Muitos, nem as passadeiras respeitam.

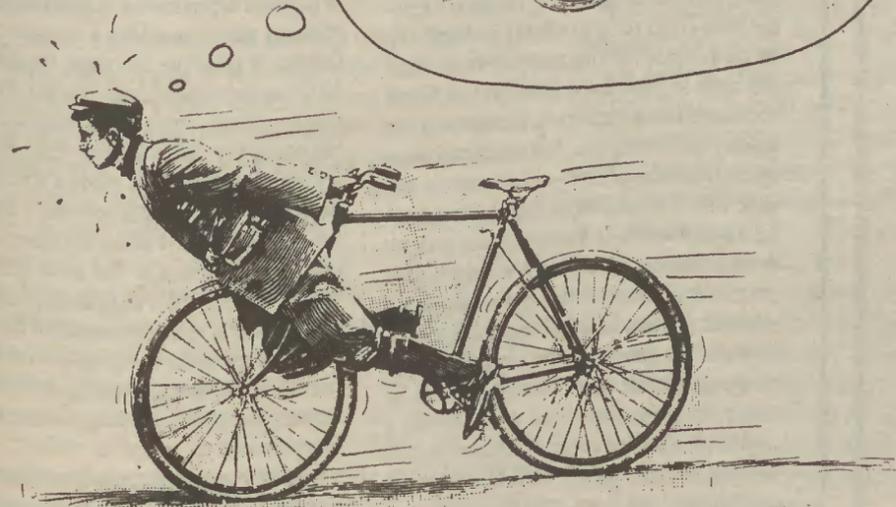
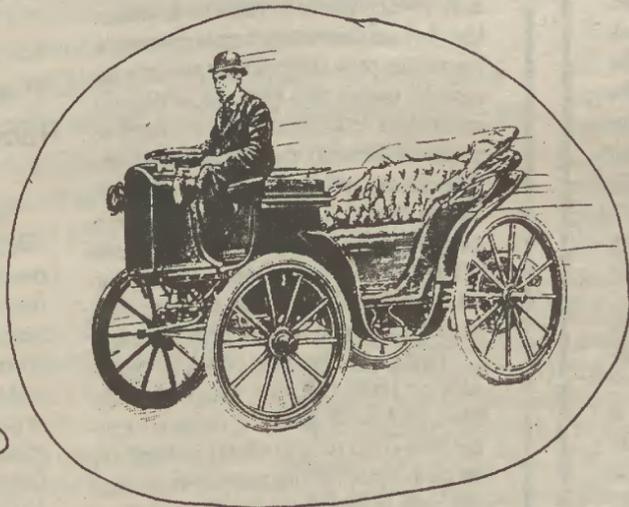
Todas estas questões (e outras que aqui não desenvolvo, como a questão das cartas de condução, a política repressiva, o controlo do álcool e drogas) são muito importantes e nenhuma delas deve ser descurada. Mas, a questão central é outra, na opinião que aqui expresse: temos fundamentalmente que agir sobre o corpo colectivo que somos, para que ele ganhe consciência da carga de calamidade pública que é esta questão e para construirmos uma opinião pública mobilizada e activa, que condene com dureza a situação actual e os seus responsáveis.

Quando o espírito de competição estrada' for condenado, quando as autoridades negligentes forem severamente punidas, quando as pessoas que actuam irresponsavelmente forem socialmente condenadas, quando o poder político tiver a coragem de condenar os apelos à agressividade e a publicidade que a promove, quando se for para a estrada para chegar ao destino e não para entrar em competição, então estarão criadas condições para vencer esta batalha. É uma responsabilidade de todos: do Governo, do sistema de ensino, das polícias, dos construtores de estradas, das associações do sector e de cada um de nós. Há abusos em todo o lado que são absolutamente inaceitáveis. Por exemplo: por que é que altas figuras do Estado circulam sem batedores a velocidades que na auto-estrada ultrapassa os 200 km/hora? Os Ministros têm pressa? Levantem-se mais cedo!

Acabe-se com os mitos. Por exemplo, o mito de que na Alemanha não há limites de velocidade nas auto-estradas. Pois é, não há limite, mas há um limite auto-imposto. Há um estudo da União Europeia que mostra que a velocidade média nas auto-estradas é superior, em Portugal, que na Alemanha!

Acabe-se também com o mito de que a velocidade é irrelevante. O mesmo estudo da União Europeia mostra que se baixassem em 5 km/hora os limites máximos da velocidade na União Europeia, poupar-se-iam 11 mil vidas e 180 mil feridos!

Cumpramos o nosso dever colectivo e individual de luta pela segurança, pela integridade física, pela vida!



anos de uma guerra colonial desenvolvida em três países em simultâneo e em várias frentes.

O que dá o tom a esta «guerra das estradas» e a diferencia de outras guerras é que aqui parece que ninguém procura a paz. Trata-se esta questão como se a chacinha fosse inevitável, como se seis mortos por dia não fosse nada de especial. Reina a indiferença, a acomodação.

Compare-se o tratamento desta questão com o tratamento dado a outro tipo de acidentes. Compare-se o impacto público

não se repara que os cerca de dois mil mortos por ano são, na esmagadora maioria, pessoas em plena actividade, uma alta percentagem de jovens, muitos pais e muitas mães, vidas ceifadas num segundo, sem nenhuma necessidade, as mais das vezes por infrações reveladoras de criminoso desleixo.

A ausência dessa consciência social pode medir-se bem em duas situações distintas. Se alguém dise a um grupo de amigos que faz Lisboa-Porto em duas horas menos cinco (o que dá uma média

13

O Hospital que era um Casino

Na altura em que se escreve este texto, Sacatrapo encontra-se em Portugal a passar as férias da Páscoa. Ele agora já vai à pátria nossa amada com muito mais segurança porque nele há 67 ministros e subsecretários de Estado, o que lhe alivia a alma e o corpo. E por falar de corpo. Constipou-se a sério, febres, tosse, suores nocturnos, quase a vida inteira a tornar-se naquilo que não desejava que fosse, com a devida vénia ao grande e saudoso Manuel Bandeira, bem brasileiro, um dos maiores poetas do século, pese embora à polaca que teve recentemente um Prémio Nobel.

Lá vai ele ao hospital mais perto. Para o caso o de Vilar de Peregrinos, arvorada em cidade. Quando lá chega é atendido com os requintes habituais bem típicos dos hospitais lusitanos. O licenciado porteiro, bacharel em Técnicas de Acesso a Edifícios Públicos, diz-lhe:

— Queira dirigir-se à doutora-enfermeira D. Maria do Apocalipse, mas antes preencha a ficha.

SANDUÍCHES DE AVESTRUZ

■ Alexandre Pinheiro Torres

A doutora-enfermeira recebe-o com genuflexões de agrado e atenção. Sacatrapo espanta-se. Terá sido da ficha? Será ele já assim tão célebre?

— Desculpe ter demorado dois minutos, mas ando muito ocupada em dirigir doentes para as Salas do Jogo da Sida, cheia de jogos de computadores. É que estou a testar um novo método, a que chamo a Cura Pelo Jogo.

— Mas sra. dra. enfermeira Maria do Apocalipse eu sou apenas de uma valentíssima gripe. Venho a um hospital e a sra. doutora-enfermeira diz-me que é um Casino?

— Se a vida é um jogo, tudo é Casino, sr. Sacatrapo. Siga-me.

A Apocalipse guia-o até uma sala cheia de computadores. Não são os computadores vulgares de um hospital. Apenas computadores de jogos vários.

— Ora cá temos um jogo que lhe interessará. Suponha que os micróbios que o atacam são marcianos a invadir-lhe o corpo. O senhor senta-se diante dele e manobra os comandos de tal maneira a matá-los no ecrã. Você sabe, sr. Sacatrapo, que toda agente acaba por morrer disto ou daquilo. Antes de mais nada, todo o doente precisa de ganhar tempo para sobreviver. Ora a luta contra o tempo é uma luta como outra qualquer. Não é assim a nossa vida? Os doentes têm de aprender a competir com os vírus. Daqui o jogo.

— Mas como é o jogo contra gripes?

— Ouça, sr. Sacatrapo, o senhor pode estar atacado de sida. Aqui em Vilar de Peregrinos há muitos bares de alterne e o senhor poderá ter andado com alternadeiras. Andou ou não andou?

— Bem, eu... — soluça Sacatrapo com o maior dos embaraços.

— Sente-se! — ordenou a Apocalipse-Imperatriz. — O jogo é constituído de 38 peças que representam os elementos envolvidos na sida. Linfócitos, antígenos...

— Mas, dra. Apocalipse, eu não estou atacado de sida.

— Lá está você com a mania de todos os portugueses. Diagnosticam-se a si próprios e feito o autodiagnóstico não admitem réplica.

Sacatrapo senta-se diante do jogo do computador como o «Último dos Homens» de Murau. Mas refila:

— Que interessa o jogo?

— Ouça, sr. Sacatrapo. Ainda não percebeu que toda a realidade é jogo? Na vida tudo é jogo. O ser humano é jogador. E vive

mentalmente num casino. Vejamos: os linfócitos T são os guerreiros do Jogo da Invasão das Doenças, especialmente da sida. Mas, tal como se observa na realidade, só se esses guerreiros se juntarem todos é que podem matar os linfócitos invasores, os tais marcianos. Linfócitos, invasores muito oportunistas.

— Mas também há oportunismo nas infecções?

— Tudo na Natureza e na Vida Social é mero oportunismo — decreta a Apocalipse. — O doente precisa de *visualizar* a batalha que trava ou que está sendo travada dentro do seu corpo e do seu espírito. É preciso compreender todos os processos pelos quais se regula a Natureza ou a Vida Social. Porque tudo só se pode entender como processo. Entende ou não?

— Não! — exclamou Sacatrapo de dentes afezrolhados.

— Lute e é já contra os linfócitos invasores. Não os está a ver no ecrã?



A doutora-enfermeira Maria do Apocalipse não se perturbou com o «não» de raiva de Sacatrapo. E este pergunta, tímido e inquieto:

— E se, neste jogo, houver vitória dos linfócitos que estão a meu favor?

— Está a ver, sr.

Sacatrapo, se o senhor consegue no ecrã uma vitória contra o Invasor, ganha logo uma enorme coragem. Passa a seguir à risca os nossos conselhos. Sabe que poderá sempre ganhar.

— E se perco?

— Nunca perde. Isto num certo sentido. É que nesta batalha, observe, no ecrã, há soldados ferozes, embora pequenos, que auxiliam os guerreiros que lhe são favoráveis. Por exemplo, estes azuis são os Exercícios Físicos, os verdes são as Mudanças Alimentares, os vermelhos são os agentes motorizados da Guerra Contra o Alcool. O doente vê, no plano do jogo, a eficácia dos auxiliares. Logo tende a usá-los com mais fé na prática da luta contra a doença que o aflige. Fortalece-se assim o sistema imunológico do paciente.

Sacatrapo arregala os olhos para o Apocalipse, uma doutora-enfermeira de fazer dar azeite a uma oliveira falecida.

— Parece-me que compreendo — diz. — A dra. Apocalipse, através do jogo, cria no espírito do doente uma ilusão de ganho. O Casino na cabeça.

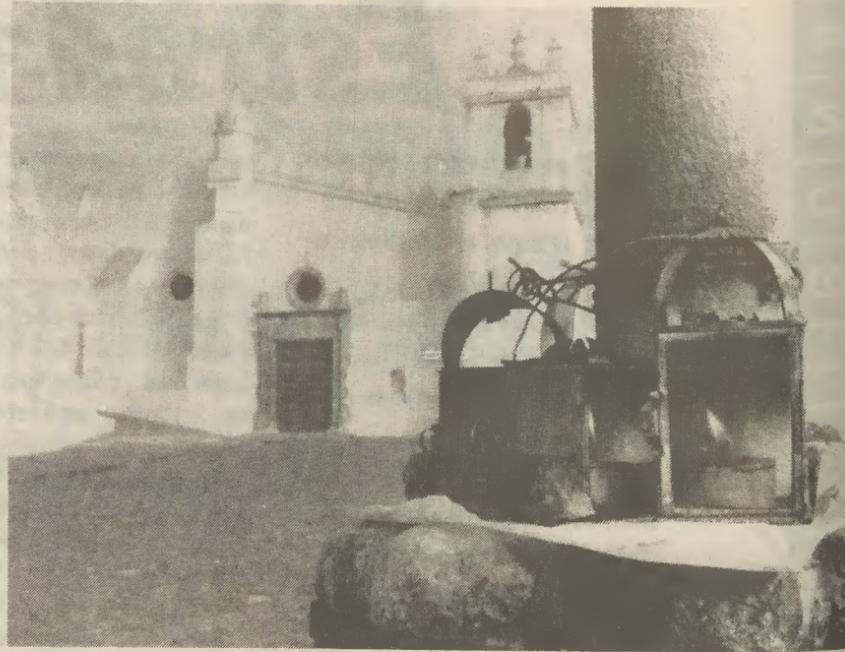
— Até que enfim, sr. Sacatrapo. Veja só. Estou neste hospital de Vilar de Peregrinos há quinze anos. Médicos escasseiam. Vão e vêm. Aparelhagem? Alguma coisa empacotada. Doentes? Milhares. Tudo a sofrer. Desde gripes até à sida. Tenho salas e salas cheias de jogos de computadores. Fiz delas um Casino. Até num deles pus um jogo Benfica-Porto em que o Benfica, bem programado, ganha sempre. Há dias um benfiquista paralisado ergueu-se curado ao fim de uma semana de vitórias estrondosas do seu clube.

— Mas tudo isso é uma ilusão, senhora doutora-enfermeira, mas oh que ilusão!

— Neste país não será tudo ilusão? Tiremos, pois, partido da Ilusão. A Ilusão é a Nova Força. É que a nossa vida é o Jogo da Ilusão. Melhor: A nossa vida forçou-nos ao Jogo da Ilusão. Viciamo-nos desse e nesse Jogo. Não se sente melhor?

— Vejo, sra. doutora-enfermeira D. Maria do Apocalipse que neste ecrã os meus linfócitos supressores acabam de conseguir uma vitória espantosa contra o Invasor gripal ou não, já nem sei. Que importa?

— Levante-se, sr. Sacatrapo. Você está curado. Como vê a Ilusão cura. A sabedoria popular já disse, de Ilusão nunca se morreu. É por isso que os casinos enriquecem.



■ Jorge Messias

Um auxiliar de leitura...

Caminhos da Igreja como Instituição (10)

A igreja institucional teve como matriz onde se gerou e cresceu os valores herdados do Império Romano. Vimos como alguns desses traços fundamentais a continuam a marcar. Mas o nosso objectivo consiste, simplesmente, em melhorar a compreensão geral do verdadeiro conteúdo de classificações banalizadas, como *conservador, centrista ou liberal*. Para obtermos resposta a estas interrogações teremos de consultar, de raspão que seja, a História da Igreja.

2. Alguma História da Igreja 1º momento (do Século I ao Século XIII)

Até ao século IV DC, a Igreja foi crescendo de forma dispersa, sem carácter de instituição. As suas comunidades eram, sobretudo, constituídas pelos escravos e por membros das camadas sociais mais humildes. A filosofia social cristã dessa altura (como o revelam os autores da Patrística), condenava a ambição dos ricos e a sua sede de apropriação dos bens comuns. Mas os primitivos cristãos não ambicionavam organizar-se no sentido de corrigirem as injustiças sociais do mundo romano. Cristo em breve regressaria. O que, portanto, mais interessava alcançar era a purificação da alma.

Entretanto, a nível das classes privilegiadas e por razões de Estado, o imperador Teodósio, em finais do século IV, declarou o Cristianismo como religião oficial do Império e decretou o encerramento compulsivo dos templos onde se praticassem outros cultos. Roma decidia, de forma inesperada, chamar ao poder aqueles que perseguira. Em contrapartida, a Igreja institucionalizava-se, reconhecia aos imperadores uma condição igual à dos apóstolos e comprometia-se a usar dos seus poderes de intermediária entre Deus e as massas para promover o prestígio das hostes militares romanas. A Santa Sé instalou-se no Vaticano e estruturou a Igreja à imagem do antigo império que, numa fase imediatamente seguinte, se veio a desagregar deixando, no Ocidente, a instituição católica como exclusivo bastião europeu face às invasões bárbaras. Os papas concentraram sob o seu comando os recursos herdados do Império e constituíram uma força cada vez mais poderosa. Surgem, por toda a parte na Europa, os burgos dos bispos, as formações religiosas e militares, os conventos e templos fortificados, etc. A Reconquista contribuiu para a grandeza do Vaticano com terras inumeráveis e com os tesouros capturados aos infiéis. Nos séculos que assistiram à fundação dos estados europeus modernos, já o Vaticano era imensamente poderoso. Liderava as guerras contra o Islão e dominava totalmente os novos soberanos. Parecia, então, perfeitamente viável o velho sonho milenário de um só império teocrático mundial. A ideia progredia a passos largos e veio a atingir o seu máximo esplendor durante o papado de Inocêncio III

quando, nos inícios do século XIII, a Santa Sé somou vitórias sobre os muçulmanos e impôs a unidade católica na igreja ao esmagar a heresia dos cátaros albigenses (só na cidade de Beziers, no Sul de França, foram chacinados mais de 60 mil heréticos).

2º momento (dos Séculos XIII a XIX)

No entanto, naquela ponta final da Idade Média, a igreja institucional foi incapaz de resolver a seu favor uma contradição de fundo: tinham-se formado, no interior do sacro Império, dois poderos blocos que disputavam entre si o poder absoluto. Uns, os senhores laicos, exigiam que todas as decisões políticas dependessem de imperadores germânicos não submetidos à vontade papal. Outros, os príncipes da Igreja, impunham o Vaticano como sede de todo o poder. Esta disputa teve como consequência principal a divisão política do Sacro Império cujos imensos territórios poderiam ter vindo a constituir a base física da monarquia teocrática desejada por Inocêncio III. O sonho foi sendo adiado mas não se esgotou aí. Em certo sentido, a própria frustração das esperanças papais veio a determinar o redimensionamento das capacidades expansivas da Igreja e o reforço da sua disciplina interna. O que o Clero de então estabeleceu continua a projectar-se nos dias que vivemos.

Séculos mais tarde, nas horas dramáticas do Concílio de Trento, havia de ser escutada do teólogo Belarmino, seu principal relator, a seguinte definição lapidar: «A Igreja é uma sociedade composta de homens unidos entre si pela profissão de uma única e idêntica fé cristã e pela comunhão nos mesmos sacramentos, sob a jurisdição de pastores legítimos, sobretudo do Pontífice romano.»

Por muito que este enunciado possa não nos agradar, veremos como ele é profundamente realista e permanece como o verdadeiro cenário onde se cruzam as múltiplas solidariedades eclesiais — verticais, horizontais e transversais — que presenciamos na Igreja institucional e que, por vezes, tanto nos confundem.

(Continua)



Governo PS na Função Pública

■ Paulo Trindade

Das promessas ao descontentamento

A Administração Pública constitui um importante barómetro para a aferição da política de classe de toda e qualquer governação. É usual designar a Administração Pública de «sector estratégico» porquanto o seu funcionamento tem repercussões em toda a sociedade, nomeadamente no que respeita às funções sociais, mas também porque o Estado, sendo o maior empregador, pela forma como encara as relações laborais relativamente aos respectivos trabalhadores determina paradigmas que têm uma importância relevante para todo o mundo laboral.

Não é de forma gratuita que os barões da CIP, da CCP ou da CAP se arrogam o direito de opinar e de formular exigências relativamente ao estatuto sócio-profissional dos trabalhadores da Função Pública.

Não é por acaso que tudo têm feito para condicionar e, obviamente restringir o exercício do direito à negociação na Função Pública, às «opções estratégicas» dos pactos da Concertação Social, onde contam com prestimosos aliados.

Quando está já decorrido perto de metade do mandato governativo, exercido pelo PS, na sequência das eleições de Outubro de 95, é oportuno proceder a um balanço e tirar as respectivas ilacções face à actuação que, enquanto entidade patronal, o Governo tem desenvolvido para os respectivos trabalhadores.

Tal balanço não pode deixar de ter como ponto de referência o Acordo celebrado em Janeiro de 1996 com os Sindicatos do sector mas, igualmente, não pode ignorar todo um outro conjunto de medidas progressivamente implementadas em paralelo.

O Acordo de Janeiro de 96 tem que ser visto à luz de uma conjuntura em que o Governo do PS procurava gerir as expectativas decorrentes da alteração do quadro político e, subseqüentemente, adiar tanto quanto possível a conflitualidade social e em que os trabalhadores da Função Pública exigiam, e exigem, resposta para as suas legítimas reivindicações, entre as quais assumem importância central as que respeitam a salários, carreiras e emprego.

Daí que no Acordo de 96 tivesse constado um grande número de compromissos referentes às mais diversas matérias de regime, perante os quais os trabalhadores deram o benefício da dúvida.

Entrou-se na fase de balanço do cumprimento dos compromissos e é hora de tirar conclusões.

As «medidas imediatas» que, segundo palavras do ministro-adjunto, eram para concluir antes de terminar o primeiro semestre de 1996 só a 18 de Agosto de 1997 tiveram a sua conclusão com a publicação do diploma referente aos Serviços em Regime de Instalação.

As treze mesas parcelares caracterizam-se, igualmente, pelo incumprimento dos prazos negociais acordados, ficando na sua maioria aquém das reivindicações sindicais e verificando-se desacordo em matérias relevantes como seja a que respeita ao emprego público e ao subsídio de insalubridade, penosidade e risco.

Relativamente às carreiras só recentemente o Governo apresentou uma proposta que os Sindicatos consideraram inaceitável, violadora do Acordo e geradora de novas injustiças.

Em termos de resolução das situações de emprego precário chegou-se a uma solução, fruto da luta dos trabalhadores – recorde-se a greve de 31 de Janeiro – que poderá conduzir à vinculação definitiva de cerca de trinta e quatro mil trabalhadores.

Mas, paralelamente, surgem novas formas de precarização, seja por via do recurso aos designados programas ocupacionais, em que os trabalhadores desempregados desempenham funções de carácter permanente sem adequada retribuição, seja por prestação de serviços com empresas privadas, seja pela criação de institutos públicos ou sociedades anónimas, seja pelas tentativas de introdução da figura do contrato individual de trabalho em áreas como a saúde ou a segurança social, conduzindo à arbitrariedade salarial, à instabilidade do emprego e à negação do direito à carreira.

Na área da Saúde, o projecto de novo estatuto jurídico dos hospitais aponta directamente para a privatização e para a desregulamentação das condições de trabalho sendo contestado por todos os Sindicatos do sector.

No que respeita à Segurança Social, a introdução do contrato individual de trabalho implica a alteração do artigo 59º da respectiva Lei de Bases e, escandalosamente, assistiu-se à tentativa de aprovação de uma Proposta de Lei na Assembleia da República quando ainda decorria o período de discussão pública e, em desespero, no último dia dos trabalhos legislativos...

Curiosamente, o Governo e o Grupo Parlamentar do PS não demonstram idêntica pressa relativamente a todo um conjunto de diplomas já negociados com os Sindicatos.

Tal postura pode indiciar que, face à não oposição global dos Sindicatos sobre diplomas que, em resultado da firmeza assumida à mesa das negociações poderão resultar em melhorias na legislação em vigor (ainda que aquém do desejável) ou até ao acordo dos Sindicatos sobre algumas matérias, o Governo se pre-

para para gerir a respectiva publicação em função dos seus timings eleitorais.

Os trabalhadores da Função Pública têm toda a legitimidade para exigir que rapidamente sejam publicados os diplomas que darão força legal ao produto negocial e para que a Assembleia da República introduza alterações nos aspectos não aceites pelo Governo, bem como para denunciarem e repudiarem manobras de propaganda pela eventual publicação em vésperas de eleições de diplomas que já hoje deveriam estar nas páginas do Diário da República.

É, por outro lado, inaceitável que o Governo trave processos negociais sectoriais, no âmbito dos mais diversos ministérios – ajudantes de creche, guardas florestais, guardas e vigilantes da natureza – alguns deles já concluídos, com o argumento de que tudo depende dos resultados das mesas negociais do Acordo.

Mas um traço que é bem revelador da postura governamental é a sistemática invocação da necessidade de cumprir os ditames do Tratado de Maastrich e de erigir a moeda única em «desígnio nacional» para recusar toda e qualquer proposta que considere ter impacto orçamental (que grande chapéu de chuva que dá para tudo...).

Este traço manifesta uma clara continuidade relativamente à política de direita do PSD e semelhança idêntica se verifica quanto às manobras de diversão através do recurso a alguns órgãos de comunicação social para testar reacções a propostas reais ou virtuais, para lançar a confusão e no que respeita a matéria salarial, para tentar criar tectos psicológicos nos trabalhadores.

É a evolução na continuidade da política de direita bem patente na intransigência em eliminar a diferença entre o índice 100 das carreiras do regime geral e o valor do salário mínimo nacional que, de 1996 para 1997, se agravou de 4,5% para 5,3%.

É a evolução na continuidade quando se invoca a contenção orçamental para os trabalhadores ao mesmo tempo que se propõem totonegócios, favorecimentos à Autodril, benesses aos Mellos e todo um conjunto de benefícios, subsídios e perdões ao grande capital especulativo e financeiro.

Não existe fundamentação macroeconómica nem diálogo, por mais que apregoado mas vazio de conteúdo, que resista à contradição social tão evidente entre a subserviência face ao grande capital e a política de apertar o cinto aos trabalhadores.

Daí que a expectativa tenha virado desencanto e o desencanto se transforme em descontentamento.

Nos próximos meses, aproximando-se do processo de actualização salarial para 1998, em que, com toda a justiça, os trabalhadores da Administração Pública defenderão que o seu salário mínimo não pode continuar abaixo do valor do salário mínimo nacional, o esclarecimento, a mobilização e a luta vão estar na ordem do dia.

Palavras e Cromos

■ Urbano Tavares Rodrigues

Lado a lado

Foram distinguidos com dois dos maiores prémios da vida literária em Portugal. Ambos são romancistas, como diágrafos e cronistas, ambos se distinguem pela ironia e pelo humor e são igualmente, em registos muito diversos, mestres no uso da língua portuguesa.

Augusto Abelaira, no apogeu, de uma carreira cheia de luz – e da mais aguçada inteligência interrogadora, no campo das ideias e no dos sentimentos, recebeu o grande prémio de romance e novela da APE – por *Outrora Agora*.

Mário de Carvalho, recriador exactíssimo de mundos desaparecidos, com um leve verniz de nostalgia, mas também contista do banal e do insólito, ou da sua mescla, num andamento de alucinante comicidade, teve direito ao prémio Fernando Namora por *Um Deus passeando pela brisa da tarde*.

O exegeta da existência, esquadrinhador de silogismos, desconstrutor do presente em passado e em futuro, entre Voltaire e Calvino, que é Abelaira, concilia, sob a égide de Pessoa, em *Outrora Agora*, a crítica das percepções e o aflorar da ternura (já tão longe e todavia fiel à *Cidade das Flores*).

Mário de Carvalho leva-nos sempre de surpresa em surpresa. Mostra-nos (com que arte e minúcia) a decadência do império romano numa imaginária cidade da Lusitânia, neste seu livro premiado, o mais virtuosístico de quantos escreveu; e logo após traz-nos para a Lisboa de todos os dias e de todos os sonhos e vilanias, mas sempre com a leveza de uma escrita coloquial parodística, cheia de graça, em *Era bom que trocássemos uma ideias sobre o assunto*.

Neste romance, aliás, que parece às vezes bailar entre a sátira e a farsa, o narrador infiltra-se criticamente, com amor e humor, na vida quotidiana do Partido Comunista.

Um e outro avessos à mundanidade, ambos foram e são antifascistas, embora com percursos políticos e expectativas diferentes, Abelaira risonhamente céptico, Mário de Carvalho, militante comunista, carregando uma enraizada esperança, por vezes lavada de desencantos.

São, de certo modo, figuras paradigmáticas de intelectuais, nas suas contradições, no seu apego a valores essenciais de esquerda.



PONTOS

NATURAIS

Do Amor e da Morte

O verso lírico

Pudera eu
fazer o teu retrato
ou seja
um verso
tão teu
tão ao teu jeito
que fosse a água
do teu espelho

(e de si mesmo
o verso
ri...)

Entretanto voltado para ti.

Distância

Há
um grande
silêncio
no céu.
Será
para te ouvir
será.

Desculpa, vá.
Estavas dizendo que...

Domingo

Chamaram-lhe domingo.

Não sei se havia pontes.

Não sei
se havia rosas

desfolhando-se

Algures haveria
horas brincando
ao faz de conta
(mãos dadas, por exemplo)

Aqui
foi só
mais um domingo.

Foi, se acaso foi.

Encontro

Foi bom.
Tive muito prazer em conhecê-la.

– Tás a falar pra mim?
a vida perguntava
a quem dizia.

Tão pouco habituada
à cortesia...

Alienação

Quando os fidalgos
dançavam a valsa
os pobres
morriam de fome
à beira dos salões

Alguns mesmo subiam
às janelas
para espreitar o baile.

– *Ai que lindo!*
diziam cá para baixo.

Utopia

Se toda a flor é pouca
então inventa-se.
Vai
buscá-la nas escarpas
até ficares
com as mãos em sangue.
Vai.

Vai.

Não te demores.
Vai.

Para que queres as mãos?

Ficar é preciso

Quem pensar
em residir
terá
de se resolver.
Nada
nunca
de ir
e vir
mas entrar
estar

e ser.



Mário de Carvalho

AGENDA



Jornadas de trabalho na Festa do «Avante!»

• Cidade de Lisboa

Sábado, 30

Sector Público, Empresas, Serviços, Função Pública.

Domingo, 31

Zona Oriental

O Executivo da ORL e a Direcção da Cidade de Lisboa apelam à participação dos camaradas nas jornadas de trabalho durante os dias de semana e a uma forte participação no último fim-de-semana antes da Festa - isto é, NO PRÓXIMO FIM-DE-SEMANA!

• Concelho de Oeiras

Domingo, 31

(Transportes para a Festa:

Paço D' Arcos (mercado) - 07.30

Porto Salvo (SIMP) - 07.40

Leceia (Largo) - 07.45

Queijas (junto à Igreja) - 08.05

Carnaxide (ex-Vimeca) - 08.15

Linda-a-Velha (CGD) - 08.20

Algés (Estação CP) - 08.30

Regresso da Festa - 17.00

(Inscrições: CT de Algés - Tel. 4115746)



CARLOS CARVALHAS

Domingo
no litoral alentejano

No próximo domingo, dia 31 de Agosto, o Secretário-geral do PCP, acompanhado dos eleitos e candidatos da CDU no litoral alentejano - concelhos de Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém, Sines e Odemira - participa num almoço-convívio a bordo da traineira "Célia Maria", que largará do Porto de Pesca de Sines.

Mais tarde, a partir das 16 horas, Carlos Carvalhas visita a tradicional Feira de Agosto em Grândola, acompanhado do Presidente e cabeça de lista à Câmara Municipal de Grândola, de outros eleitos e candidatos autárquicos e de activistas da CDU.

Plenário de militantes da Célula da TAP

Para análise da situação social na empresa com a participação do camarada **António Andrez**

Dia 1 de Setembro às 18h no CT Vitória

CDU Radical

Praia das Maças
30 e 31 de Agosto

TORNEIO DE FUTEBOL DE PRAIA

(Inscrições até 29 de Agosto na Sede da CDU/Sintra das 16 às 18h e no Café da Adraga, junto aos Bombeiros de Almoçageme

Informações: Tel. 9142336)

97

5, 6 e 7
SETEMBRO
ATALAIA
AMORA
SEIXAL

Avante!

5

SEXTA

6

SÁBADO

7

DOMINGO

EP à venda

Se ainda não compraste a tua EP, não percas mais tempo. Dirige-te a um centro de trabalho do PCP e adquire a entrada permanente. Lembra-te que este é o único financiamento da Festa, sendo, portanto, o seu seguro de vida. Se gostas da Festa, compra a EP quanto antes melhor.

TELEVISÃO

Quinta, 28

RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá
10.30 Uma Estranha Dama
11.30 Praça da Alegria
12.00 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Força de Mulher
14.40 Nós, os Ricos
15.10 86-60-86
15.45 Carmen
17.50 Alta Voltagem
18.30 Na Paz dos Anjos
19.15 País País
20.00 Telejornal
20.45 TV Verdade
21.15 As Lições do Tonecas
21.50 Filhos do Vento
22.50 Jogos Sem Fronteiras
00.35 24 Horas
01.10 Antestreia
01.45 Motores
02.25 Polícias em Acção

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.40 Ellen III
16.55 O Polvo
18.00 Um, Dó, Li, Tá
19.30 Hóquei em Patins: Portugal-Suica
21.10 Remate
21.25 Amigos por Acaso
22.00 Jornal 2
22.40 Star Trek V - A Última Fronteira
(de William Shatner, EUA1989, com William Shatner, Leonard Nimoy, DeForest Kelley, James Doohan. Aventuras/Ficção Científica)
00.25 Magacine
00.55 Heróis da Esquadriha

SIC

09.10 Buêré
11.00 Receitas do Dia
11.30 Tocaia Grande
12.30 Imagens Reais
13.00 Primeiro Jornal
13.40 O Juiz Decide
14.40 Walker
15.45 Buêré
17.30 Mulheres de Areia
19.00 O Amor Está no Ar
20.00 Jornal da Noite
20.50 Malucos do Riso
21.20 A Indomada
22.30 Paródia Nacional
24.00 Último Jornal
00.25 O Cliente
01.45 Vibrações

TVI

10.05 Animação
11.40 Esquadrão Classe A
12.40 Cassandra
13.30 TVI Jornal
14.20 Laços de Amor
14.50 Dama de Rosa
16.10 Éramos Seis
16.50 O Barco do Amor
17.40 Esquadrão Classe A
18.30 Models
20.00 Xica da Silva
21.00 TVI Jornal
22.00 Teia de Sedução
(de David Blum, EUA1993, com Bruce Abbott, Bill Maher, Leo Ross, James Van Patten, Pamela Bryant, Paul Winfield, Erótico)
23.50 Lanterna Mágica
00.20 TVI Jornal
00.40 Fora de Jogo
00.55 Frasier, O Psiquiatra da Rádio
01.20 A Balada de Hill Street

Sexta, 29

RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá
10.30 Uma Estranha Dama
11.30 Praça da Alegria
12.00 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.50 Olho Clínico
14.45 Força de Mulher
15.40 100% Natural
16.45 Carmen
17.55 Reformado e Mal Pago
18.30 Na Paz dos Anjos
19.15 País País
20.00 Telejornal
20.55 Futebol: Setúbal-Benfica
23.00 Praça da Alegria Especial
00.30 24 Horas
01.15 Ruas Violentas
(de Serge Rodninsky, EUA1993, com Peter Shane, Daming Chen, Tess Colonello. «Thriller»)

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.40 Ellen III
16.00 Departamento de Homicídios
16.55 O Polvo
18.00 Um, Dó, Li, Tá
19.30 Hóquei em Patins: Portugal-EUA
21.10 Remate
21.25 Sonhos Perdidos
22.00 Jornal 2
22.40 Star Trek VI - O Continente Desconhecido
(de Nicholas Meyer, EUA1991, com William Shatner, Leonard Nimoy, DeForest Kelley, James Doohan. Aventuras/Ficção Científica)
01.30 Campos de Batalha

SIC

09.10 Buêré
11.00 Receitas do Dia
11.30 Tocaia Grande
12.30 Imagens Reais
13.00 Primeiro Jornal
13.40 O Juiz Decide
14.40 Walker
15.45 Buêré
17.30 Mulheres de Areia
19.00 O Amor Está no Ar
20.00 Jornal da Noite
20.50 Srs. Doutores
21.20 A Indomada
22.30 Moda Mar
23.40 Laços de Ternura
(de James L. Brooks, EUA1983, com Debra Winger, Shirley MacLaine, Jack Nicholson, Danny De Vito, Jeff Daniels. Ver Destaque)
02.30 Último Jornal
02.55 Os Astronautas
04.15 Vibrações

TVI

10.05 Animação
11.40 Esquadrão Classe A
12.40 Cassandra
13.30 TVI Jornal
14.20 Laços de Amor
14.50 Dama de Rosa
16.10 Éramos Seis
16.50 O Barco do Amor
17.40 Esquadrão Classe A
18.30 Models
20.00 Xica da Silva
21.00 TVI Jornal
22.00 FX: Efeitos Mortais
23.00 VRS - Realidade Virtual
23.50 Ligado à Máquina
(de Bobby Roth, EUA1992, com Kathleen Nolan, Chris Mulkey, Max Gail. Drama)
01.40 TVI Jornal
02.10 Frasier, O Psiquiatra da Rádio
02.40 A Balada de Hill Street

Sábado, 30

RTP 1

08.00 Sempre a Abrir
11.45 Último Nível
12.25 Confissões de Adolescentes
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Top +
14.55 Paul Cartney: «Flaming Pie»
15.45 Alta Voltagem
16.20 Amores e Rebelia
17.25 Os Andrades
18.05 Super Bebés
18.45 Há Horas Felizes
20.00 Telejornal
20.50 Isto Só Video
21.25 Futebol: Porto-Belenses
23.25 O Caminho das Estrelas
00.25 24 Horas
00.55 Noites Violentas
(de Penelope Buitenhuis, EUA1994, com Rae Down, Lou Diamond Phillips, Joel Rissonnette. «Thriller» Ver Destaque)

RTP 2

12.05 Vida por Vida
12.20 Maravilhas do Mundo Moderno
13.00 Ellen III
13.30 Desporto 2
18.00 Sinais do Tempo
19.00 Foyer - «Lendas de Hollywood - Irmãos Marx»
20.00 Tourada
21.00 Justiça Texana
22.00 Onça Curta
(Uma Parte da Noite - Curta-Metragem de Joaquim Pinto, Port.1993, com Rita Blanco e habitantes de Seara Velha, Chaves)
22.30 O Lugar da História - Índia (II)
23.30 Um Guarda-Chuva para Três
(de Felipe Vega, Esp.-Fr.1991, com Juanjo Puicorbe, Eulalia Ramon, Iciar Bollain. Comédia Romântica)
01.00 O Guia do Sexo
01.25 Música Maestro - Ciclo Beethoven / Bernstein

SIC

08.00 Buêré
11.55 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Dragon Ball Z
14.50 A Sentinela
16.00 Marshall
17.00 Os Goonies
(de Richard Donner, EUA1985, com Sean Astin, John Brolin, Corey Feldman. Aventuras. Ver Destaque)
19.00 Sonho Meu
20.00 Jornal da Noite
20.50 Mundo VIP
21.50 Salsa e Merengue
22.45 Big Show Sic
01.40 Último Jornal
02.00 Hatari
(de Howard Hawks, EUA1962, com John Wayne, Elsa Martinelli, Red Buttons. Ver Destaque)

TVI

08.30 Animação
11.00 Vamos ao Circo
12.40 Caloiros
13.00 Notícias
13.25 Contra-Ataque
14.40 Competente e Descarada
15.10 Doido por Ti
15.35 Bebés Trocados
(de Alan Bridges, EUA1984, com Lise Hilboldt, Ken Howard. Drama)
17.00 Torneio de Raguebi de Praia (Final)
17.35 1 West Waikiki
18.30 Hospital Universitário
19.30 Futebol - Real Madrid-Atlético de Madrid
21.25 Telejornal
22.00 Savannah
23.00 Picket Fences
24.00 O Rato e o Gato
(de Lawrence Schiller, EUA1992, com Bruce Boxleitner, Sela Ward, Rachel Ward. Drama)

Domingo, 31

RTP 1

08.00 Sempre a Abrir
11.45 Sem Limites
12.20 Confissões de Adolescentes
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Made in Portugal
14.50 Amores e Rebelia
15.45 Concurso Moda e Dança MTV
17.20 Os Andrades
17.55 Casa Cheia
18.30 Hóquei em Patins: Portugal-Espanha
20.00 Telejornal
20.55 Jet 7
21.30 Casa de Artistas
22.50 Filhos do Vento
23.50 Desporto
01.50 24 Horas
02.20 Polícias em Acção

RTP 2

09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 70 x 7
10.30 Missa
11.20 Guerra Civil de Espanha
12.15 Como Salvar a Terra
13.25 Jornal d' África
14.00 Desporto 2
18.00 Eternidade
(de Quirino Simões Port.1989, com Denis Derkian, Ana Maria Nascimento, Henrique Viana, Virgílio Teixeira. Drama)
19.30 Bom Bordo
20.05 Artes e Letras - «Grandes Escritores do Séc. XX - Dylan Thomas»
21.05 Philippe Marlowe Private Eye
22.10 Horizontes da Memória
22.40 Ópera: «Siegfried»

SIC

08.30 Buêré
11.55 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Dragon Ball Z
14.40 Xena, Princesa Guerreira
16.00 Cidade Escaldante
17.00 007, Operação Relâmpago
(de Terence Young, G.Bret.1965, com Sean Connery, Claudine Auger, Adolfo Celli. Ver Destaque)
19.00 Sonho Meu
20.00 Jornal da Noite
20.45 Salsa e Merengue
21.45 Agora ou Nunca
22.45 O Império do Mal
(de Michael Karbelnikoff, EUA1991, com Christian Slater, Patrick Dempsey, Richard Grieco, Lara Fynn Boyle. «Thriller»)
00.45 Último Jornal
01.15 Jô Soares

TVI

09.30 Animação
10.00 Vamos ao Circo
11.00 Angelus
11.10 Missa
12.30 Notícias
12.45 Portugal Português
13.45 O Detetive das Mil Caras
14.50 Cousteau - As Novas Descobertas
16.30 O Estranho Misterioso
(de William Perry, EUA1982, com Nicholas Hammond, Robert F. Simon, Chip Fields. Aventuras)
18.30 1 West Waikiki
19.30 Futebol: Barcelona-Real Sociedad
21.25 Telejornal
22.00 Edição Especial
23.00 Futebol (Campeonato Italiano)
00.40 Morango e Chocolate
(de Edward Zwick/Tomas Gutierrez Alea e Juan Carlos Tabio, Espanha1993, com Jorge Perugoria, Vladimir Cruz, Mirta Ibarra. Drama)

Segunda, 1

RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá
10.40 Uma Estranha Dama
11.35 Praça da Alegria
12.05 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Força de Mulher
14.40 Nico d' Obra
15.10 Made in Portugal
16.50 Carmen
17.45 Companhia dos Animais
18.15 Na Paz dos Anjos
19.15 País País
19.40 País Regiões
20.00 Telejornal
20.45 Moda Paris
21.10 TV Verdade
21.40 Filhos do Vento
22.40 Gala Elite Moda
23.45 Rádio Patrulha
00.45 24 Horas
01.30 O Refúgio de Helena
(de Michael Keusch, EUA1990, com Felicity Waterman, Pat Morita, Chris Lemmon, Nick Mancuso. Comédia)

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.40 Ellen III
16.00 Departamento de Homicídios
17.00 O Polvo
18.00 Imagens Vivas
18.45 Um, Dó, Li, Tá
20.00 Infantil
20.30 O Importante São as Pessoas
21.15 Remate
21.25 Murphy Brown
22.00 Jornal 2
22.40 A Angústia do Guarda-Redes no Momento do Penalty
(de Win Wenders, RFA-Austria1971, com Arthur Brauss, Kai Fisher, Erika Pluhar, Libgart Schwartz. Ver Destaque)
00.20 Nas Entrelinhas

SIC

09.10 Buêré
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Tocaia Grande
12.30 Imagens Reais
13.00 Primeiro Jornal
13.40 O Juiz Decide
14.40 Dra. Quinn
15.45 Buêré
17.30 Mulheres de Areia
19.00 O Amor Está no Ar
20.00 Jornal da Noite
20.50 Trapalhães
21.30 A Indomada
23.00 Na Pele de Uma Loira
(de Mark Roper, EUA1995, com Joe Lara, Cynthia Brooks, Bryan Genesse. Acção de Blake Edwards, EUA1991, com Ellen Barkin, Jimmy Smiths, Laraine Bracco. Ver Destaque)
01.00 Último Jornal
01.25 Os Rangers do Texas
02.55 Vibrações

TVI

10.10 Animação
11.40 Esquadrão Classe A
12.40 Cassandra
13.30 TVI Jornal
14.20 Laços de Amor
14.50 Caprichos
16.10 Éramos Seis
16.50 O Barco do Amor
17.40 Esquadrão Classe A
18.30 Models
20.00 Xica da Silva
21.00 TVI Jornal
22.00 Amor de Mãe
(de John Kent Harrison, EUA1994, com Meredith Baxter, Keegan MacIntosh, Nick Mancuso. Telefilme. Drama)
23.40 TVI Jornal
00.30 A Balada de Hill Street

Terça, 2

RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá
10.40 Uma Estranha Dama
11.35 Praça da Alegria
12.05 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Força de Mulher
14.45 Lições do Tonecas
15.15 Jet 7
15.50 Carmen
18.00 Último Nível
18.30 Na Paz dos Anjos
19.15 País País
19.40 País Regiões
20.00 Telejornal
20.55 TV Verdade
21.25 Filhos do Vento
22.00 Riso, Mentiras e Video
23.00 Antenas no Ar
00.50 86-60-86
01.25 24 Horas
02.00 «Lawman Without a Gun»
(de Jerrold Freedman, EUA1979, com Louis Gossett Jr., Philip Michael Thomas, Clu Gulager. Drama. Telefilme)

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.40 Ellen III
16.00 Departamento de Homicídios
17.00 O Polvo
18.00 Imagens Vivas
18.45 Um, Dó, Li, Tá
20.30 Rotações
21.10 Remate
21.20 A Grande Barraca
22.00 Jornal 2
22.40 Alice nas Cidades
(de Wim Wenders, RFA1974, com Rudiger Vogler, Yella Rottlander, Elizabeth Kreuzer. Ver Destaque)
00.30 Jools Holland

SIC

09.10 Buêré
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Tocaia Grande
12.30 Imagens Reais
13.00 Primeiro Jornal
13.40 O Juiz Decide
14.40 Dra. Quinn
15.45 Buêré
17.30 Mulheres de Areia
19.00 O Amor Está no Ar
20.00 Jornal da Noite
20.50 Imagens Reais
21.20 A Indomada
22.30 Grande Reportagem
23.30 O Cliente
00.30 Último Jornal
01.20 Vibrações

TVI

10.10 Animação
11.40 Esquadrão Classe A
12.40 Cassandra
13.30 TVI Jornal
14.20 Laços de Amor
14.50 Caprichos
16.10 Éramos Seis
16.50 O Barco do Amor
17.40 Esquadrão Classe A
18.30 Models
20.00 Xica da Silva
21.00 TVI Jornal
22.00 Amor de Mãe
(de John Kent Harrison, EUA1994, com Meredith Baxter, Keegan MacIntosh, Nick Mancuso. Telefilme. Drama)
23.40 TVI Jornal
00.30 A Balada de Hill Street

Quarta, 3

RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá
10.40 Uma Estranha Dama
11.35 Praça da Alegria
12.05 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Força de Mulher
14.40 Isto Só Video
15.15 Super Bebés
16.10 Carmen
17.30 Sem Limites
18.00 Na Paz dos Anjos
19.00 País País
19.30 Vamos Jogar no Totobola
19.40 Pais Regiões
20.00 Telejornal
20.45 TV Verdade
21.25 Filhos do Vento
22.55 Combate Mortal
(de Paul Anderson, EUA1995, com Christopher Lambert, Robin Shou, Linden Assby. Acção)
00.45 24 Horas
01.30 Desata-me
(de John Mark Robinson, EUA1992, com Zach Galligan, Teri Hatcher, Lara Harris. Comédia)

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.30 Ellen III
16.00 Departamento de Homicídios
17.05 O Polvo
17.50 Imagens Vivas
18.00 Imagens Vivas
18.30 Um, Dó, Li, Tá
20.30 Euronews
21.15 Remate
21.25 Os Simpsons
22.00 Jornal 2
22.40 Movimento em Falso
(de Wim Wenders, RFA1975, com Rudiger Vogler, Hanna Schygulla, Ivan Desny, Marianne Hoppe. Ver Destaque)
00.35 Vidas do Século

SIC

09.10 Buêré
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Tocaia Grande
12.30 Imagens Reais
13.00 Primeiro Jornal
13.40 O Juiz Decide
14.40 Dra. Quinn
15.45 Buêré
17.30 Mulheres de Areia
19.00 O Amor Está no Ar
20.00 Jornal da Noite
20.50 Imagens Reais
21.20 A Indomada
22.30 Grande Reportagem
23.30 O Cliente
00.30 Último Jornal
01.20 Vibrações

TVI

10.05 Animação
11.40 Esquadrão Classe A
12.40 Cassandra
13.30 TVI Jornal
14.20 Laços de Amor
14.50 Caprichos
16.10 Éramos Seis
16.50 O Barco do Amor
17.40 Esquadrão Classe A
18.30 Models
20.00 Xica da Silva
21.00 TVI Jornal
22.00 Paixão Imortal
(de Bernard Rose, EUA1994, com Gary Oldman, Jeroen Krabbe, Isabella Rossellini, Valeria Golino. Drama)
00.30 TVI Jornal
00.50 Fora de Jogo
01.45 A Balada de Hill Street

HOJE Tempo de antena do PCP na RTP1, a seguir ao telejornal. Não há Festa como esta!

A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

TELEVISÃO

Por isto e por aquilo...

Laços de Ternura

(Sexta, 23.40, SIC)

Este excelente primeiro filme realizado por James L. Brooks, segundo argumento escrito por ele próprio a partir de um romance de Larry McMurtry, retrata os problemas da vida em comum de uma mãe e de uma filha ao longo dos anos, numa história que constantemente vagueia por entre tonalidades ora mais ligeiras e serenamente repassadas de humor, ora intensamente dramáticas. Dir-se-ia "fluído" - "perfeito como na vida". Um encaideado de situações e um conjunto de interpretações tão "naturais" que integram o espectador como se fosse personagem e a vida daquela família o filme da nossa própria vida. Shirley MacLaine e Jack Nicholson arrancam, com as suas brilhantes interpretações, dois dos cinco Oscars que vieram premiar o filme, mas Debra

Winger tem aqui seguramente o grande momento da sua vida de actriz de cinema. Brooks, a quem foram directa ou indirectamente atribuídos os restantes Oscars (relativos ao Melhor Filme, ao Melhor Realizador e ao Melhor Argumento), então com um lastro de experiência unicamente (mas decisivamente) de televisão, realizaria posteriormente o também notável «Edição Especial» e é também autor de «A Guerra das Rosas».

Os Goonies

(Sábado, 17.00, SIC)

Os «goonies» são primos dos «gremlins» e descendentes de «e.t.», ou seja, são mais uma aplicação da fórmula Spielberg para *teenagers*, as crianças-adolescentes(-adultos?) do nosso tempo treinados nos jogos de vídeo e familiarizados com a sua acção trepidante a tal ponto que não custa nada imitá-los na vida...

Diz-se que o sucesso de «Os Goonies» tem tudo a ver com a intensidade de acção ("Acontecem mais coisas neste filme que em seis filmes de acção vulgares") e o

Em «Atari!» John Wayne troca as pradarias pela selva africana

verismo da linguagem ("os jovens heróis fariam corar Bogart em 'Casablanca'), e será interessante discutir se estes e outros traços destes filmes passam deles para a vida... ou da vida para eles, e vice-versa!

Outra razão do sucesso tem a ver com outra parte da fórmula de Spielberg aqui aplicada com êxito: a mestria na direcção de jovens actores. Só por eles, vale a pena.

Hatari!

(Sábado, 02.00, SIC)

Um clássico de Howard Hawks que conta as aventuras, a que também não são alheios traços de comédia, de um grupo de caçadores profissionais de animais selvagens para jardins zoológicos (filmado no Tanganika, «Hatari!» é «perigo!» em Swahili) e as também excitantes ciladas amorosas que se desenrolam no seu seio. Um grande papel de John Wayne brilhando no meio de uma distri-



Nicholson e MacLaine num fotograma de «Laços de Ternura» e Debra Winger, a outra grande intérprete do filme

buição internacional em que podemos igualmente recordar a figura de Elsa Martinelli. Sobretudo, uma série de sequências de caça, de antologia, sem o recurso a quaisquer truques ou duplos.

Notável é também a banda sonora de Henri Mancini

007 - Operação Relâmpago

(Domingo, 17.00, SIC)

Em manifesta inflação, mais um 007, agora na SIC. Trata-se da quarta adaptação ao cinema inspirada nas histórias de Ian Fleming, com o famigerado «agente secreto» 007 na crista da aventura. Ou, melhor, na crista das ondas e mesmo debaixo delas, já que a acção (ou as sequências mais espectaculares dela) se passa durante um vigoroso confronto submarino, com Sean Connery a lutar desenvoltamente contra o Espectro, uma tenebrosa organização que se apodera de dois bombardeiros da NATO para ameaçar a Inglaterra e os EUA com a deflagração de duas bombas atómicas. O costume, já mais do que visto, para passar o tempo...

Alice nas Cidades e todo o Ciclo Wim Wenders

(Segunda, Terça e Quarta, 23.40, RTP2)

A partir de Segunda-feira a semana cinematográfica da RTP2 é dedicada a Wim Wenders, o grande cineasta alemão, nos seus filmes de começo de carreira. Já então, há mais de 25 anos, os filmes de Wenders se construíam «em torno da viagem, da procura, da obsessiva busca de um objectivo, de um local de regresso ou de partida». E tal, quer em sentido figurado - onde está o porto interior de cada um? -, quer em termos de lugar, do «território de onde partir ou onde aportar». Profundamente alemão, os

seus filmes são sempre, assim, uma deambulação por territórios e atmosferas do mundo, da RFA ao Japão e aos Estados Unidos ou a Portugal.

Dos filmes programados para os primeiros dias da semana, Alice nas Cidades é seguramente o mais visto, inclusive na televisão. Realizado em 1974 é, nas próprias palavras de Wenders, "um filme sobre os mecanismos da alienação, sobre a simples e quotidiana esquizofrenia produ-

zida pelo relacionamento do indivíduo com o mundo circundante". Viagem a preto e branco por uma "Alemanha cinzenta", no caminho de uma criança de nove anos e do seu pai, em busca errante de uma identidade perdida em 1945, começa na América e acaba na constatação de que "todos os países ocidentais se confundem na mesma amálgama de esterilidade, vazio e desencanto".



... e 007 mais uma vez...

Movimento em

Falso, de 1975 (pro-

vavelmente inédito na nossa televisão) volta a percorrer a Alemanha acompanhando um escritor em busca da sua vocação e da sua inspiração, e é de novo marcado pela desencanto e pelo pessimismo em relação à RFA dos anos 70.

Tem argumento do escritor Peter Handke, igualmente autor do texto de A Angústia do Guarda-redes no Momento do Penalty, de 1971 (segunda longa-metragem de Wenders), outra personagem à deriva e outra história angustiante.



Ellen Barkin em «Na Pele de uma Loira», de Blake Edwards

Na Pele de Uma Loira

(Segunda, 23.00, SIC)

Eis um filme bem à moda de Blake Edwards, que à sua maneira gosta de ridicularizar os machismos mais comumente vigentes em histórias e situações mais ou menos hilariantes. No caso, trata-se de um galã que em pleno usufruto dos seus tiques e truques de galã é assassinado. Mas o seu espírito volta à terra em perfeito estado de conservação e identidade - só que reencarnado numa mulher. Notável, no filme, é Ellen Barkin, que nos habituámos a ver em papéis dramáticos e quase sempre à sombra de outros grandes actores (Voight, Al Pacino), a afirmar-se como grande actriz de comédia.

TELEVISÃO

■ Correia
da Fonseca

Duplo sequestro na TV2

Agora, como se sabe, há esta nova forma de relativa eternidade que é o vídeo. Graças ao vídeo, tenho podido revisitar Leonard Bernstein não apenas a reger Beethoven, o que já seria bom, mas também a falar. Tenho-o revisitado, apesar de ele ter morrido há sete anos e também de a RTP ter dificultado quanto pode estes encontros, transmitindo os programas em que Bernstein regressa com a música de Beethoven sempre por volta das duas da madrugada. É um horário desconcertante, este, e tenho procurado entender por que tremendas razões de queixa Joaquim Furtado, ou alguém por ele mas com a sua indispensável aquiescência, condenou o velho génio a este regime de semi-incomunicabilidade consubstanciado na transmissão da sua música a desoras. Logo Beethoven, figura tão integrada pelo «establishment» que até lhe pilharam a música para a usarem como emblema sonoro da Europa dos Empresários.

À falta de melhor, considerei a hipótese de a presumível má-vontade da RTP ser dirigida contra Bernstein, homem cujos laivos de militância política pela paz não impediram, contudo, de ter um lugar destacado na programação da TV do fascismo. Mas era uma hipótese improvável: o maestro até regera, um ano antes da sua morte, um concerto com óbvias conotações políticas em sintonia perfeita com o que é politicamente correcto no Ocidente em geral e na Avenida 5 de Outubro em particular. Aliás, razão de queixa por razão de queixa, o que me surpreende é que, depois disso, eu próprio tenha mantido por Leonard Bernstein, praticamente intacta, a antiga simpatia que se me instalou enquanto assistia aos agora quase míticos Concertos

entre fortísimos e pianísimos no Beethoven sinfónico? Calcula-se como os vizinhos do telespectador ouvinte terão acordado em cólera, se não em pânico, ao som robusto das «pancadas do destino» da Quinta, da tempestade que a Sexta evoca ou do Coral magnífico da Nona? Na verdade, dir-se-ia que só um surdo pode ter optado por esta solução horária. E não se diga que sempre o telespectador poderia reduzir o volume de som em certos passos; nem Beethoven é Bach ou Haydn, nem as suas partituras foram escritas a contar com a colaboração do auditor em matéria de redução das sonoridades.

Bem sei que, de qualquer modo, o risco de tais atentados à integridade das sinfonias terá sido mínimo: receio que poucos tenham sido os telespectadores que se mantiveram despertos para poderem ouvir as sinfonias e que, neste sentido, as transmissões quase não tenham existido,

numa interrogação mais modesta: julgará a RTP que pode deitar para o lixo (ou para o vazio, o que é a mesma coisa) um tesouro que só seis cadeias de televisão lograram reunir?

A iluminação da vida

Sei que para estas dúvidas e estranhezas pode haver uma resposta clara, perfeita, convincente. Que talvez essa resposta tenha sido dada pela senhora dona Direcção de Programas da RTP a quem, a nível hierárquico ou tutelar adequado, porventura tenha expresso dúvidas e estranhezas. Acontece, porém, que, ao contrário do que alguém possa supor, a RTP deve explicações não apenas a quem a tutela mas também, e mais ainda, a quem a paga. Melhor: a quem é a justificação da sua subsistência, o País. É ao País, nas pessoas dos milhões de cidadãos que são utentes da televisão pública, que a RTP deve explicações. E é ao País que a RTP sistematicamente nega explicar-se.

Não se diga que é excessivo utilizar esta linguagem quase solene a propósito da transmissão de umas peças sinfónicas cuja audição só interessaria uma minoria. Posso utilizar, é certo, uma fórmula mais crua e dizer que a Direcção de Programas roubou a alguns cidadãos portugueses a oportunidade de um encontro com Beethoven que poderia marcar toda a sua vida cultural subsequente. Sabe-se que Beethoven é dos que são capazes de operar milagres desses. Sabe-se que essa probabilidade aumenta quando à música de Beethoven se acrescentam as palavras de Bernsteins, provavelmente mais precioso como estimulador do amor à música que como regente de orquestra de estilo polémico, talvez demasiado histriónico. Sabe-se, naturalmente, que os responsáveis da RTP têm a obrigação de saber isto mesmo, ainda que não saibam muito mais, o que frequentemente parece provável. Deste quadro decorre

uma responsabilidade que a crítica tem o elementar dever de, no mínimo, registar.

O pior de tudo talvez se situe nesta área onde confluem a música de Beethoven (e sobretudo a Nona, que não é uma sinfonia como as outras), a intervenção de Bernstein e os deveres da RTP. É que em Leonard Bernstein convergiram, convergem, a opção pela cultura e a iluminação da vida pelos dados recolhidos na fruição e produção culturais. Como em Beethoven, de resto. Por isso falam de paz, de utopia, de coragem, de fraternidade, Bernstein e Beethoven, este último também com as palavras de Schiller mas não apenas com elas. Por isso foi tão grande pena que a genera-

lidade dos telespectadores, incluindo muitos dos virtuais interessados, fosse impedida de ouvir as palavras do maestro, a música do compositor e o poema do poeta, pela estranha política horária de uma obscura mas nociva Direcção de Programas.

E além disso tem outra coisa, como canta o conhecido samba. Pôr Beethoven e Bernstein no sequestro da inacessibilidade horária parece denunciar não apenas despreço por bens culturais obviamente estimáveis e... ostensivo desprezo pelos que apesar de tudo gostariam de usufruí-los, mas também uma espécie de odioso minúsculo votado a elementos relevantes da cultura tradicional. Não gostaria de ter de escrever um dia que Joaquim Furtado puxa da «grelha» ou das tabelas de audiências quando ouve falar de cultura. Não gostaria, mas tudo depende dele. Ou daqueles em quem Furtado delega as suas responsabilidades: alternativa esta que, já se vê, eu incluo em benefício do suspeito.



para Jovens e se reforçou depois, quando o maestro arriscou alguma coisa ao opor-se publicamente à Guerra do Vietname.

Da surdez possível às forçadas perguntas

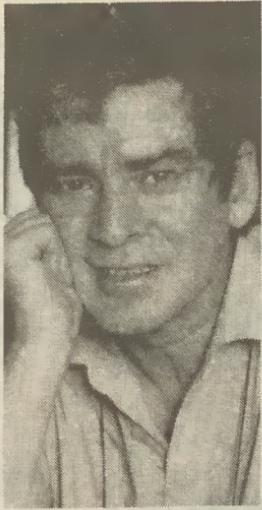
Persiste, pois, o mistério de saber os motivos que levaram ao sequestro da dupla Beethoven/Bernstein nessa

pois é claro que não há efectivamente televisão quando o público desliga o televisor e vai ressonar. Aí, porém, explode o meu espanto, se não a minha indignação. Desatina-me que a Radiotelevisão Portuguesa tenha lançado para o deserto uma série cujo interesse é avaliável pelo facto de para a sua produção se terem associado seis cadeias de TV. Quer dizer: abandono o inquestionável interesse estético e cultural da regência de Bernstein, para me situar

ESCAPARATE

Haja harmonia

Andar ao pé coxinho dá direito a prisão? Com esta pergunta provocatória, circula por aí um texto a propagandar uma peça de teatro. Cujo título, **Haja harmonia**, nos faz logo suspeitar de complicadas evoluções dramáticas. Afirma outro texto, e nós acreditamos, que «uma peça de teatro só existe no palco - fora dele é um texto literário». Assim, só nos resta aguardar para ver e ouvir o que o **Teatro da Malaposta** vai estrear proximamente. É já em 11 de Setembro, mas queremos deixar ao leitor o tempo de fazer os seus planos e preparar-se para o espectáculo. O texto - porque antes da peça há um texto,



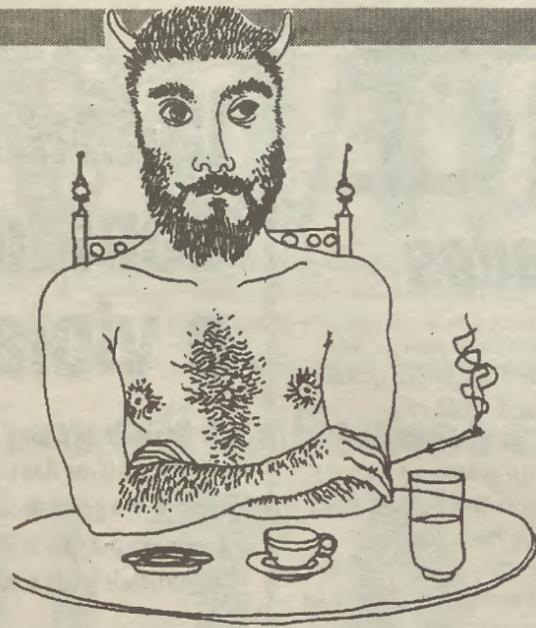
como nos dizem, é da autoria do conhecido escritor **Mário de Carvalho**, como já promete qualidade. A encenação, para que a qualidade suba ao palco, é de **Mário Jacques**. As interpretações estão a cargo de **Alexandre Ferreira, Ana Nave, Elisa Lisboa, Elsa Valentim, Jorge Estreia, Jorge Gonçalves, Jorge Silva, Luís Alberto, Mário Redondo e Victor Santos**. A cenografia é de **José Carlos Barros**, os figurinos de **Susana Afonso**, a música de **Luís Cília**, a sonoplastia de **José Pedro Calado**, o desenho de luz de **Manuel Costa e Silva**, a coreografia de **Aldara Bizarro**. Irão as coisas complicar-se? Será uma peça cómica? Ou trágica? A ver vamos. No **Teatro da Malaposta**, em Olival Basto, a 11 de Setembro.

TEATRO

Bolero

Começou anteontem e vai estar em cena até domingo, no pequeno auditório do **Centro Cultural de Belém**, a peça **Bolero**, da autoria de **José Carretas e Manuel Cintra**. Diríamos melhor - o espectáculo, pois aqui se interceptam o cinema e o teatro, a contar uma história que se desenvolve - ou se plasma - nos anos mais 50 que 60, à luz pasmada e provinciana de uma Lisboa obscura, quando alguns intelectuais se sentavam no Gelo a «resistir». «Há um outro motivo para falarmos dos anos 50, talvez o mais importante», dizem os autores. «Muito do espírito da época, o medo de falar, o medo de pensar, o provincianismo, o gosto de colono colonizado não morreram ainda. Escrever e pôr **Bolero** em cena funciona para nós como um exorcismo.» Visitar a peça será porventura evocar fantasmas, para os aniquilar, o que é sempre um bom exercício.

A encenação e a cenografia são de **José Carretas** e o filme de **Pedro Sena Nunes**. Os figurinos são assinados



© João Rodrigues

por **Margarida Wallenkamp**, a música de **Jorge Laurentino** e de **Fernando Mota**, a luz de **Jorge Ribeiro**. E o desenho que ilustra esta prosa é do **João Rodrigues**, um artista que desenhou essa época e não viveu as seguintes.

REVISTAS



Vértice

O número da **Vértice** cuja distribuição se iniciou já e de que hoje falamos apresenta uma primeira parte dedicada aos oceanos. Um mar de questões, portando, tratado nesta prestigiada revista, e reunindo, como sempre, nomes destacados da intelectualidade portuguesa. Como os oceanos têm muitas praias por que se lhes pegue, também os artigos publicados mostram outras tantas visões das águas que nos rodeiam. Desde os mares vistos pelo prisma da geologia, com uma interessante abordagem do movimento tectónico das placas que dão forma ao mundo geográfico, até à dimensão astrofísica dos oceanos e da vida, passando pelas pescas, pela literatura e pelas viagens. Aliás é opinião corrente que um dos méritos da **Vértice** é mesmo este - dar ao leitor a visão multifacetada da cultura, através de trabalhos especializados e as mais das vezes interessantes. Para além dos oceanos, que são a parte temática **Em Questão** neste número, a **Vértice** publica outros artigos **Em Estudo**, sobre arquitectura, linguística, política, filosofia. É escolher...

EXPOSIÇÕES

À espera da Bienal

Enquanto o leitor espera pela Bienal de Artes Plásticas que a Festa do «Avante!» vai proporcionar aos seus visitantes - e que constitui certamente o mais importante certame de arte em Portugal, pela diversidade da participação e pela tradicional qualidade dos trabalhos que ao longo dos anos já nos habituou - as exposições alastram pelo País, de Norte a Sul. No **Porto**, a escolha é vasta, e assinalamos os trabalhos de **Jacques e Catherine Pineau**, na Galeria Alvarez. Em **Lisboa**, corre a retrospectiva de **Paula Rego** no Centro Cultural de Belém, ou a antológica de **Francis Picabia**, no mesmo CCB. Ainda em Lisboa, a Culturgest mostra uma selecção de «artistas não conformistas» da URSS (resta saber se agora estão conhecidos...), e nas **Caldas da Rainha** expõe **Santa Bárbara**, na galeria Osiris. A pintura Naif

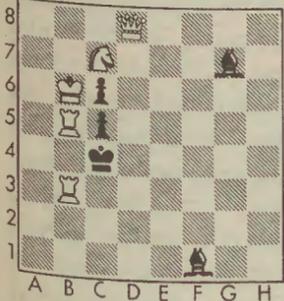


vai estar no **Estoril** (sim, no Casino) até 3 de Setembro. A **Expoarte** - uma colectiva de desenho, pintura, escultura e tapeçaria, está patente até domingo na **Zambujeira**.

XADREZ

DCXXIII - 28 DE AGOSTO DE 1997
PROPOSIÇÃO Nº 1997X32
Por: **H. HERMANSON [Suécia]**
Thèmes 64 [Nº 9], 1958

Pr.: [5] Ps. ç5, ç6 - Bs. f1, g7 - Rc4
Br.: [5] Cç7 - Ts. b3, b5 - Dd8 - Rb6



Mate em 2 [dois] lances

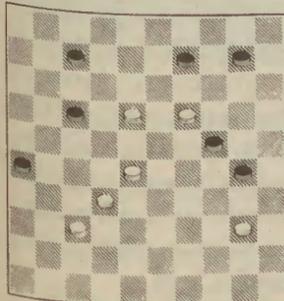
SOLUÇÃO DO Nº 1997X32 [H. H.]

1. Dd1! [Ameaça: 2. Tç5 #], Bf8 / Bd4 / Bd3 / çb5; 2. Dg4 / D:f1 / D:d3 / Dd5 #
A. de M. M.

DAMAS

DCXXIII - 28 DE AGOSTO DE 1997
PROPOSIÇÃO Nº 1997D32
Por: **S. v. Heerwaarden**,
Holanda, 1934

Pr.: [7]: 7-9-10-17-24-26-30
Br.: [6]: 18-19-28-32-37-40

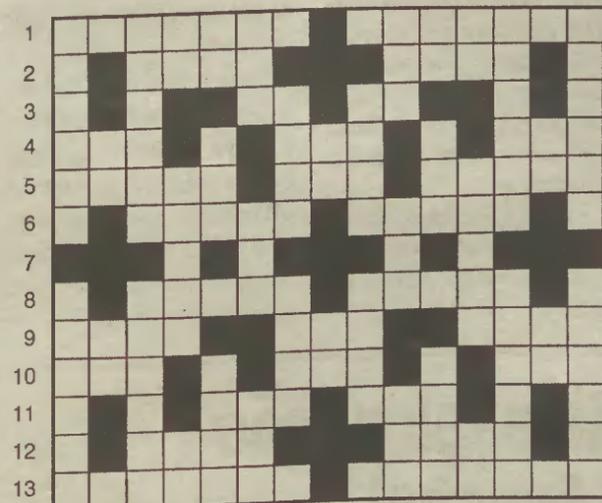


Brancas jogam e ganham

SOLUÇÃO DO Nº 1997D32 [S. v. H.]
1. B-13-13; 2. 28-23, (18x29)x; 3. 37-31, (26x18); 4. 40-35, (24x13); 5. 35x2-18; 6. D+
A. de M. M.

PALAVRAS CRUZADAS

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



HORIZONTAIS: 1 - Conjunto de partículas muito finas de argila, misturadas com areia, limonite, matéria orgânica, etc., que constitui uma rocha sedimentar detrítica; da natureza ou a ela respeitante. 2 - Estimai; votação. 3 - Conj. indicativa de alternativa ou incerteza; o sono dos meninos. 4 - Larva que se cria nas feridas dos animais; gracejar; encolerize. 5 - Rodopiar; hora canónica; passagem natural ou artificial de águas. 6 - Suporta; ligara. 8 - Que se vê bem; jogo de azer chamado também quino, que se joga com cartões cujos números são cobertos com marcas cilíndricas numeradas, tiradas de uma sacola (pl). 9 - Nome vulgar extensivo a várias espécies de peixes seláquios da família dos raídeos, com parte do corpo um tanto achatada e larga, alguns dos quais mais ou menos frequentes em Portugal; caminho ou estrada que conduz de um ponto a outro; armazém de cereais. 10 - Dama de companhia; apelido de heroína francesa; bigorna de ourives. 11 - Conjunto de duas pessoas; pedra de altar. 12 - Conductor de palanquim na Índia; compareceria. 13 - Resumo; calibre ou corrente que prende o navio à âncora (pl).

VERTICAIS: 1 - O m.q. natureza (poét.); variedade de laranja (pl). 2 - Letra grega; interj. de dor. 3 - Mata vedada por muro; remaram para trás. 4 - Preposição; rei dos hunos; prejudicial. 5 - Caminhava para lá; sapo do Amazonas; inchar. 6 - Curso natural de água; grande quantidade; acolá. 7 - Vaso ou caixa, de forma especial, onde se recolhem os votos de um escrutínio ou os números de uma rifa; distrito do concelho de Aveiro. 8 - Satélite de Júpiter; Irdio (s.q.). 9 - Verbal; vermiz da China. 10 - Insignificância (fig.); profundo; viscera dupla. 11 - Porto (prov.); palhoça de índios; desarranjo mental (fig.). 12 - Antiga nota dó; porção da circunferência ou de qualquer outra curva (pl); aparecer. 13 - Prática constante; colocar. 14 - Rádio (s.q.); nota musical. 15 - Pequena lâmina; detenção ou fruição de uma coisa ou de um direito (pl).

la; posses. imo; rim. 11 - T6; oca; tara. 12 - U; arcos; fr. 13 - Rotina; situar. 14 - Ra; la. 15 - Lame- 5 - la; ar; opa; 6 - Rio; rot; alt. 7 - Uma; Ovar. 8 - lo; fr. 9 - Ora; laca. 10 - Avo; 11 - Part. ara. 12 - Amal; ira. 13 - Sumário; amarras.

VERTICAIS: 1 - Nature; pratas. 2 - R6; at. 3 - Tapada; ciaram. 4 - Em; Átila; má. 5 - Rodar; noa; canal. 6 - Alura; liara. 8 - Clar; lotos. 9 - Raa; via; silo. 10 - Ala; Ara; Arc. 11 - Naturo; natural. 12 - Amal; voia. 13 - O; o6; 4 - Ura; fr; fr. ire.

HORIZONTAIS: 1 - Naturo; natural. 2 - Amal; voia. 3 - O; o6; 4 - Ura; fr; fr. ire. 5 - la; ar; opa; 6 - Rio; rot; alt. 7 - Uma; Ovar. 8 - lo; fr. 9 - Ora; laca. 10 - Avo; 11 - Part. ara. 12 - Amal; ira. 13 - Sumário; amarras.

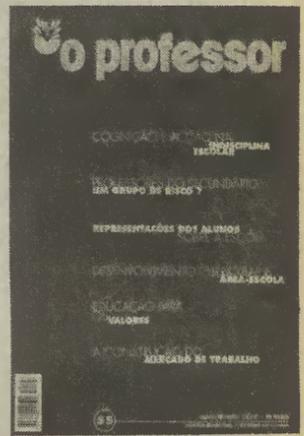
MÚSICA



Adios Astor

O Verão tem destas coisas - uma série de iniciativas favorecem os que se encontram de férias e podem gozar os prazeres da arte, juntando-os a outros prazeres, os do ócio, por exemplo. No campo da música multiplicam-se festivais, concertos, espectáculos. Para todos os gostos. Hoje escolhemos divulgar o que muitos, mais atentos, já sabem. No próximo sábado, a homenagem a **Astor Piazzolla**, no **Convento dos Capuchos**, na Caparica. Às 22 horas, o **Opus Ensemble** ataca alguns temas - **Le Grand Tango, Nuevo Tango Suite, Kicho, Divertimento, Oblivion, Milonga del Angel, Adios Nonino**.

Isto na margem esquerda do Tejo. Na margem direita, **Sintra**, decore o **XXXII Festival de Música**. Nos jardins do Hotel-Palácio de Seteais, de 29 a 31 de Agosto, às 21,45 horas, o **National Ballet of Wiesbaden** apresenta **Romeu e Julieta** - música de **S. Prokofiev**, coreografia de **Ben van Cauwenbergh**.



O Professor

A revista **O Professor** também já se encontra à disposição dos seus leitores. Com um carácter nitidamente mais especializado, **O Professor** é de leitura ainda assim interessante não apenas para os profissionais da pedagogia mas para todos os que se interessam pela matéria, que afinal diz respeito a todos. Trabalhos sobre a escola, o seu funcionamento e o modo como é vista, a comunicação entre docentes e alunos, os problemas da actividade docente, a questão dos valores e da educação, a relação entre a escola e o mercado de trabalho, eis alguns temas desenvolvidos neste número da revista dirigida por **Manuela Esteves** que, em editorial, critica a actual política educativa do Governo.

A TALHE DE FOICE Generalidades

Não é costume dar por eles, porque falam pouco e nem parece saberem escrever. Dá-se pelo que pensam porque, de vez em quando há afloramentos de violência, rapidamente esquecidos no turbilhão de desvairadas violências que o mundo sustenta e o sistema gera e a distração permite. Às vezes são-nos apresentados como mais um espectáculo - fenómeno de feira, esquisitice, bizzaria marginal. Quando se lhes recorda os malefícios, e é raro, costuma-se envolvê-los em respeitabilidade e na «objectividade histórica» - o «generalíssimo» Franco tomou Madrid, o «professor» Salazar fortaleceu o escudo. E diz-se «Estado Novo», recuperando a terminologia inventada pelo salazarismo para apagar da memória que, de fascismo, tivemos 48 anos. Com perseguições e morte, tortura e obscurantismo, guerra colonial e censura.

Já o fascismo fizera o seu próprio aggiornamento, maquilhando-se para poder sentar-se mais à vontade entre os parceiros democráticos do mundo ocidental e cristão. Nomeou de «províncias ultramarinas» as colónias, chamou mais tarde DGS à Pide e Exame Prévio à censura - e à tortura apelidou primeiro de «safões a tempo» e mais tarde de «interrogatórios de três ou quatro horas».

Extirpar a memória para recuperar o tempo e o lugar perdidos, ou para manter-se à tona da história, foi e continuará a ser a sua tática. Justificar-se em santo nome de desígnios nacionais, apontar ao inimigo - porque essa gente não tem adversários - a culpa dos seus próprios crimes sempre foi a sua escolha. Porque já a propaganda hitleriana sabia que valia a pena mentir. E hoje outros continuam a saber que a mentira compensa. Se há mais de 50 anos a culpa era dos judeus, se há mais de 30 se partiu para África porque «Angola é nossa», se há mais de 20 um estádio foi palco de morte em Santiago e o Chile transformado em sangue por causa da «subversão comunista», hoje aí estão as palavras de Le Pen a dizer que a culpa é dos estrangeiros e a reclamar a França para os Franceses, e o general Pinochet, fazendo o seu discurso de despedida como comandante-chefe do Exército - lugar que manteve apesar do retorno à democracia no Chile -, a justificar o golpe militar e os crimes porque «nos tempos de Salvador Allende a subversão comunista ameaçava levar o país para a ruína».

É que eles andam ainda por aí. Os nazis. Os fascistas. A democracia tem destas coisas, quando é gerida pela direita ou pelas políticas de direita - deixa as portas abertas para a extrema-direita que mascara mais ou menos o seu discurso, quando é apenas e ainda de discursos que se trata.

Em Portugal, após o 25 de Abril, os fascistas correram a refugiar-se em «maiorias silenciosas» à sombra de um general bemquisto entre algumas forças democráticas, procurando mais tarde um lugar menos comprometedor no interior dos partidos da direita - e não só -, fazendo do anticomunismo a matéria com que fabricaram a aliança contra-revolucionária.

Os fervores dos ultras ficaram confinados a pasquins como «O Diabo» e quejandas folhas, a romagens de 1º de Dezembro, a partidos ilegais, aos rapazes de cabeça pelada, ao assassinio de rua, à bomba clandestina.

Marginalidades, parecia. De vez em quando, a direita de boas maneiras dava uma ajuda, levava à televisão o fel de comentadores - gerais e até mesmo pides - com a mãozinha desejosa de se erguer, esticada e ariana. Sem essa preciosa ajuda, quase não se dava por eles. Mas estão aí. Com ajuda.

Como esse general a quem um Presidente ofereceu a sua casa (militar); a quem hoje os partidos da direita oferecem uma candidatura; a quem um jornal de grande tiragem oferece tribuna. O pior é que o homem fala. E azereda. E insinua que holocausto não houve. Que os judeus querem ficar com o «nosso» ouro. E diz que Timor é «ainda nossa província ultramarina». E que «é inaceitável» que «se entregue quase todo o Alentejo ao PCP».

■ LM

ÚLTIMAS

Trabalhadores retomam a luta União dos Sindicatos de Braga denuncia salários em atraso e violação de direitos

No início da próxima semana as estruturas representativas dos trabalhadores do distrito vão fazer ouvir o seu protesto contra a revisão constitucional, acordada pelo PS e PSD, apontando os pontos mais prejudiciais para o mundo do trabalho.

A análise da situação social, ao nível das empresas e sectores, foi feita pela executiva da USB/CGTP na segunda-feira, em reunião cujas conclusões foram anteontem divulgadas e onde é destacado «um crescente aumento dos salários em atraso e da violação dos direitos».

Como casos mais preocupantes, a União de Braga aponta a **Garcia Joalheiro** (empresa com 100 trabalhadores, paralisada e com salários por pagar desde Junho), a **Empresa Têxtil Eléctrica** (que não pagou os subsídios de férias aos seus 300 trabalhadores) e a **Têxteis Tarf** (cujos quase 500 trabalhadores ainda não receberam o mês de Julho e que tinha, segundo o sindicato do sector, agendada para ontem uma reunião de accionistas onde seria apresentada uma proposta para regularizar a situação, caso obtivesse o acordo da Norpedip e Sulpedip; o Sindicato Têxtil convocou para hoje de manhã um plenário na fábrica).

A executiva «registou o continuar da luta pelas 40 horas e continua a registar, no pós-férias, uma adesão dos trabalhadores», informa a nota distribuída à imprensa, citando os exemplos da Têxtil Riopele e da Sampaio Ferreira (cujos trabalhadores retomaram dia 23 a greve pela redução efectiva dos horários).

«Entre diversas violações de direitos», a USB refere «dezenas

de queixas apresentadas na Inspeção Geral do Trabalho por violação de direitos, trabalho infantil e trabalho clandestino». A propósito, é novamente indicada a Garcia Joalheiro, com cerca de 30 trabalhadores clandestinos num total de cem.

Os dirigentes sindicais bracarense repudiaram a agressão do administrador da Fehst (Complexo Grundig-Blaupunkt) contra um delegado sindical e membro da CT daquela empresa, e expressaram o apoio da União ao processo crime e à queixa que seguiu para a OIT.

Na reunião foram analisados «o processo da revisão constitucional e os prejuízos que daí advêm para os trabalhadores, fruto da negociata vergonhosa entre o PS e o PSD», e também a situação na Segurança Social.

Nas conclusões figura um calendário de acções contra «esta grave ofensiva dos patrões e do Governo contra os trabalhadores»:

- nos dias 1 a 3 de Setembro as estruturas sindicais e CTs do distrito vão fazer chegar aos partidos políticos e aos órgãos de poder, nacionais e distritais, protestos formais indicando os pontos da revisão constitucional mais lesivos dos interesses dos trabalhadores;

- para a manhã de 20 de Setembro ficou marcada uma vigília pelas 40 horas, em Guimarães;



Em Dezembro todas as empresas deverão ter como horário máximo as 40 horas semanais (foto de arquivo)

- no dia 26 de Setembro terá lugar, em Braga, uma sessão pública sobre os problemas da Segurança Social;

- a 1 de Outubro, na Avenida Central de Braga, decorrerá uma sessão pública assinalando o 27º aniversário da CGTP.

Agricultores de Pombal contra poluição

A Federação dos Agricultores do Distrito de Leiria vai promover na segunda-feira, em Pombal, uma marcha de agricultores, em protesto contra a alegada poluição causada por uma cerâmica do lugar de Travasso.

António Ferraria, presidente da FADL, disse à Agência Lusa que as culturas agrícolas nas proximidades da empresa «Preceram» «são totalmente destruídas ano após ano», numa situação que se verifica desde há quatro anos.

O líder desta estrutura representativa de agricultores acusa a Direcção Regional do Ambiente de «ir fechando os olhos a esta situação clamorosa».

Pedro Jordão, da administração da «Preceram», disse-se «admirado» com o anúncio da FADL, pois a empresa está a laborar «dentro da legalidade».

António Ferraria revelou que a federação já enviou «dois ofícios à fábrica, que nunca tiveram resposta», pelo que agora, para além dos protestos na rua, a FADL projecta apresentar queixa em tribunal contra a cerâmica, pedindo indemnizações para os agricultores prejudicados.

A marcha de 1 de Setembro será aproveitada pelos agricultores do concelho para denunciarem que «cada vez as dificuldades são maiores» no sector, com destaque para a situação da produção de leite, da bovinicultura, da produção de arroz e da fruticultura.

Os agricultores, depois de desfilerem pelas ruas de Pombal, concentram-se às 10.30 junto da praça da fruta, onde distribuirão maçãs, pêras e batata à população, «numa atitude de protesto contra a falta de escoamento dos produtos nacionais», adiantou o presidente da FADL.

CDU denuncia exploração no Porto do Funchal

O porto do Funchal é o mais caro da Europa e a empresa que o explora (OPM/ETP) atenta contra os direitos dos descarregadores, denunciou segunda-feira Edgar Silva.

O deputado da CDU/Madeira, em declarações citadas pela Agência Lusa e produzidas após uma visita àquela infra-estrutura portuária (no quadro de outras iniciativas que noticiamos na pág. 8), refere que trabalham 70 descarregadores efectivos naquele porto mas «há uma lista de cerca de 200 que estão inscritos e que são chamados quando existe maior movimento». Estes trabalhadores eventuais, para além de um contrato esporádico e válido apenas para o dia em que trabalham, não são remunerados como se fossem efectivos, apesar de serem muito solicitados.

«São situações de escravidão e de grande exploração e são quase «biscateiros», comentou o deputado regional da CDU. Edgar Silva salientou ainda que esta situação dos trabalhadores se mantém há quatro anos, apesar de terem beneficiado de formação profissional e de a empresa se ter candidatado a verbas comunitárias.

Por um turno, os trabalhadores efectivos recebem 15 mil escudos enquanto que os «biscateiros» auferem apenas metade desse valor, mas a empresa factura ao navio o preço total, criticou Edgar Silva. Quanto ao trabalho nocturno, um descarregador efectivo recebe 20 mil escudos, enquanto ao eventual apenas são pagos 12 mil escudos.

«Estas situações são de grande precariedade e de grande

exploração visando apenas grandes lucros para estas empresas privadas», disse Edgar Silva, anunciando que a CDU/M vai apresentar na próxima sessão legislativa da Assembleia Regional projectos que visam defender estes trabalhadores.

Edgar Silva denunciou também o facto dos 18 «bomboleiros» (comerciantes de artefactos aos turistas em trânsito no porto do Funchal, cujo negócio era efectuado ao ar livre, antigamente) terem sido reagrupados em três lojas «com mesas concorrentes entre si», o que, segundo o deputado, provoca «competitividade dentro de um espaço muito reduzido», com «todos a lutar pela sobrevivência», chegando mesmo a haver situações de agressão.

